



**Que mundo
queremos?
Eu, você, nós!**



**Que mundo
queremos?
Eu, você, nós!**

FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama
Rua Barão de Itapetininga, 37 (Edifício Nova Barão IV)
cj. 402 – República – 01042-001 – São Paulo (SP)
Celular/WhatsApp: 55 11 9 913149498
info@febrap.org.br
www.febrap.org.br

24ª GESTÃO SÃO PAULO/SP – 2023-2024

Presidência

Andréa Claudia de Souza

Diretoria de Ensino e Ciência

Vanessa Ramalho Ferreira Strauch

Diretoria de Eventos Científico-culturais

Viviane Oliveira de Almeida Jeremias

Diretoria de Comunicação e Divulgação

Adelsa Maria Álvares Lima da Cunha

Diretoria Administrativa

Denilda Oliveira do Prado

Diretoria Financeira

Carlos Alberto Machado Ribeiro

Diretoria de Publicações

Luiza Lacerda de Oliveira

Suplentes

Wesley Miranda Marques (1º)

Geórgia Maria Albuquerque

de Paula Lopes (2º)

Ouvidoria

Lucio Guilherme Ferracini

Publicações FEBRAP

Impromptu Man: J. L. Moreno e as origens do psicodrama, da cultura do encontro e das redes sociais. São Paulo: FEBRAP, 2016.

Sociometria. Método experimental e a ciência da sociedade: Abordagem para uma nova orientação política. São Paulo: FEBRAP, 2020.

Que mundo queremos? Eu, você, nós!

Editado pela Federação
Brasileira de Psicodrama



São Paulo, Brasil
2024

Copyright @ 2024 by Federação Brasileira de
Psicodrama - FEBRAP
Obra publicada conforme Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.
Qualquer parte desta publicação pode ser
reproduzida, desde que citada a fonte.

Edição

Andréa Claudia de Souza e Luiza de Oliveira

Preparação e revisão de provas

Tamara Castro e Cristina Yamazaki

Capa

Bruna Maria Martins de Freitas

Diagramação

Dora Murano — Murano Design

Foto dos autores

Arquivos pessoais

Que mundo queremos? Eu, você, nós! Obra

lançada em primeira edição no Brasil por
ocasião do Prêmio FEBRAP do 24º Congresso
Brasileiro de Psicodrama e 2º Congresso Regional
Latino-americano de Psicoterapias de Grupos e
Processos Grupais, em setembro de 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Que mundo queremos? [livro eletrônico]: eu,você, nós! /
Laura de Souza Zingra Romero...[et al.]. – 1. ed. – São Paulo:
Federação Brasileira de Psicodrama - FEBRAP, 2024. PDF

Outros autores: Daniela de Figueiredo Ribeiro,
Marcos Antonio Sousa Rodrigues, Paulo Cesar de Oliveira,
Leandro Felipe Diniz Vieira.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86552-03-4

1. Emoções - Aspectos psicológicos 2. Psicodrama
3. Psicodrama - Uso terapêutico 4. Psicologia
I. Romero, Laura de Souza Zingra. II. Ribeiro, Daniela de
Figueiredo. III. Rodrigues, Marcos Antonio Sousa. IV. Oliveira,
Paulo Cesar de. V. Vieira, Leandro Felipe Diniz.

24-240389

CDD-616.8915

NLM-WM-430

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicodrama : Medicina 616.8915

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Prefácio	7
Uma política utópica dos afetos para lançar no espaço sideral <i>Laura de Souza Zingra Vomero</i>	11
Uma floresta de árvores anciãs: Sonho-ação sobre psicoterapia de grupo psicodramática <i>Daniela de Figueiredo Ribeiro</i>	41
Psicodrama e surdez: Relato de experiência de atendimento a um casal surdo-ouvinte <i>Marcos Antonio Sousa Rodrigues</i>	83
Carreira em Z: O nascimento de um conceito da administração com base na teoria psicodramática <i>Leandro Felipe Diniz Vieira</i>	117
Ensaio sobre as coletividades e as lógicas coloniais de atuação <i>Paulo Karaí Xondaro de Oliveira</i>	135
Apêndice	187

Prefácio

É com grande satisfação e entusiasmo que recebo, em nome da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), a inovadora mudança no tradicional Prêmio FEBRAP do Congresso Brasileiro de Psicodrama. A pedido de Valéria Brito, Coordenadora da Comissão Científica, Maria das Graças Campos na presidência do Congresso Presencial, Ana Cristina Caldeira na presidência do Congresso Virtual, Viviane Almeida na Diretoria de Eventos; e na parceria com Devanir Merengué nos debruçamos junto com Antonio Carlos de Souza, o Tom, e Rosana Rebouças na construção do projeto. O resultado desses esforços, concretizado neste livro, reflete um compromisso renovado com a valorização e a disseminação do conhecimento na área, transformando o prêmio que antes consistia em um cheque com valor simbólico em algo ainda mais significativo: a produção de um livro científico que reúne os melhores trabalhos apresentados.

Esta iniciativa vai além de um simples reconhecimento individual. Ao ampliar o número de premiados e proporcionar a oportunidade de publicação, reforçamos o objetivo primordial da FEBRAP: promover a disseminação do psicodrama e acompanhar de perto a evolução do pensamento sicionômico

em nosso país. Através deste livro, esperamos contribuir para o desenvolvimento contínuo do psicodrama, tanto como teoria quanto como prática aplicada.

O psicodrama, em sua essência, é uma poderosa ferramenta de transformação, capaz de ser utilizada em diversos contextos, impulsionando o desenvolvimento da sociedade e dos seus atores sociais. Ele não se limita a um único campo de atuação, mas se expande, abrangendo diferentes lócus, desde a clínica até a educação, a organização e a comunidade. Cada um desses espaços oferece um terreno fértil para o crescimento pessoal e coletivo, onde as técnicas psicodramáticas podem gerar impactos profundos e duradouros.

Ao finalizarmos a seleção dos trabalhos que compõem este livro, sentimos que conseguimos abranger a diversidade e a profundidade do psicodrama contemporâneo, incluindo a clínica, com sua rica alteridade e suas múltiplas vozes. A qualidade e a inovação presentes nos estudos aqui reunidos refletem a vitalidade e o dinamismo da nossa comunidade psicodramática.

Esa obra, portanto, é mais do que uma coletânea de artigos premiados; é um marco na trajetória do psicodrama no Brasil. É um testemunho do nosso compromisso com a ciência, com a prática e com a constante busca por novos horizontes de entendimento e intervenção. Que ele sirva de inspiração e referência para todas as pessoas que, como nós, acreditam no poder transformador do psicodrama.

Com gratidão e expectativa, apresento a vocês esta obra, na esperança de que ela enriqueça ainda mais o nosso campo e contribua para a evolução da prática socionômica em nosso país.

PALAVRAS DA COMISSÃO CIENTÍFICA

A produção teórica é tão importante quanto a prática, de modo que deveriam caminhar juntas. Nenhuma ciência, arte, nenhum campo do saber sobrevive sem apontamentos, registros, comunicações para seus pares e para o mundo do conhe-

cimento. Neste livro, buscamos selecionar o melhor que nos chegou em mãos e, como pode ser notado, material de muita qualidade. A produção das/dos psicodramatistas brasileiras/os tem crescido em quantidade e qualidade. Temos aqui uma pequena mostra. Por isso, não foi tão simples a escolha e a premiação. São notáveis as marcas da história registradas no corpo e na pele dos textos com todas as vicissitudes do psicodrama no Brasil. Por tudo isso, vale a pena a leitura.

DEVANIR MERENGUÉ

A avaliação dos artigos e ensaios concorrentes ao Prêmio FEBRAP provocou em mim uma satisfação enorme e também muita alegria por assistir, através da leitura atenta, a um desfile da diversidade da prática psicodramática, sem, contudo, perder de vista o fio condutor entre elas: os fundamentos sicionômicos e o destaque para o grupo como o principal meio de promover a saúde mental.

Agradecida por essa experiência, posso dizer orgulhosa: Avante, psicodrama brasileiro!

ROSANA REBOUÇAS

Há trabalhos que podem ser considerados privilégios. Fazer parte de uma comissão do Prêmio FEBRAP é um trabalho, mas temos (tive) o privilégio de ler, em primeira mão, a resultante, em forma de ensaios, de todo o exercício psicodramático. Um painel de nossa produção e ação. Em todos, que são bem distintos, o mesmo fundamento moreniano. Em comum, a atenção para o indivíduo e para o grupo, para o pessoal e para o social. A escolha de alguns ensaios foi o necessário para a premiação, mas, ao lermos o conjunto dos trabalhos, quem se gratifica é a comissão e aqueles que os lerão depois. Obrigado a todas as pessoas que se dedicaram ao aprofundamento de nosso movimento psicodramático. Zerka e Moreno agradecem.

ANTÔNIO CARLOS SOUZA (TOM)

Uma política
utópica dos
afetos para lançar
no espaço sideral

LAURA DE SOUZA ZINGRA VOMERO



Laura de Souza Zingra Vomero

Psicóloga transfeminista formada pela PUC-Campinas, psicodramatista com certificação no nível I pela Locus Psicodrama e níveis II e III pela Viver Mais Psicologia. Terapeuta corporal com formação na escola Nanak Ashram de Kundalini Yoga, pesquisadora nas áreas de gênero, relações raciais, corpo e poder. Co-organizadora do livro *Sexualidades, corpos e poder: Desobediências criadoras*, autora de artigos, coautora de livros e poeta em des-ofício.

Viver Mais Psicologia
laurazvomero@gmail.com

Este ensaio surgiu de emoções e questionamentos suscitados pelo filme *Bacurau* (2019) através do psicodrama e de percepções sensoriais. Critica políticas de morte ligadas à branquitude e à cisgeneridade, buscando afirmar a maneira de amar e de viver o próprio corpo.

EXPLOSÃO IMINENTE

Esta escrita rompeu de um nó no estômago, uma urgência premente de expressão após assistir algumas vezes ao filme *Bacurau* (2019)¹, dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, e ser envolvida por intensos questionamentos através das lentes do psicodrama e das possíveis percepções sensoriais dessa obra. O desconforto experimentado se torna a matéria-prima desta reflexão, uma estrada noturna de introspecção e criação na qual as palavras se juntam como um meio de contribuir para a vasta rede de corpos que compõem esse tecido social e que caminham na direção contracolonial.

É como se eu vomitasse palavras na tentativa de encontrar uma saída para esse desconforto, transformando-o em algo que possa ser compreendido e compartilhado. Mas não há saída,

1 *Bacurau*. Dir. de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Prod. de Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt. Brasil-França: Vitrine, 2019.

nem completa compreensão; há luta e conflito, mas também há alegria e destruição de sentidos. Esse incômodo, longe de ser evitado, emerge do âmago do corpo, trazendo consigo uma fonte de vitalidade, mas também certa dose de pessimismo. Ele me desafia a pensar, a questionar, a sair do estado de complacência e a reconhecer as contradições que permeiam nossa existência.

Seria mais fácil escrever sobre diagnósticos, casos clínicos bem-sucedidos, ansiedade, depressão – não desmerecendo essas áreas importantes da psicologia. No entanto, há vozes agonizantes que muitas vezes são ignoradas ou até mesmo silenciadas com desculpas como: “Eu fui mal interpretada/o”, “Isso não é racismo”, “A bissexualidade é uma confusão”. Mas como a má interpretação se relaciona com o fato de que, a cada quatro horas, uma pessoa negra é morta por policiais no Brasil? Como a má interpretação pode explicar algo, quando a polícia militar confunde um guarda-chuva com um fuzil e dispara contra a vida de um jovem negro³? Alguém saberia me responder onde está o real erro de interpretação? Por isso, assumo meu papel ético-político como psicóloga. Estou aqui, buscando formas de denunciar o cisheteroterrorismo⁴ e o racismo em nossa práxis e na sociedade em geral. Sei muito bem que não sou bem-vinda em muitos espaços, mas é recíproco: também não quero estar neles. Essa reciprocidade faz-me lembrar onde mora o afeto e onde desejo estar. No entanto, em alguns momentos, fui obrigada a caminhar por becos e frestas, nas rachaduras onde acionamos nossas bombas incendiárias em forma de prosa, pesquisa, arte e poesia.

2 Cristina Boeckel. Uma pessoa negra foi morta pela polícia a cada 4 horas em oito estados do país no ano passado, diz pesquisa. *GI*, Rio de Janeiro, 16 nov. 2023.

3 Carolina Moura (Ponte). PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. *El País Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 2018.

4 Cisheteroterrorismo é uma forma de violência anti-queer, caracterizada pelo terrorismo heterossexual e por ações que defendem normas binárias de gênero, promovendo a cisgneridade como padrão de inteligibilidade social, política e jurídica. Conforme R. dos R. Aguiar, *O estado policial-securitário e as violências anti-queer no Brasil: A governamentalidade sexual da ditadura civil-militar à redemocratização (1964-1985)*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020.

A arte de escrever, nesse contexto, revela-se como uma ferramenta para canalizar esse desconforto. Não estou buscando oferecer soluções ou respostas fechadas. São palavras-combustível para contribuir com a grande explosão que desejamos da política de morte e da fome, visando à criação de algo novo, que possa provocar e instigar. Que possamos ser.

Que mundo queremos? Eu quero ver esse mundo-universal pegando fogo. “Do mal será queimada a semente, o amor será eterno novamente”⁵.

BACURAU A 17 KM – SE FOR, VÁ NA PAZ

Essa mensagem não apenas orienta a rota que será traçada por uma estrada de terra repleta de buracos, com cenários de escola abandonada e caixões espalhados ao longo do caminho devido a um acidente envolvendo um caminhão funerário e um motoqueiro, mas também revela como destino o Brasil, cujo senso de direção é guiado pela bússola da necropolítica⁶. Essa estrada torna-se assim uma metáfora das marcas deixadas pela política de morte, evidenciando um cenário de sucateamento da educação, desolação e corpos caídos sem vida ao longo do caminho.

Com sua atmosfera anacrônica, *Bacurau*, lançado em 2019, em meio ao auge de um governo fascista, retrata o Brasil em uma narrativa que transcende o tempo e o espaço, abarcando o passado, o presente e o futuro do país. O filme emerge como um símbolo de resistência contra o colonialismo e as conservas coloniais presentes na contemporaneidade⁷. A morte de Dona Carmelita, interpretada por Lia de Itamaracá, nos mostra a resistência cultural e artística que atravessa a tela audiovisual, especialmente quando se considera o fato de que Lia é

5 Esses versos pertencem à música “Juízo Final”, composta por Nelson do Cavaquinho (1973) e amplamente reconhecida na interpretação de Clara Nunes.

6 A. Mbembe, *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

7 L. de S. Z. Vomero, Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu-tu). *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 30, e1422, 2022; L. de S. Z. Vomero e M. da P. Nery, Uterodrama: Decolonizando corpo e menstruação. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 31, 2023.

reconhecida como Patrimônio Vivo de Pernambuco. Tanto Lia quanto Carmelita são consagradas como verdadeiras líderes políticas de suas comunidades, uma representando o Brasil e a outra, Bacurau. Essa conexão entre o Brasil e Bacurau também se torna evidente quando Plínio, filho de Carmelita, interpretado por Wilson Rabelo, presta homenagens à sua falecida mãe:

Carmelita teve filho, neto, bisneto, tataraneto, afilhado, teve muitos amigos. Na família, tem de pedreiro a cientista, tem professor a médico, arquiteto, michê e puta. Agora, ladrão ela não gerou nenhum. Tem gente em São Paulo, Europa e Estados Unidos, tem gente na Bahia, Minas Gerais e Recife. Muita gente não conseguiu vir hoje aqui por causa dos problemas na nossa região, mas muita gente manda ajuda pra gente, muita gente manda ajuda pra Bacurau, e essa é a maior prova de que Carmelita e Bacurau estão em todos eles⁸.

Essa potente fala do personagem ressoa a ideia de que, mesmo quando corpos marginalizados são insultados ou destrocados, ninguém, jamais, poderá exterminar as guardiãs subterrâneas. Carmelita, abraçada por sua ancestralidade, se transforma em semente, multiplicando-se e nutrindo sua descendência para enfrentar o desencorajamento da espontaneidade-criatividade nas relações de poder. Carmelita⁹ está presente em mim, em você e em nós. Naquelas e naqueles que se desviam da norma e resistem às políticas de morte da branquitude, da cisgeneridade e do fundamentalismo religioso judaico-cristão.

Bacurau, uma pequena cidade situada a oeste de Pernambuco, está à margem do Brasil, à semelhança do nosso país em relação aos países colonizadores, como parte do Eixo Sul Global.

8 K. Mendonça Filho e J. Dornelles, Bacurau, *CinemaScópio*, 2020, p. 231-232.

9 No curta-metragem *Recife frio* (2009), de Kleber Mendonça Filho, novamente Lia de Itamaracá aparece como símbolo de resistência, cantando “Minha ciranda não é minha só/ Ela é de todos nós, ela é de todos nós/ A melodia principal quem guia/ É a primeira voz, é a primeira voz/ Para se dançar ciranda/ Juntamos mão com mão/ Formando uma roda/ Cantando uma canção”. Dir. de Kléber Mendonça Filho. CinemaScópio/Símio Filmes. Produtores Associados: Cabraquente Produções. Recife, Vitrine Filmes, 2009.

Ambos, Bacurau e Brasil, estão fora do centro, porém são territórios essenciais para a manutenção do capitalismo, do racismo e da ordem econômica escravagista atualizada na contemporaneidade. Essa relação de superioridade-inferioridade se evidencia na cena em que os Forasteiros (o nome do grupo presente no roteiro de Mendonça Filho diverge daquele do filme, em que são chamados de *Cowboys*) encontram-se com o grupo de Bandoleiros Shocks, dos Estados Unidos, em uma fazenda próxima ao vilarejo de Bacurau.

Os Forasteiros, um homem cis branco paulista e uma mulher cis branca carioca, estão envolvidos na missão de exterminar a cidade de Bacurau. Nesse encontro, na sala da casa-grande, surge uma reflexão dos Estrangeiros: as pessoas que os Forasteiros mataram eram conhecidas ou amigas deles? O Forasteiro, surpreendido e tentando causar uma impressão mais significativa, mente sobre sua origem e responde: “não atiramos em amigos no Brasil... Não somos dessa região. A gente é do sul do Brasil. Uma região muito rica. Com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês”¹⁰.

Os estadunidenses ridicularizam os brasileiros, e um destes comenta: “Mas como nós? Nós somos brancos. Vocês não são brancos”¹¹. Em seguida, os estrangeiros continuam com práticas racistas, menosprezando o casal ao afirmar que os Forasteiros se parecem mais com mexicanos, poloneses ou latinos do que com brancos.

As interações entre os personagens brasileiros e estrangeiros na cena destacam as tensões e complexidades das relações de poder e raciais entre o Brasil e outros países, especialmente no contexto da dominação cultural e econômica. De acordo com a pesquisadora e psicóloga Lia Vainer Schucman¹², a categoria de raça está

10 K. Mendonça Filho, *Três roteiros: Bacurau, Aquarius, O som ao redor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 269.

11 Id., *ibid.*

12 Lia Vainer Schucman, *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo (USP), 2012.

intrinsecamente ligada ao poder e às hierarquias, de modo que a classificação de cada pessoa pode variar dependendo da história e dos significados atribuídos a cada grupo em diferentes partes do mundo. Os Forasteiros parecem ter esquecido que residem no Eixo Sul Global e que, apesar de pertencerem à branquitude brasileira, não são considerados parte da branquitude dos países europeus ou dos Estados Unidos. Na mesma cena, os brasileiros foram mortos a tiros, e os Estrangeiros que os mataram marcaram pontos, da mesma forma quando assassinam os habitantes de Bacurau. Enquanto os Forasteiros se consideravam superiores aos moradores do pequeno vilarejo, para os Estrangeiros, todos eram iguais: brasileiros, latinos e não brancos.

Essa política de morte nos remete à influência da eugenia no pensamento social brasileiro e estadunidense, operando como uma conserva colonial¹³ que promove a eliminação ou marginalização de existências consideradas indesejáveis. Segundo Goés¹⁴, apesar da eugenia ter sido originada na Europa, os Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, foi um ambiente propício para sua disseminação e aceitação, influenciados por fatores históricos, sociais e políticos. Isso inclui o racismo institucionalizado e a preocupação com a imigração em massa. O propósito do projeto era estabelecer uma suposta “raça” superior branca, loira e de olhos azuis, eliminando quem não se encaixava nesse padrão. Isso incluía pessoas com deficiência física e mental, pacientes psiquiátricos, criminosos, pobres e qualquer um considerado desviante.

“AINDA ESTOU SOZINHO, APAIXONADO”: EUGENIA, RACISMO E ANTISSEMITISMO

No livro *Quem sobreviverá?*, J. L. Moreno, no último subcapítulo, intitulado “O subpovoamento do universo”, discute

13 L. de S. Z. Vomero, Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu-tu).

14 W. L. Goés, *Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: A proposta de povo em Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), 2015.

brevemente as diferenças entre a eugenia e o método sociométrico¹⁵. Ele destaca a importância de realizar estudos mais aprofundados sobre os marcadores eugênicos para validar tal perspectiva, em vez de adotar uma posição definitiva a favor ou contra a essa suposta teoria.

Francis Galton propôs a eugenia, “para favorecer ou melhorar as qualidades inatas das futuras gerações”. Eu proponho a sociogenia, “para estudar e preparar as condições do universo, a fim de que todos possam viver e que ninguém seja impedido de nascer”¹⁶.

O criador do psicodrama levanta a questão do “capitalismo biológico”, criticando as interferências manipuladas que determinam como e quando crianças podem nascer; nesse contexto, ele introduz a ideia de sociogenia como uma alternativa à eugenia. A sociogenia seria voltada a estudar e preparar as condições do universo para garantir que todas/es/os tenham a oportunidade de viver e que ninguém seja impedido de nascer. Nesse sentido, a sociogenia parece se concentrar mais nas condições sociais e ambientais que afetam a “raça humana” como um todo, buscando garantir um ambiente pautado na justiça social e no bem-estar coletivo.

“Raça humana” está entre aspas por alguns motivos. Em primeiro lugar, essa designação foi retirada dos escritos de Moreno. Além disso, discordo veementemente da forma como ele a aborda em seu texto, pois nos leva a um lugar ausente de críticas. Isso poderia perpetuar a ideia de uma suposta democracia racial e nos levar, como psicodramatistas, a contribuir para a manutenção da ordem estabelecida. Outra razão para as aspas, agora respaldada pelas contribuições do pesquisador e professor Kabengele Munanga¹⁷, é o conhecimento de que,

15 *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. São Paulo: Daimon, 2008.

16 *Id.*, *ibid.*, p. 347.

17 K. Munanga, Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: Eduff, 2004.

biológica e cientificamente, as raças não existem. Elas permanecem como uma construção sociológica e política, uma categoria social de exclusão e dominação, persistindo no imaginário coletivo e sendo utilizadas para reproduzir e sustentar os racismos populares. Munanga também argumenta que marcadores genéticos podem ser compartilhados entre raças, e indivíduos de uma mesma raça podem ter distâncias genéticas maiores do que aqueles de raças diferentes. Isso leva à conclusão de que, biologicamente, as raças não são uma realidade, mas sim um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana.

Quando Moreno propõe o princípio da democracia sociométrica e sociogênica, ele não faz referência, em nenhum momento, à defesa de uma equidade racial. Em vez disso, o autor prefere destacar a valorização da existência – tanto dos não nascidos quanto dos vivos e dos mortos. No entanto, o que o teórico deixou de demarcar foi que a discussão em questão não se limitava a isso. Tratava-se, na verdade, de decidir quais pessoas teriam o direito ou não de nascer ou de se manterem vivas. E isso estava muito bem descrito nas pesquisas de teóricos brevemente citados por Moreno¹⁸, como Malthus¹⁹, Galton²⁰ e Lineu²¹.

18 J. L. Moreno, op. cit.

19 Thomas Robert Malthus, teórico do século XIX, propôs a “teoria das desigualdades” em seu livro *Ensaio sobre a população*, de 1798. Ele argumentou que a pobreza era resultado do crescimento populacional excedendo a produção de alimentos. Malthus culpava os pobres pela pobreza e sugeriu o controle de natalidade como solução, visando eliminar os menos “dotados”. Ele via o Estado como responsável por implementar políticas de controle populacional para os pobres, considerando-os responsáveis por sua própria condição. Ver W. L. Góes, *Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: A proposta de povo em Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.

20 Francis Galton, fundador da ciência eugênica, propôs teorias sobre hereditariedade e sugeria melhorar a população por meio da seleção das características entre os grupos sociais. Ele dividia as pessoas em dois grupos: não degenerados e degenerados, os bem-sucedidos e os impuros. Galton via a solução para o aprimoramento da sociedade na eliminação dos “degenerados”. (Id., *ibid.*)

21 Carl Von Linné, conhecido como Lineu, estabeleceu uma hierarquia de valores ao relacionar a cor da pele com características intelectuais e culturais, embora sem comprovação científica (K. Munanga, *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*).

Não podemos conceber a utopia sem questionar o status quo. Esses pseudoteóricos, encarregados da eliminação de grupos sociais considerados degenerados, assumiram papel semelhante ao dos ‘Estrangeiros’ na cidade de Bacurau. Estou me referindo a um genocídio racial disfarçado de ciência, em que o racismo está intrinsecamente ligado à noção de raça. O racismo é considerado uma ideologia que hierarquiza a humanidade com base em características físicas que supostamente determinam as qualidades psicológicas, morais e intelectuais das pessoas. Dessa forma, a concepção de raça é uma criação do racismo²².

É intrigante notar que Moreno, um judeu que imigrou para os Estados Unidos em 1925, chegou ao país durante um período em que as ideias eugênicas supremacistas e o movimento racista da Ku Klux Klan estavam em pleno apogeu. No entanto, mesmo diante desse contexto, ele parece ter se mantido distante de uma análise efetiva do marcador de raça em suas pesquisas. Será que ele buscava se proteger? Sentia a necessidade de ser aceito nos espaços hegemônicos de produção do conhecimento? Ou talvez estivesse preocupado em garantir sua própria sobrevivência?

Acredito que, embora não tenha se posicionado explicitamente em muitas ocasiões a respeito dos marcadores sociais (raça, gênero, classe, sexualidade), Moreno acabou por expressar seu posicionamento por meio de ações políticas na comunidade ao longo de sua vida. É importante analisar cuidadosamente sua história pessoal, já que as escolas de psicodrama geralmente não exploram detalhadamente a biografia de Jacob Levy Moreno, especialmente no que diz respeito a geopolítica, história, racismo e antissemitismo. Esses aspectos são fundamentais para compreender melhor o contexto em que Moreno viveu e como essas micro e macropolíticas podem ter influenciado ou limitado suas ideias e práticas.

22 K. Munanga, *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*.

Lembremos que o criador do psicodrama tem uma matriz sociocultural histórica e ancestral²³ de muito sofrimento, perdas e fugas devido à perseguição contra os judeus. O que faz muito sentido quando Moreno relata:

Nasci (18 de maio de 1889) numa noite tempestuosa a bordo de uma embarcação que navegava o mar Negro, de Bósforos para Constant-sa, na Romênia. Foi na madrugada do Sagrado Shabat, e o parto aconteceu pouco antes da primeira reza. O fato de eu nascer no navio deveu-se a um erro honroso, e a desculpa foi a de que minha mãe tinha apenas 16 anos e era pouco experiente na matemática da gravidez. Ninguém sabia de onde era a bandeira do navio. Seria ele grego, turco, romeno ou espanhol? O anonimato da bandeira do navio deu início ao anonimato do meu nome e de minha cidadania. Quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial, em 1914, ninguém sabia se eu era turco, grego, romeno, italiano ou espanhol, porque eu não tinha certidão de nascimento. Quando ofereci meus serviços à monarquia austro-húngara, em princípio não me aceitaram porque eu não tinha prova de nacionalidade. Nasci cidadão do mundo, um marinheiro viajando de um mar a outro, de um país a outro, destinado a desembarcar um dia no porto de Nova York²⁴.

Em 1913, enquanto Moreno concluía seus estudos de medicina na Universidade de Viena, ocorriam por lá intensos conflitos provocados por nacionalistas que impediam a entrada de judeus, muitas vezes recorrendo a agressões físicas e até mesmo assassinatos. Sua posição de anonimato, no entanto, lhe permitia realizar intervenções e mediações para tentar cessar o conflito. Moreno descreve essa situação:

Eu era um estranho nas guerras políticas que haviam devastado a universidade. Ninguém realmente me conhecia. Os nacionalistas pensavam que eu era alemão; os judeus achavam que eu era judeu; ninguém realmente sabia²⁵.

23 L. de S. Z. Vomero e M. da P. Nery, Uterodrama: Descolonizando corpo e menstruação.

24 J. L. Moreno, *Autobiografia*. São Paulo: Ágora, 2014, p. 34.

25 Id., *ibid.*, p. 77.

Durante esse período conturbado, Moreno também se associou ao existencialismo, um movimento filosófico que enfatizava a sacralidade da própria existência. Ele descreveu essa associação como:

O terceiro movimento importante com o qual me associei durante aqueles dias foi o existencialismo. [...] existencialistas salientavam que a própria existência era algo sagrado. Eles já tinham o mundo. Não precisavam conquistá-lo. Sempre que viam a existência ameaçada, procuravam restaurá-la em sua forma nativa, contra a invasão dos robôs²⁶.

Seria o anonimato uma rota de fuga da morte? Os judeus eram estigmatizados em toda a Europa, e essas representações raciais foram transferidas para os Estados Unidos, onde diversos grupos imigrantes foram avaliados de maneira semelhante. Irlandeses, italianos e judeus nos EUA foram considerados “raças” inferiores e enfrentaram discriminação e exclusão²⁷.

Como ressaltado por Marineau²⁸ e habilmente escrito por José Fonseca em seu texto “Exclusão-inclusão na vida e obra de J. L. Moreno”²⁹, a permanência do pai do psicodrama na Europa durante os anos 1920, especialmente na Áustria, foi extremamente difícil. Segundo Fonseca, ele depositou suas esperanças na América do Norte como um refúgio, mas, de acordo com Moreno, os primeiros anos nos Estados Unidos foram desafiadores; muitas portas fechadas, com ele sempre à beira de retornar à Europa. Era como se se sentisse um estrangeiro em todos os lugares, um clandestino, um sem lugar; um marinheiro viajando de um mar ao outro. Moreno pode não ter vivido sempre migrando como seus antepassados, mas sua

26 Id., *ibid.*, p. 78.

27 M. F. Jacobson, *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

28 R. F. Marineau, *Jacob Levy Moreno 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora, 1996.

29 J. Fonseca, Exclusão-inclusão na vida e obra de J. L. Moreno. *Revista Brasileira de Psicodrama*, p. 45-60, 2021.

matriz social-emocional e ancestral atualizava sua sensação de ser e estar na vida, um “cidadão do mundo”.

(R)EXISTIR NAS BRECHAS DO IMPOSSÍVEL

Podemos interpretar o anonimato de Moreno, ao criar uma narrativa poética e psicodramática sobre seu nascimento e sua trajetória de vida, como uma estratégia para escapar das perseguições antissemitas sem precisar migrar, como fizeram muitos de seus ancestrais. Sua espontaneidade e criatividade ajudaram a evitar a mira da hegemonia nacionalista. Clandestino no mundo desde o nascimento, Moreno extraiu das experiências políticas e anônimas da juventude os fios de movimento para tecer uma teoria. A partir da sua realidade poética, costurou o vasto potencial da realidade complementar³⁰ para construir “barricadas” e “dissolver as ficções de poder”³¹ nas bordas dos desvios.

Um corpo-clandestino dramatizando um cidadão do mundo que, “sem lenço e sem documento”,³² confundiu a ordem e atravessou rotas subversivas. Moralmente indesejado, ele ocupou espontaneamente as lacunas da audácia do impossível. Sonhador de novos mundos, resistiu às normas impostas aos grupos marginalizados. Ao nascer clandestino, vestiu-se de si mesmo, de nós, da eterna fantasia em que a alegria transborda o copo da realidade. Clandestinizar-se, não como escolha, mas como ato estético político para lutar, sangrar, resistir e partilhar. A luta é contra “um Estado, uma cultura que produzem e disciplinam corpos, criam saberes, formatam

30 L. de S. Z. Vomero, *Conserva corporal – Via de acesso para a (des)colonização do inconsciente*. In: M. da P. Nery; A. C. Eutrópio e L. de S. Z. Vomero (Orgs.), *Sexualidades, corpos e poder: Desobediências criadoras*. São Paulo: Ágora, 2024. p. 33-61.

31 J. Mombaça, *Ń V nos matar agora*. 2. ed. Encruzilhadas, 2023, p. 19.

32 Trecho extraído da canção “Alegria, alegria” de Caetano Veloso (1967), que se destacou como uma voz de denúncia e resistência durante o período ditatorial brasileiro. (Alegria, alegria. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Philips, 1967.)

sujeitos”³³. Nas palavras da pesquisadora Jota Mombaça³⁴, a verdadeira morte ocorre apenas quando precisamos recriar nossos corpos e vidas.

Na clandestinidade é que o psicodrama emerge no Brasil entre 1948-1950, na luta antirracista com os trabalhos de Guerreiro Ramos, no Rio de Janeiro, ao lado de Abdias Nascimento, no Teatro Experimental do Negro. No entanto, mesmo com suas contribuições importantes, muitos espaços de poder na produção do conhecimento, como as universidades, persistem em nos excluir, ecoando uma realidade frequentemente vivenciada por Moreno ao longo de sua trajetória. Conforme apontado por Bronzeri³⁵, a clandestinidade psicodramática é vital e reconhecê-la de outra forma é apequená-la.

A psicologia foi regulamentada como profissão em 1962 e a psicanálise, como abordagem clínica de elite, ganhou destaque rapidamente desde os anos de 1950. De acordo com as contribuições de Motta³⁶, fazer parte do grupo psicanalítico era considerado um símbolo de status social. O psicodrama, por sua vez, era reconhecido como uma oportunidade de atuação mais arejada e politicamente engajada em um país sob ditadura militar. Um exemplo foi o V Congresso Internacional de Psicodrama sobre a teoria e método psicodramático realizado no Museu de Arte de São Paulo (Masp), na capital paulista, em 1970, que reuniu 3 mil pessoas, dois anos após a implantação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Esse ato endureceu a ditadura brasileira, e o Congresso de Psicodrama foi uma manifestação de coragem e resistência. Nesse contexto, o movimento psicodramático desafiou os militares e rompeu com a hegemonia da psicanálise

33 D. Merengué, Descolonizando o psicodrama: Clínica e política. In: A. M. Dedomenico e D. Merengué, (Orgs.). *Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política*. São Paulo: Ágora, 2020, p. 53.

34 J. Mombaça, op. cit.

35 P. P. Bronzeri, Do psicodrama aduaneiro às formas fúnebres: Em defesa da clandestinidade psicodramática. In: A. M. Dedomenico e D. Merengué (Orgs.), op. cit.

36 J. M. C. Motta, 1970: O Congresso que redefiniu o campo do Psicodrama brasileiro. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 18, n. 2, p. 119-128, 2020.

tradicional, trazendo uma nova abordagem e uma sensação de liberdade fresca, que representava a intersubjetividade comunitária, emergindo como um protagonista significativo³⁷.

BRANQUITUDE E SADISMO

Agora, em 2024, completamos sessenta anos desde que o Brasil foi marcado pela tragédia do golpe militar, uma ferida aberta que ainda sangra com os ataques recorrentes direcionados aos corpos gênero-dissidentes e às comunidades socialmente estigmatizadas. É nessa encruzilhada entre passado, presente, futuro e resistência que encontramos, no epicentro, o poder da cidade de Bacurau. Dandara, Zumbi, Marighela, Amélia Teles, Brenda Lee, Marielle, Carmelita, Dona Domingas e Lunga: clandestinas/es/os na forja do Brasil, mas que ascendem como legítimas/es/os líderes políticas/ques/os quando a máscara colonial é retirada, revelando, assim, a verdadeira face de Abya Yala-Bacurau: resistência, aldeia, quilombo, comunidade e luta popular.

FORASTEIRA: *De onde vem esse nome, Bacurau?*

LUCIENE: *Um pássaro.*

FORASTEIRA: *Tipo um passarinho?*

LUCIENE: *Um pássaro, maiorzinho.*

FORASTEIRA: *Tá extinto já?*

LUCIENE: *Aqui não... Mas só aparece de noite. Ele é brabo*³⁸.

Na cena do filme em que ocorre o diálogo acima, o Forasteiro cheira a água que acaba de abrir na mercearia de Luciane, sempre numa postura superior, enojada e arrogante ao interagir com as/es/os habitantes de Bacurau. Sentem-se “eugenicamente superiores”, protegidos da suposta degeneração daquelas pessoas no que tange aos marcadores de raça, classe, sexualidade e gênero. O comportamento do casal de Forasteiros no filme evoca uma situação que o diretor Kleber Mendonça Filho compartilhou em suas redes sociais alguns anos atrás. Ele mencio-

37 Id., *ibid.*

38 K. Mendonça Filho, *Três roteiros*, p. 255.

nou uma matéria³⁹ sobre um casal de ciclistas em Itapira (SP), que havia retornado recentemente da Europa e testado positivo para covid-19, e que debochava das medidas de isolamento social. No vídeo compartilhado na internet, o casal ironizava sua própria “saúde debilitada”, sugerindo que, como foram “excluídos da sociedade”, pretendiam pedalar longas distâncias, de 70 a 80 quilômetros por dia, e “levar o coronavírus para o mundo”.

A situação retratada no filme *Bacurau* reflete as experiências cotidianas dos corpos negros, pobres e gênero-dissidentes no Brasil, que enfrentam a opressão resultante de um legado escravagista marcado por invasões e desterritorializações. Essa invenção do Brasil foi impregnada por práticas racistas, misóginas, LGBTfóbicas e pela propagação da ideologia eugênica, que opera de forma significativa no pensamento social brasileiro, mesmo que de maneira inconsciente⁴⁰. Durante a pandemia, o discurso negacionista e antivacina do ex-presidente constitui um exemplo claro dessa conserva colonial eugênica na busca por uma suposta seleção dos mais fortes e moralmente mais desejáveis. Essa política de morte, racionalmente operada por Jair Bolsonaro, resultou na perda de milhares de vidas, principalmente das pessoas negras. Segundo o Conselho Nacional de Saúde⁴¹, as pessoas negras não apenas morrem mais pela covid-19, como também têm mais chance de ser infectadas e correm maior risco de hospitalização em comparação com as pessoas brancas. Isso se deve ao racismo estrutural, que coloca pessoas não brancas em posições socioeconômicas vulnerabilizadas e limita o acesso equitativo à saúde.

Os Forasteiros, assim como o casal de trilheiros de bike, carregam marcas eugênicas no coinconsciente social que atuam na intersubjetividade, alimentando uma ilusória sensação de superioridade associada à cor da pele branca. Essa distor-

39 Felipe Pereira. Casal de vídeo zombando covid-19 diz que era brincadeira de grupo de amigos. *UOL*, São Paulo, 22 mar 2020.

40 L. de S. Z. Vomero, *Conserva corporal* – Via de acesso para a (des)colonização do coinconsciente.

41 Lethicia Pechim. Negros morrem mais pela covid-19. Faculdade de Medicina UFMG. Belo Horizonte, 24 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>>. Acesso em: 16 out. 2024.

ção na percepção os leva a uma convicção equivocada de que têm uma condição de saúde e um status social superiores aos demais, concedendo-lhes uma sensação de distinção para agir de maneira irresponsável e desrespeitosa. Sentem-se autorizados a propagar ações e piadas sádicas, como foi o caso, desconsiderando completamente o sofrimento das pessoas afetadas pela covid-19. Além disso, é comum na nossa sociedade a prática do racismo recreativo⁴², evidência de falta de empatia.

Fanon⁴³ descreve essa falta de sensibilidade como uma consequência direta da destruição do reconhecimento recíproco, que, segundo a teoria da intersubjetividade hegeliana, é pré-requisito de qualquer luta ou conflito por conta da nefasta história do colonialismo e do racismo. Segundo o professor Frank B. Wilderson III⁴⁴, o período escravagista não é apenas um evento isolado, mas uma relação dinâmica que persiste além do tempo e do espaço, assim como o colonialismo é uma dinâmica relacional que pode se manter mesmo após a saída do colonizador e as trocas de governo, e torna-se, portanto, uma conserva colonial. Ambas as relações são sustentadas por estruturas de violência radicalmente diferentes. A violência contra pessoas negras é particularmente difícil de ser explicada em uma narrativa convencional, “porque a violência em uma narrativa precisa ter uma explicação, um gatilho, um momento contingente que lhe dê sentido. Mas a violência contra os negros não coopera com a narrativa. A explicação sangra além dos atores”⁴⁵.

DEISY (*para o aparelho*): *Por que vocês estão fazendo isso?*

VOZ TRADUTOR 2: *Why are you doing this?*

KATE (*agonizando*): *I don't... know...*

VOZ TRADUTOR 1: *Eu não sei...*⁴⁶.

42 Carolina Passos. Ratinho é acusado de racismo recreativo ao constranger bailarina. *O Povo*, 3 abr. 2024.

43 F. Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

44 F. B. Wilderson III, *Afropessimismo*. São Paulo: Todavia, 2021.

45 Id., *ibid.*, p. 88.

46 K. Mendonça Filho, 2020, p. 296.

Esse diálogo que ocorre entre a personagem estrangeira, Kate, capturada após falhar em sua missão de assassinar Damiano, ao encontrar Deisy e Damiano, ilustra de forma contundente e trágica as ideias de Wilderson III. A violência carece de sentido, mas parece haver uma espécie de satisfação no psiquismo provocado pela prática do racismo. Os diretores Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles expuseram de maneira explícita esse sadismo inerente à branquitude, seja ela brasileira ou estadunidense, refletindo, mais uma vez, as ideias de Wilderson III no livro *Afropessimismo*.

A cena que exemplifica o ápice do sadismo, entre todas, é aquela em que os estrangeiros Jake e Julia são chamados para eliminar um casal de habitantes que está tentando fugir de Bacurau de carro. Utilizando comunicação via satélite, drone e audíofones, são instruídos a impedir que eles deixem a cidade. Os Estrangeiros correm com seus rifles com toda a pressa do mundo para alcançar o trecho da estrada onde o casal passará de carro. Ao encontrá-los, Julia e Jake disparam e descarregam suas armas no veículo – o que pode nos remeter ao brutal assassinato de Marielle e Anderson. A excitação dos Estrangeiros começa quando correm para alcançar seus alvos e atinge seu ponto máximo após o dilaceramento daqueles corpos. Ofegantes, eles terminam o assassinato e celebram com gritos e pulos de alegria as mortes conquistadas. A excitação é tanta que Julia convida Jake para transar, e ele prontamente aceita. Deitam-se no chão para consumir aquele orgasmo iminente, enquanto os mortos permanecem como testemunhas silenciosas a poucos metros de distância.

Nas palavras de Wilderson III, o legado escravagista foi marcado por espetáculos de carne negra nua e submissa, com cenas de costas e nádegas sangrando, de marcas de chibata, amputações e rostos aprisionados em bridões de cavalos. Esses indícios destacam o papel do sadismo na formação da subjetividade branca. Essa perversão sexual em que a gratificação é obtida pela imposição de dor física ou mental a um objeto

amado não é considerada apenas uma patologia individual, mas, de acordo com o autor, uma condição generalizada. Esse prazer, como um elemento da vida comunitária, está intrinsecamente ligado à violência contra as pessoas negras. Foi assim que os Estrangeiros agiram, acreditando estar livres para incitar violência, pois viam os habitantes de Bacurau como ignorantes e inferiores, despreparados e sem recursos tecnológicos. No entanto, foram surpreendidos ao perceber que a comunidade era altamente organizada e capaz de antecipar seus movimentos, quase sempre um passo à frente da hegemonia.

QUEM SOBREVIVERÁ?

Essa pergunta, segundo Moreno⁴⁷, encontra sua resposta nas forças espontâneas e criativas das pessoas, as quais são fundamentais para enfrentar as adversidades do mundo. No entanto, o próprio Moreno alerta para as formas de espontaneidade patológica, que distorcem as percepções, dissociam as representações de papéis e interferem na integração nos vários níveis da existência – fenômeno que chamamos de espontaneísmo. Talvez aquilo sobre o que estejamos refletindo até agora seja a disputa entre as forças da espontaneidade *versus* a do espontaneísmo. Ou melhor, o embate entre o espontaneísmo e a “espontaneidade produtiva popular”.

Este último conceito, revisitado por Cunha e Vieira⁴⁸ a partir das ideias de Moreno⁴⁹, busca nomear as forças revolucionárias de um grupo que impulsionam mudanças desafiadoras da ordem estabelecida. Segundo Mariana Tornelli e Érico Vieira, psicodramatistas contemporâneos, as forças espontâneas e criativas da comunidade têm o poder de gerar

47 J. L. Moreno, *Quem sobreviverá?*

48 M. T. de A. Cunha; É. D. Vieira, A cidade, palco de tensões e ocupações criativas no espaço: Experiências de jovens moradores de periferias. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 31, e1423, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.616>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

49 J. L. Moreno, *Quem sobreviverá?*

outras formas de sensibilidade que escapam à compreensão de desprezo proveniente dos preconceitos racistas e classistas. Podemos, assim, identificar esses afetos de desprezo como forças sociométricas de repulsa dirigidas aos grupos populares, o que nos leva a compreender os racismos escravocratas brasileiros como representação de correntes afetivas de repulsa em relação aos pobres e negros, atualizadas pela branquitude e pelas elites⁵⁰.

É importante pontuar que não estou adotando uma análise dicotômica entre o bem e o mal. Bacurau está no abismo que separa a moralidade da imoralidade em nossa sociedade. Transcende os limites entre o certo e o errado, a vida e a morte. As forças da espontaneidade e do espontaneísmo não atuam apenas externamente, como uma simples disputa entre heróis e vilões; são, também, forças internas que permeiam o coinconsciente social, afetando a mim, a você e a nós. Quando Bacurau sai à caça durante a noite, não poupará esforços para garantir sua própria sobrevivência e integridade. Até onde vai a ética da ação espontânea?

É inegável que o espontaneísmo da hegemonia continua ceifando vidas, alimentando a formação de forças policiais⁵¹ cada vez mais letais, direcionadas principalmente contra pessoas negras e pobres. No entanto, a guerra também é interna, pois é em nosso peito que estouram as bombas midiáticas que impõem padrões inatingíveis de vida e beleza. Nossos corpos se sobrecarregam em busca de homeostase diante das pressões cotidianas, inclusive na água e no alimento que consumimos, muitas vezes poluídos e contaminados. A branquitude escravizou “tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos”, como “uma espécie de metástase do pensamento do branco sobre a Terra”⁵².

50 Cunha e Vieira, op. cit.

51 Gabriela Moncau. PMs agridem jovem negro e pai cadeirante em Piracicaba (SP) e comunidade convoca ato; veja vídeo. *Brasil de Fato*, São Paulo, 2 abr. 2024.

52 A. Massuela; B. Weisdise. O tradutor do pensamento mágico. *Cult*, 2019, p. 23.

O Brasil “é o que acontece quando a milícia do presidente executa Marielle”, “é o que asfixia e mata”, “é a chacina”⁵³, é a personificação do espontaneísmo; resultante da falta de reciprocidade, do delírio de superioridade e do sadismo descomunal infligido às pessoas indígenas, negras, com deficiência e gênero-dissidentes. Será que Moreno⁵⁴, ao refletir sobre quem sobreviverá como pessoas espontâneas e criativas, tinha consciência de como sua conceituação poderia servir muito mais como um ato de resistência para a sobrevivência de grupos marginalizados? Será que sua teoria foi tecida a partir de suas próprias experiências afetivas?

E quem é Carmelita, senão a corporificação, em carne e osso, da espontaneidade produtiva popular? Da mesma forma, Lunga⁵⁵, interpretada por Silvero Pereira, emerge como uma figura heroica, reconhecida por Damiano como alguém cujo valor é mais atribuído ao mal que é capaz de causar do que ao bem. Mas sem a influência disruptiva de Lunga, Bacurau não teria museu, não teria história para contar, não teria vida. Sem o suposto mal, Bacurau viraria pó.

PLÍNIO: *Você escreve muito bem, Lunga. Não devia ter parado.*
LUNGA: *E agora a gente tem um buraco pra cavar*⁵⁶.

Lunga não fez a escolha de abandonar a escrita; essa decisão lhe foi imposta pelo Estado ao infligir essa morte simbólica. Segundo Mbembe, morte e liberdade estão inexoravelmente entrelaçadas em território de ocupação colonial. O terror

53 J. Mombaça, op. cit., p. 16.

54 J. L. Moreno, *Quem sobreviverá?*

55 A personagem Lunga, inicialmente concebida para ser interpretada por uma mulher trans, representa uma figura queer no filme. No entanto, sua identificação com pronomes femininos desafia as convenções binárias de gênero, ampliando assim as fronteiras da representação de identidades não normativas. Para uma discussão mais aprofundada sobre o papel de Lunga, recomenda-se o vídeo da conversa entre Linn da Quebrada e Silvero Pereira. Canal Brasil. *Lunga seria interpretado por Linn* [Rio de Janeiro]: Globoplay, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6mxyqtzoOqI>>. Acesso em: 25 set. 2024.

56 K. Mendonça Filho, *Bacurau*, 1:18:56.

ao qual Bacurau está submetida, tão bem elucidado na frase da estrangeira Kate sobre querer causar pânico em seus habitantes com o corte de energia, é uma característica que define, conforme Mbembe⁵⁷, tanto os Estados escravistas quanto os regimes coloniais contemporâneos. “Viver sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de “viver na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas”:

TERESA: *Hoje eu vi dois mortos.*⁵⁸

PACOTE: *Encontrei os meninos lá em Tarairú na fazenda do Manelito. Mataram todo mundo por lá. Dona Soraia, o filho. Todo mundo. Tô aqui pra pedir ajuda de vocês.*

LUNGA: *Quem foi que fez isso?*

PACOTE: *Não sei, Lunga. Mataram sete de ontem pra hoje. Sete.*⁵⁹

FORASTEIRA: *Ninguém virá de Serra Verde com o bloqueio da estrada*⁶⁰.

NÃO IDENTIFICADO⁶¹

Não encontro outra maneira de me despedir desta escrita senão respeitando o (des)enredo do filme: pelo começo. Bacurau inicia ao som da doce voz de Gal Costa, refletindo, possivelmente, o desejo romântico e atemporal de Kleber e Juliano em lançar sua obra “no espaço sideral”. Parece-me que

57 Op. cit., p. 68.

58 K. Mendonça Filho, *Bacurau*, 17:43.

59 Id., *ibid.*, 1:11:53.

60 K. Mendonça Filho, *Três roteiros*, p. 267.

61 Título da canção de Caetano Veloso interpretada por Gal Costa : Eu vou fazer uma canção pra ela/ Uma canção singela, brasileira/ Para lançar depois do carnaval/ Eu vou fazer um iê-iê-iê romântico/ Um anticomputador sentimental/ Eu vou fazer uma canção de amor/ Para gravar num disco voador/ Eu vou fazer uma canção de amor/ Para gravar num disco voador/ Uma canção dizendo tudo a ela/ Que ainda estou sozinho, apaixonado/ Para lançar no espaço sideral/ Minha paixão há de brilhar na noite/ No céu de uma cidade do interior/ Como um objeto não identificado [...]”. (Não identificado. Intérprete: Gal Costa. Compositor: Caetano Veloso. *Gal Costa*, Rio de Janeiro, Philips, 1968.)

essa escolha busca transcender os limites físicos e temporais da realidade colonial, permitindo que sua mensagem, em forma de “paixão”, brilhe “na noite no céu” de “uma cidade do interior”.

Podemos pensar nesse desejo romântico e atemporal como orientação interna dos diretores – ou será de minha orientação? É o sentido à utopia, a dezessete quilômetros de distância; se for, vá na paz. É a busca pela coexistência da diversidade, em um mundo onde a estrutura política adota uma liderança matricêntrica, representada pela figura de Dona Domingas, interpretada por Sônia Braga, que não se coloca como superior aos demais, mas é respeitada como anciã e valorizada por sua sabedoria. Essa organização reconhece a importância de todas as existências na sociedade, entendendo que cada ser desempenha um papel importante na rede social, e que a ausência de qualquer pessoa afeta toda a comunidade. Ainda captando a mensagem dos diretores em forma de “paixão”, temos como heroína uma pessoa trans, saudada e reverenciada por todas as pessoas da cidade. Os laços afetivos não são caracterizados como posse de alguém, mesmo assim, a expressão do prazer e do desejo não diminui a qualidade romântica ou amorosa desses vínculos.

O filme é como uma grande serpente que morde o próprio rabo, sem começo, meio e fim. É a utopia e a distopia, de mãos dadas, unidas em um movimento paradoxal. Bacurau é tudo e nada. É como se fosse a representação de um arco-íris em sua forma real, a de círculo (uma imagem que nunca se revela por completa) e, ao mesmo tempo, uma grande ilusão óptica, cuja visualização depende da posição relativa de quem assiste. Nesse espaço, desejado por Kleber e Juliano, a realidade e a fantasia se misturam, criando um universo onde mulheres negras e pessoas LGBTQIA+ são celebradas e honradas como verdadeiras líderes políticas. Há uma ruptura na realidade hegemônica e, nesse diluir de fronteiras, onde se dissolvem as ficções de gênero e de poder, emerge a diversidade como força motriz, tal

como no arco-íris; no qual, mesmo vendo apenas sete cores, sabemos que há infinitas possibilidades além do que os olhos podem captar.

Nesse mundo, o corpo e as relações são valorizados, desafiando os atravessamentos do neoliberalismo na psique humana e em todo o território. É como um “anticomputador sentimental”, uma resistência à artificialidade e ao controle das emoções impostos pelo neoliberalismo. Enquanto esse sistema⁶² nos empurra para a dormência e o piloto automático, buscando transformar-nos em máquinas eficientes, vemos claramente o combate a essa ideologia em Bacurau. Um exemplo disso é quando Dona Domingas alerta a comunidade sobre os perigos dos remédios tarja preta distribuídos pelo prefeito Tony Jr.:

DOMINGAS: [...] *Com a distribuição gratuita de remédio tarja preta sem prescrição médica, quinhentas unidades só hoje aqui em Bacurau. Cada caixa tem dez doses. Como muita gente aqui sabe, o Brazol IV é um inibidor de humor e comportamento forte. [...] Isso é porque não é um remédio de confiança. Essa substância faz mal, vicia e deixa a pessoa lesa*⁶³.

Domingas, a líder de Bacurau, reconhece a importância do corpo e das emoções para resistir às políticas de morte e para lutar ativamente pela vida. Nesse cenário de contradições entre utopia e distopia, alegria e tristeza, encontramos tanto a vitória da luta popular quanto a perda de companheiras/es/os que caíram lutando contra os opressores. Quando o vilarejo presta homenagem àquelas/us/es que perderam a vida no campo de batalha em que os Estrangeiros transformaram

62 Conceito criado pela pesquisadora Viviane Vergueiro para pensar a cisgêneridade como crítica decolonial. Ver: Pensando a cisgêneridade como crítica decolonial em S. Messeder; M. G. Castro; L. Moutinho (Ed.). *Enlaçando sexualidades: Uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Salvador: Edufba, 2016, p. 249-270.

63 K. Mendonça Filho, *Três roteiros*, p. 249.

Bacurau, destacam-se os nomes de Marielle Franco, Marisa Leticia e João Pedro, símbolos de resistência e luta por justiça e equidade, que perderam a vida lutando no Brasil.

Até o momento, discutimos o direito ao território e ao corpo, a luta antirracista, a política dos afetos, a equidade de gênero e a democratização dos espaços de poder, apontando para um mundo plural onde todas as existências são valorizadas. Kleber e Juliano criaram um “iê-iê-iê romântico, um anticomputador sentimental”, que representa a resistência à colonização do corpo e dos afetos. A voz de Gal Costa emerge numa paisagem sonora, seguindo o fio tecido outrora por uma narrativa poética e sensorial. Sua origem e seu destino são desconhecidos. Esse fio borda vastos espaços de chão de terra, diálogos simples e românticos que, apesar de sua singeleza, mantém profundidade, e desenhos sonoros que disputam entre a tranquilidade e o ritmo acelerado. Todos esses elementos revelam as complexidades e contradições da nossa existência.

Em Bacurau, os papéis sociais, frequentemente limitados à esfera imaginária na realidade hegemônica, são atuados e concretizados, como o grande reconhecimento do papel político de uma pessoa trans. Talvez seja essa a possibilidade de mundo a que aspiramos, em que o desejo tem importância no sentido da existência. Em “bacurês”: buscamos incendiar o mundo-universal para abrir caminho a uma realidade na qual manifeste um lugar ainda “não identificado”, onde possamos ser.

Afinal, destruir esse mundo-universal “é no fundo uma questão de afirmar a maneira de amar, de viver o próprio corpo, o direito de existir no mundo sem medo da violência ou discriminação, de respirar, de se mover, de viver. Por que não gostaríamos que todas as pessoas tivessem essas liberdades fundamentais?”⁶⁴. Eu, você, nós!

64 J. Butler, *Quem tem medo de gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024, p. 15.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. dos R. *O estado policial-securitário e as violências anti-queer no Brasil: A governamentalidade sexual da ditadura civil-militar à redemocratização (1964-1985)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/items/f36d04f2-5968-42f0-9226-306b7a3b9f45>>. Acesso em: 7 set. 2024.

BOECKEL, C.; NASCIMENTO, R. Uma pessoa negra foi morta pela polícia a cada 4 horas em oito estados do país no ano passado, diz pesquisa. *G1 Rio*, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/16/uma-pessoa-negra-foi-morta-pela-policia-a-cada-4-horas-em-oito-estados-do-pais-no-ano-passado-diz-pesquisa.gh.html>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BRONZERI, P. P. Do psicodrama aduaneiro às formas fúnebres: Em defesa da clandestinidade psicodramática. In: DEDOMENICO, A. M.;

MERENGUÊ, D. (Org.). *Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política*. São Paulo: Ágora, 2020. p. 185-197.

BUTLER, J. *Quem tem medo de gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

CANAL BRASIL. Lunga seria interpretado por Linn da Quebrada? 2021. *Canal Brasil*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6mxy-qtzOqI>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CAVAQUINHO, N.; SOARES, E. É o juízo final. Homônimo do sambista, 1973. *Rádio Batuta*. Disponível em: <<https://radiobatuta.ims.com.br/playlists/juizo-final>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

COSTA, G. Gal Costa. Não identificado. 1969. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gal-costa/113103/>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CUNHA, M. T. de A.; VIEIRA, É. D. A cidade, palco de tensões e ocupações criativas no espaço: Experiências de jovens moradores de periferias. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 31, e1423, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.616>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FONSECA, J. Exclusão-inclusão na vida e obra de J. L. Moreno. *Revista Brasileira de Psicodrama*, p. 45-60, 2021. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/522>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

GÓES, W. L. *Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: A proposta de povo em Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/b3ca521e-f231-4934-a6f5-a159b8deb3fb>>. Acesso em: 26 mar. 2024.

JACOBSON, M. F. *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora, 1996.

MASSUELA, A.; WEISDISSE, B. O tradutor do pensamento mágico. *Cult*, 2019. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista>>. Acesso em: 9 set. 2024.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDONÇA FILHO, K. (Dir.) *Recife frio*. Brasil, CinemaScópio/Símio Filmes. Produtores Associados: Cabraquente Produções. Recife, Vitrine Filmes, 2009. 24 min.

MENDONÇA FILHO, K. *Três roteiros: Bacurau, Aquarius, O som ao redor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENDONÇA FILHO, K.; DORNELLES, J. (Dir.) *Bacurau*. Brasil-França, CinemaScópi, SBS Productions, Globo Filmes, 2019.

MERENGUÊ, D. Descolonizando o psicodrama: Clínica e política. In: DEDOMENICO, A. M.; MERENGUÊ, D. (Orgs.). *Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política*. São Paulo: Ágora, 2020. p. 37-59.

MOMBAÇA, J. *ÑÛ nos matar agora*. 2. ed. Encruzilhadas, 2023.

MONCAU, G. PMs agredem jovem negro e pai cadeirante em Piracicaba (SP) e comunidade convoca ato; veja vídeo. *Brasil de Fato*, 2 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/04/02/pms-agredem-jovem-negro-e-pai-cadeirante-em-piracicaba-sp-e-comunidade-convoca-ato-veja-video>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MORENO, J. L. *Autobiografia*. São Paulo: Ágora, 2014.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. São Paulo: Daimon, 2008.

MOTTA, J. M. C. 1970: O Congresso que redefiniu o campo do Psicodrama brasileiro. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 18, n. 2, p. 119-128, 2020. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/134>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MOURA, C. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. *El País*, 19 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: Eduff, 2004. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoasDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

PASSOS, C. Ratinho é acusado de racismo recreativo ao constranger bailarina. *O Povo*, 3 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/vidaarte/2024/04/03/ratinho-e-acusado-de-racismo-recreativo-ao-constranger-bailarina.html>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo (USP), 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

SIGNIFICADOS DE PALAVRAS. Iê-iê-iê. 2024. Disponível em: <<https://www.significadosdepalavras.com/ie-ie-ie#:~:text=O%20termo%20%22i%C3%AA%2D%C3%AA%2D,melodia%20cativante%20e%20ritmo%20acelerado>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

UOL SAÚDE. Casal de vídeo zombando covid-19 diz que era brincadeira de grupo de amigos. UOL, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/22/casal-de-video-zombando-covid-19-diz-que-era-brincadeira-de-grupo-de-amigos.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

VELOSO, C. Alegria, alegria. LP *Caetano Veloso*, Philips, 1967.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (Ed.). *Enlaçando sexualidades: Uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Salvador: Edufba, 2016. p. 249-270. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/mg3c9/14>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

VOMERO, L. de S. Z. Conserva corporal – Via de acesso para a (des)colonização do coínsciente. In: NERY, M. da P.; EUTRÓPIO, A. C.; VOMERO, L. de S. Z. (Orgs.). *Sexualidades, corpos e poder: Desobediências criadoras*. São Paulo: Ágora, 2024. p. 33-61.

VOMERO, L. de S. Z. Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu-tu). *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 30, e1422, 2022. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/576>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

VOMERO, L. de S. Z.; NERY, M. da P. Uterodrama: descolonizando corpo e menstruação. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 31, 2023. Disponível em: <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/597>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. São Paulo: Todavia, 2021.

Uma floresta de
árvores anciãs:
Sonho-ação sobre
psicoterapia de grupo
psicodramática

DANIELA DE FIGUEIREDO RIBEIRO



Daniela de Figueiredo Ribeiro

Psicóloga formada
pela Universidade de
São Paulo (USP), com
doutorado direto pela
mesma instituição.

Psicodramatista didata
supervisora pelo Celeiro.

Diretora da Casa do
Encontro – Espaço
de Formação em
Psicodrama. Docente
do curso de Psicologia
e do Programa de
Pós-graduação em
Desenvolvimento
Regional do Centro
Universitário Municipal
de Franca (Unifacef).

danifiribeiro@yahoo.com.br

[...] podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidade.

AILTON KRENAK¹

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta.

AILTON KRENAK²

Durante um evento organizado por uma faculdade de Psicologia, em uma mesa-redonda sobre o que pode a psicoterapia de grupo psicodramática, uma estudante do 4º ano disse: “você parece uma floresta de árvores anciãs e eu já me vejo

1 *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 52.

2 Id., *ibid.*, p. 52.

como uma pequena árvore que deseja habitar essa floresta”. Todos os membros da mesa, sete participantes com no mínimo um ano e no máximo dez anos de experiência em psicoterapia nessa modalidade, se sentiram representados por essa metáfora: de um sonho-ação que venho reconhecendo possível por meio das práticas e experiências em psicoterapia de grupo psicodramática, sobre as quais pretendo refletir neste ensaio.

O sonho-ação revelado pode nos ajudar a compreender o que seria o primeiro passo no Cosmos, ao qual Moreno³ se refere quando define a psicoterapia de grupo psicodramática? Que mundo-floresta é esse que os grupos podem inventar juntos? Nele, são abertas possibilidades de novas subjetividades⁴? Os grupos possibilitam a vivência de valores decoloniais – como cooperação, amor, conexão e experiência de um estado de presença que revela a dimensão sagrada da vida e o Encontro (tal como no hassidismo) – e a alegria, espontaneidade e criatividade (tal como na cabala e na visão sefardita), aspectos que foram alvo dos epistemicídios operados no sistema colonial?

Essas questões foram o convite inicial para que eu me dedicasse a compartilhar minha experiência com grupos, totalizando doze anos como membro de grupos de terapia, quase trinta anos como diretora de grupos sociodramáticos e quinze anos como psicoterapeuta de grupos. Atualmente, atendo cinco grupos semanais de psicoterapia psicodramática de longa duração e supervisiono muitos trabalhos de grupo realizados por estudantes universitários e psicólogos formados. A partir dessa experiência, pretendo apresentar alguns sonhos-ações cocriados nos grupos, vistos por Moreno⁵ como lócus terapêuticos por excelência, mas que vêm perdendo espaço entre as psicoterapias na atualidade, até mesmo dentro do movimento psicodramático.

3 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. Campinas (SP): PSY, 1993.

4 Félix Guattari, *As três ecologias*. Campinas (SP): Papirus, 2007.

5 Jacob Levy Moreno, op. cit.

Merengué⁶ defende a proposição de que sonhos são elementos críticos que podem oferecer resistência aos modos de subjetivação presentes na contemporaneidade, pois mesclam arte e poesia, fantasia e realidade, sendo um exercício de liberdade e uma prática de antiassujeitamento a uma vida colonizada (que gera tanto mal-estar e sofrimento). Além disso, na contramão do neoliberalismo e do individualismo dominante, os grupos em relação horizontal-democrática seriam formas de contracultura, devendo ter espaço de existência.

Na mesma direção, Perazzo⁷ critica o enfraquecimento do trabalho com grupos no meio psicodramático, questionando se o psicodrama cooptado pela lógica individualista, hiper-reativa à exposição das pessoas e excessivamente normatizada, não estaria entrando no “começo do fim”.

Nessa perspectiva, urge que continuemos insistindo nos grupos, na arte, em suma, na psicoterapia grupal psicodramática idealizada por Moreno, como um remédio para nossos tempos sombrios, chamados por Krenak⁸ de “fim do mundo”. Um abismo por nossa condição de viciados em modernidade, caracterizada por ele como droga pesada e invisível à maioria, que promove modos de viver individualistas, consumistas e desconectados do organismo vivo da Terra. Diante dessa queda da humanidade, ele sugere que possamos suspender o céu e abrir paraquedas coloridos, gestando sonhos que possam ser vividos em constelações de pessoas. Segundo o autor, na perspectiva indígena, os sonhos são uma instituição que administra sonhadores:

Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno. [...] como uma

6 Devanir Merengué, *O sonho como resistência: Psicodrama e neoliberalismo*. São Paulo: Ágora, 2024.

7 Sergio Perazzo, O começo do fim. *Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, v. 17, n. 2, p.115-130, 2009.

8 Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo e A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica. [...] Se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisamos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. [...] Quando pensamos em um mundo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar⁹.

Em diálogo com a perspectiva indígena trazida por Krenak,¹⁰ escolhi utilizar o termo sonho-ação para distingui-lo do modo ocidental de conceber sonho. Aqui o sonho é ação na construção de novos mundos. Mais do que nunca, precisamos criar coletivos saudáveis produtores de sonhos; e a psicoterapia de grupo, sendo um desses meios, tem sua eficácia reconhecida até mesmo no universo científico da psicoterapia na atualidade.

Irvin Yalom, professor na Universidade de Stanford e estudioso referenciado na área de psicoterapia, com base em 32 estudos, afirma que a psicoterapia de grupo alcança 25% a mais de resultados positivos em relação à psicoterapia individual¹¹.

No entanto, a visão do senso comum é que a psicoterapia individual é mais profunda e alcança melhores resultados. Poucas pessoas têm experiência positiva e oportunidade real de vivenciar um grupo prototípico, baseado nas trocas inter-relacionais no aqui e agora. Segundo Yalom, o fato de os estagiários em psicoterapia não vivenciarem esse tipo de experiência-aprendizagem e serem expostos majoritariamente à psicoterapia individual tem provocado um déficit na sua formação. Além disso, nos serviços de saúde e na literatura cien-

9 Ailton Krenak, *A vida não é útil*, p. 34-47.

10 Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*.

11 Irvin D. Yalom, *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. São Paulo: Artmed, 2006.

tífica, proliferam os grupos homogêneos, de curta duração, com foco em remissão de sintomas, mas que não atingem os fatores terapêuticos (que, segundo Yalom, são onze) necessários para que a psicoterapia de grupo seja efetiva em qualquer abordagem.

Como podemos situar a psicoterapia de grupo psicodramática de longa duração diante dos critérios de efetividade estabelecidos por Yalom? Quais são as especificidades da psicoterapia de grupo psicodramática? Quais as potencialidades dos métodos da ação? O que significa a afirmação de Moreno¹² sobre a psicoterapia de grupo psicodramática ser um primeiro passo no Cosmos? Que sonhos-ações os grupos de psicoterapia podem produzir?

O objetivo deste ensaio é, portanto, dialogar a partir dessas perguntas, compondo um exercício reflexivo que passe por um posicionamento da teoria moreniana em uma perspectiva decolonial¹³ e uma prática ancorada nas três raízes do psicodrama, tal como proposto por Moreno¹⁴: medicina, sociologia e religião (cosmodinâmica).

PSICOTERAPIA DE GRUPO PSICODRAMÁTICA: UM PRIMEIRO PASSO NO COSMOS?

*Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados
agora com a queda? Vamos aproveitar toda a
nossa capacidade crítica e criativa para construir
paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não
como um lugar confinado, mas como o cosmos onde
a gente pode despencar em paraquedas coloridos.*

AILTON KRENAK¹⁵

12 Jacob Levy Moreno, op. cit.

13 Daniela de Figueiredo Ribeiro, A decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas: pela superação de epistemicídios históricos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 31, 1-12, 2023.

14 Jacob Levy Moreno, op. cit.

15 *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 30.

Em 1959, Moreno publicou seu livro *Psicoterapia de grupo e psicodrama* em alemão, devolvendo para a Europa, berço do psicodrama, a criança criada nos Estados Unidos: sua proposta teórico-metodológica. A psicoterapia de grupo é apresentada então como lócus terapêutico por excelência¹⁶.

Moreno deixa claro também o quanto enfrentou o *status quo* da psicoterapia na época (individual e de orientação psicanalítica), criando a psicoterapia de grupo, o que trouxe grande potência e ampliação do tratamento, mas também problemas quanto ao paradigma clássico da psicoterapia/psiquiatria, que precisou ser repensado. Em algum momento, ele afirmou que, se não fosse uma firme intenção de trazer benefícios a sua área de estudo e trabalho, não teria renunciado a seu conforto pessoal e imigrado para lugares onde suas ideias pudessem ser mais bem aceitas e utilizadas. Foi por esse motivo que se mudou para os Estados Unidos em 1925, e pelo mesmo motivo efetivou esforços para introduzir a obra publicada na língua alemã, uma vez que, a partir de 1950, a Europa se mostrou aberta à temática da psicoterapia de grupo.

*Eu sempre tive a ideia que o mundo caprichoso em que vivemos necessita de uma terapia mundial – e todos os meus livros se voltam a esse ponto – e de que eu com minha própria pessoa deveria fazer algo para criar e divulgar essa terapia*¹⁷.

Moreno finaliza o prefácio da edição alemã dizendo que escrever esse livro foi um grande prazer, mas também uma luta dura pela expressão. O que se pode observar é que talvez, nessa obra, ele una sua origem filosófica e poética (dos primeiros livros publicados na Áustria, como *Palavras do Pai*¹⁸) com seu desenvolvimento científico realizado nos Estados Unidos. Por esse motivo, esse livro foi escolhido para dar fundamento às

16 Jacob Levy Moreno, op. cit.

17 Id., *ibid.*, p. 10.

18 Jacob Levy Moreno, *Palavras do Pai*. Belo Horizonte: PSY, 1992.

reflexões sobre minha prática como psicoterapeuta de grupos na abordagem psicodramática. Além disso, o autor traz uma discussão filosófica sobre os grupos e seu papel na constituição do indivíduo, o que o torna um dos autores pioneiros mais expressivos e profundos quanto à discussão sobre a relevância da psicoterapia de grupos.

Logo na introdução do livro, ele apresenta uma concepção de psicoterapia de grupo que se diferencia das obras de outros autores que partiram somente do paradigma médico, ou da área da saúde. Moreno situa a psicoterapia de grupo sobre três raízes: a medicina, a sociologia e a religião. Segundo ele, apesar de o termo “psicoterapia” vir do arcabouço médico, esses profissionais tinham experiência apenas com corpos individuais. Além disso, ele amplia a visão sobre o que é patologia para a ciência positivista, fazendo a crítica desse conceito:

A denominação de patológico não tem para nós um sentido absoluto. Do ponto de vista do universo não existe patologia, mas apenas do ponto de vista da ciência humana. Pensamos em desvios das normas culturais e leis sociais ou em vazio espiritual, que muitas vezes contribuem para uma piora do status sociométrico do indivíduo¹⁹.

Portanto, não foi possível ancorar essa metodologia somente na medicina, mas foi necessário recorrer à sociologia, que também ofereceria escassos recursos, pois era necessária uma análise dos pequenos grupos ou microsociologia, também na época pouco estudada. Moreno afirma que o grupo terapêutico funciona como uma sociedade em miniatura, mas em que todos os membros são aceitos e podem se expressar livremente, possibilitando a corporificação de todas as figuras significativas de nossa cultura.

Vivemos em grupo desde o nascimento. Perturbações que são em grande proporção determinadas pelo mundo que nos rodeia não

19 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*, p. 72.

*podem ser eliminadas se o ambiente não for integrado na situação terapêutica e simultaneamente tratado. A psicoterapia de grupo se aproxima do ambiente natural que as pessoas vivem, trata tanto da dinâmica individual como da grupal*²⁰.

Por fim, Moreno afirma também a raiz religiosa que ancora a prática da psicoterapia de grupo. Nesse caso, ele não se refere às instituições religiosas vigentes, mas, pelo contrário, busca responder ao que elas não eram capazes naquele momento: questões sobre o sentido último da vida e a inserção do homem em um universo amplo (universalismo cósmico, como ele trata, termo próximo às visões decoloniais). Explicando melhor essa questão, Moreno²¹ afirma que “o psicoterapeuta de grupo precisa discutir os valores que satisfazem o espírito de cada época e se ocupar de sistemas de valores que se apoiam em bases científicas”. Ele cita o desendeusamento do mundo de Espinosa, que foi seguido por Nietzsche, Marx e Freud, e a necessidade de se reconstruírem valores de forma mais radical do que nos foi apresentada na cultura ocidental. Para ele, o lugar do homem, designado por Marx essencialmente como membro da sociedade, e o designado pela psicanálise, como viajante entre o nascimento e a morte, sem levar em consideração o resto do universo, são visões parciais. Moreno defende que o homem é um ser cósmico, mais que psicológico, biológico e natural.

*Pela limitação da responsabilidade do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida, faz-se dele um banido [...] A existência do universo é importante, é realmente a única existência significativa; é mais importante que a vida e a morte do homem como indivíduo, como tipo de civilização, como espécie*²².

Observa-se que Moreno parece ter uma visão biocêntrica e não antropocêntrica, tal como a maioria dos autores moder-

20 Id., *ibid.*, p. 74.

21 Id., *ibid.*, p. 15.

22 Id., *ibid.*, p. 15.

nos, situando-se em muitos aspectos em uma perspectiva pós-moderna (enquanto crítica da modernidade). Ele invoca uma “vontade de valor supremo” que todos os seres pressentiriam e que os uniria a todos. Para ele, o Cosmo em devir é o valor supremo, podendo atribuir sentido a cada partícula do universo, inclusive ao homem. Moreno afirma que a psicoterapia de grupo é um primeiro passo no Cosmo e, mais importante que a linguagem, que é uma forma “logificada” – existe a possibilidade de explorar de forma não verbal as primeiras etapas do desenvolvimento humano e da vida pré-verbal da criança (lôcus de seus mais profundos conflitos).

Por outro lado, Moreno identifica os problemas decorrentes de situar a psicoterapia de grupo nessa posição (fora do enquadre estritamente médico da época). Mas defende que os membros do grupo levantam problemas que pertenciam antigamente ao domínio da religião, tal como a angústia coletiva diante de um naufrágio humano. Além disso, eles continuam a pensar e querer respostas sobre como agir em um mundo desumano, frio e indiferente à existência do homem e da natureza. Segundo ele, não caberia responder aos pacientes que esses problemas não lhe concernem, pois ele é somente um médico. O psicoterapeuta de grupo teria que ir, portanto, para além da medicina, bebendo e se aperfeiçoando simultaneamente em outras disciplinas.

Moreno reconhece o número altíssimo de vítimas de uma ordem mundial insuportável, as quais ele chama de proletariado terapêutico, composto de pessoas que sofrem de várias formas de miséria: psíquica, social, econômica, política, racial, religiosa. Esse proletariado poderia ser libertado por meio de uma Revolução Criadora, que se daria no seio dos grupos, através da cocriação de novos modos de ser.

Em última instância, a concepção terapêutica de Moreno situa o homem diante de sua responsabilidade com todas as criaturas humanas, estando a psicoterapia de grupo em posição estratégica em termos de transformações amplas.

Conhecer o homem na visão moreniana é conhecer ao mesmo tempo o aspecto tangível da sua personalidade, seu cacho de papéis, mas também a espontaneidade que se manifesta ao ser solicitada por um mergulho na experiência, podendo dar origem a um ato criativo²³.

Para Moreno, não existe um reservatório de espontaneidade, ela surge quando solicitada a transformar-se em ato criativo, sendo a Divindade moreniana uma força espontânea da natureza, que se manifesta no Homem como centelha divina, mas tem a mesma substância do Deus cósmico²⁴.

Assim como na Cabala, Moreno e Espinosa admitem a existência de uma unidade cósmica, na qual tudo permanece e se transforma ao mesmo tempo. Fonseca²⁵ aponta que a Natureza naturante de Espinosa corresponde à espontaneidade-criatividade, assim como a Natureza naturada à conserva cultural; e que o mundo é um fluxo de fluxos.

Grosfoguel²⁶ afirma que os judeus sefarditas da Península Ibérica (entre os quais se incluem as famílias de Moreno e Espinosa) foi o primeiro povo/cultura a sofrer epistemicídio durante a constituição do mundo moderno colonizado. Depois vieram os povos africanos, indígenas e as mulheres consideradas bruxas. Modos de saber e conceber o mundo foram perseguidos e jogados às sombras. Santos²⁷ define o epistemicídio como prática sistemática de destruição de formas de saber inferiorizadas diante dos valores do colonialismo.

Defendo, então, que para compreendermos com profundidade a terceira raiz do psicodrama precisamos mergulhar nas

23 Jacob Levy Moreno, *Psicodrama*. São Paulo: Agora, 2009.

24 José Fonseca, *Essência e personalidade: Elementos de psicologia relacional*. São Paulo: Agora, 2018.

25 Id., *ibid.*

26 Ramón Grosfoguel, A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: Racismo/ sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan.-abr. 2016.

27 Boaventura de Sousa Santos, *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. São Paulo: Autêntica, 2021.

sombras do pensamento ocidental moderno, sendo os aportes decoloniais ou contracoloniais uma grande potência de aproximação.

A visão de homem e de mundo de Moreno configuram uma perspectiva minoritária na ciência e na sociedade. Segundo Vieira²⁸, o Psicodrama é um projeto emancipatório da modernidade, que pode estender sua potência à pós-modernidade, entendida por ele como um novo tempo. De forma diversa, tomo o conceito de pós-modernidade como uma crítica à modernidade, e não como ruptura ou fim desta. Mas, na mesma perspectiva do autor, concebo o projeto moreniano como emancipatório dos projetos de sociedade que predominam na atualidade. Portanto, é natural que ainda hoje ele seja mal compreendido e tenha alguns de seus conceitos e filosofia desqualificados. Principalmente a raiz “religiosa” do Psicodrama, a cosmodinâmica, tem sido ridicularizada ou simplesmente negada.

Quanto à ciência, talvez seja possível tomar o Psicodrama de forma mais ampla a partir da terceira virada ontoepistêmica, tal como pontua Hadler²⁹. Segundo a autora, a história ocidental da lógica cientificista envolve política e poder, podendo ser observadas, desde o surgimento da ciência, três viradas ontoepistêmicas (reflexões sobre o que é o Ser e os modos de produção de saberes e sentidos sobre o mundo). Apesar das três perspectivas coexistirem na sociedade ocidental contemporânea, atualmente o convite é para que a ciência deixe de ser um território exclusivo de verdades objetivas, abrindo espaço para a multiplicação de vozes e de experiências, o que permite a inclusão da perspectiva não colonial da filosofia moreniana, a cosmodinâmica, e também o convite para uma pesquisa (ou construção de conhecimento) que inclua um coletivo,

28 Érico Douglas Vieira, O psicodrama e a pós-modernidade: espontaneidade como via de resistência aos poderes vigentes. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 25, n. 1, p. 59-67, 2017.

29 Oriana Holsbach Hadler, Uma alegoria kafkiana para pensar o encontro entre psicodrama e ciência. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 32, 2024.

assumindo a posição subjetiva e transformadora do pesquisador, tal como a pesquisa-ação proposta por Moreno³⁰. Na revisão de Naffah Neto, a questão é colocada da seguinte forma: “[...] o experimento tem que ser um projeto movido do interior e envolvendo a participação conjunta de todos”³¹.

O PSICODRAMA NA CONTRAMÃO DOS TEMPOS DE COSMOFOBIA E GRUPOFOBIA...

*A ideia de que nós, os humanos,
nos descolamos da terra, vivendo numa
abstração civilizatória é absurda.*

AILTON KRENAK³²

*A grande maioria está chamando de caos social,
desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano,
nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo.*

AILTON KRENAK³³

Em uma vertente contracolonial, Antônio Bispo dos Santos³⁴, conhecido como Nego Bispo, autor quilombola brasileiro, afirma que a cosmofofia é a grande doença da humanidade eurocristã monoteísta: “a cosmofofia é responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária”. Em sentido contrário, ele defende a confluência como energia que nos move para o compartilhamento, o reconhecimento e o respeito. “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende”³⁵.

30 Jacob Levy Moreno. *Psicodrama*. 12. ed. São Paulo: Ágora, 2009.

31 Alfredo Naffah Neto, *Psicodrama: Descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus, 1997, p. 139.

32 *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 32.

33 Id., *ibid.*, p. 72.

34 Antônio Bispo dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023, p. 27.

35 Id., *ibid.*, p. 15.

Vivemos, no entanto, tempos em que grupos e coletivos perdem força diante de um individualismo extremo. “Os indivíduos se tornaram mais individualizados. A descrença nos grupos e na democracia é um dos mantras”³⁶.

De acordo com Guattari³⁷, observamos atualmente uma progressiva deterioração das relações de trabalho, desequilíbrios ecológicos, vida doméstica gangrenada pelo consumo da mídia, vida conjugal e familiar ossificada, padronização de comportamentos e relações de vizinhança reduzidas a sua mais pobre expressão. Assim, não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e sobre o ambiente; e a recusa de olhar de frente a degradação nesses três domínios se dá por meio da infantilização da opinião (discurso midiático sedativo) e naturalização destrutiva da democracia. Nesse cenário, uma gestão mais coletiva se impõe para orientar as ciências em direção às finalidades mais humanas, reconstruindo o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. A enunciação do indivíduo é prisioneira das significações coletivas dominantes. Somente um grupo-sujeito pode trabalhar fluxos semióticos, quebrar significações, abrir a linguagem para outros desejos e forjar outras realidades! Qualquer revolução efetiva deverá ser transversal aos três domínios simultaneamente: mental, social e ambiental.

É comum no mundo contemporâneo, no entanto, uma repulsa aos grupos, pois no âmbito social eles funcionam repetindo o padrão autoritário e opressor do *modus operandi* neoliberal. Mas um grupo terapêutico deve construir um modo diferente de operar, não repetindo indefinidamente o macrocosmo social. Pelo contrário, ele se torna terapêutico se aprende a funcionar sob um regime de verdades flexível, transformando-se de acordo com cada nova demanda.

36 Devanir Merengué, *O sonho como resistência: Psicodrama e neoliberalismo*. São Paulo: Ágora, 2024. p. 66.

37 Félix Guattari, *Revolução molecular: Pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987 e *As três ecologias*. Campinas (SP): Papirus, 2007.

Os grupos terapêuticos, na perspectiva proposta, enfrentam os conflitos, o dissenso e as múltiplas perspectivas sem a pressa de estabelecer uma norma geral imutável, à qual todos devem ser fiéis para poderem pertencer. Na verdade, eles buscam ser o contraponto dos modos autoritários e adoentados de funcionamento dos grupos no cotidiano, em que o poder não se flexibiliza e o pertencimento se dá às custas de opressão e de ajustamento das diferenças. A questão que se coloca aos grupálistas que se alinham às propostas emancipatórias é a seguinte: como flexibilizar o poder e ter paciência para que as diferenças encontrem modos de coexistir? Como cocriar ambientes sociais mutantes de acordo com as demandas do momento, garantindo um poder partilhado, que migra entre pontos do todo? Segundo Moreno³⁸:

Os grupos de psicoterapia se distinguem dos grupos cotidianos, naturais. Esses têm como característica interesses e atividades comuns, mas também pouca coesão interna e diferenças de status. Os grupos terapêuticos são chamados grupos sintéticos e necessitam de um grau maior de liberdade e espontaneidade, sendo a igualdade de status dos membros indispensável. [...] Trata-se o indivíduo e seu universo social inteiro simultaneamente.

Muitas vezes, nos detemos no modo de pensamento hegemônico ocidental, que enxerga o homem como individualista, usurpador do poder, egoísta, preocupado somente com a sobrevivência dos que lhe são próximos. Hoje, a emergência de cosmovisões apagadas pela história oficial nos mostra o contrário. Há modos de compreender a vida em que se prioriza uma ontologia relacional.

A partir de estudos decoloniais sobre o “bem-viver”, palavra e conceito de origem quéchua que ganha espaço no universo científico contemporâneo, observamos outras possibilidades de viver o espaço comunitário, social. Esses estudos

38 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*, p. 25.

trazem contribuições inéditas às teorias de grupo, indicando caminhos para o que na ciência moderna era considerado utopia: relações baseadas em outros estilos de poder, de poder partilhado, de compreensão da inserção do homem na teia da vida³⁹.

Os grupos que caminham na direção de se tornarem sujeitos⁴⁰ – ou seja, quando deixam de reproduzir o *modus operandi* da sociedade, e passam, a partir da realidade de cada um dos membros, vivida e sentida por todos, a reinventar realidades e modos de convivência – se tornam potentes ferramentas antifascistas. Esse aspecto pode ser observado no filme de Kay Pollak *A vida no paraíso*⁴¹, em que um maestro inicia um grupo de coral em uma pequena cidade na Suécia. Apesar de não ser um grupalista profissional, ele utiliza técnicas de contato físico e emocional, de movimento, com o objetivo de as pessoas encontrarem seu tom singular. O grupo se transforma em um locus de liberdade para que as pessoas se expressem e possam ir encontrando sua forma singular e verdadeira de estar na vida. Observa-se que tanto o grupo quanto as pessoas se tornam mais saudáveis, com relações mais autênticas, e passam a enfrentar e a modificar padrões sociais, causando grande incômodo nas figuras da comunidade que representam padrões de autoritarismo moral, patriarcal e de gênero.

A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA DE GRUPO

*De que lugar se projetam os paraquedas?
Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho.
Um outro lugar que a gente pode habitar além
dessa terra dura: o lugar do sonho.*

AILTON KRENAK⁴²

39 Daniela de Figueiredo Ribeiro, op. cit.

40 Félix Guattari, *Revolução molecular*.

41 *A vida no paraíso*. Direção: Kay Pollak. Suécia, 2004

42 *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 65.

Podemos pensar os grupos terapêuticos como experiências em que o casulo da reprodução social implode, abrindo novas visões para os integrantes⁴³? Como articular essa proposta aos estudos científicos atuais sobre psicoterapia de grupo?

Segundo Yalom⁴⁴, existe um modelo prototípico de grupo terapêutico intensivo, de interação interpessoal no aqui e agora, com pacientes heterogêneos, e com ambiciosos objetivos de obter alívio sintomático e mudança de personalidade. O autor estudou os fatores terapêuticos que estão presentes para que a psicoterapia de grupo seja efetiva em qualquer abordagem, desde que inclua essas exigências. Não participariam desses grupos prototípicos aqueles que, por motivos econômicos, estão prevalecendo atualmente – grupos homogêneos, orientados para os sintomas, que se reúnem por períodos breves e têm objetivos limitados. O autor faz a crítica de que esses grupos têm sido foco das pesquisas hoje, recebendo financiamentos vultuosos. Como contraponto, ele ressalta a importância de não confundir aparência de eficiência com efetividade verdadeira. O número menor de pesquisas com grupos prototípicos se dá pela dificuldade de terem seus resultados quantificáveis e também por habitarem um território misto, entre a ciência e a arte.

Moreno⁴⁵ deixa clara a inserção do psicodrama no modelo prototípico:

Então uma nova reorientação das forças se inicia. [...] A parte da terapia de grupo da sessão se inicia. Os membros do grupo começam, uns depois dos outros, a exprimir seus sentimentos e sua própria vivência de conflitos semelhantes. Os pacientes atingem um novo tipo de catarse, a catarse de grupo, o protagonista deu amor e agora o grupo lhe devolve amor. Os membros do grupo dividem com ele suas próprias preocupações, assim como ele dividiu

43 Id., ibid.

44 Irvin D. Yalom, *Psicoterapia de grupo*.

45 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*, p. 109.

as suas com eles e, aos poucos, a catarse atinge todos os presentes. Mas o processo de clarificação não se dá sem conflitos; não são raras a hostilidade e as críticas agudas, principalmente contra o terapeuta. O grupo todo está em efervescência; é necessária a arte do médico para encontrar uma solução.

Nessa perspectiva, segundo Moreno⁴⁶, é papel do psicoterapeuta manter a estabilidade do grupo e a produtividade terapêutica. Ele deve ser dotado de elevada telessensibilidade, experiência e habilidade. O terapeuta também é um membro do grupo, podendo ocasionalmente ser objeto de discussão terapêutica. Como ele desempenha dois papéis no grupo, é a pessoa mais vulnerável e, por vezes, recebe ameaças de todos os lados, devendo estar à altura das agressões que vêm dos demais.

A psicoterapia psicodramática de grupo também prioriza a produção no aqui e agora, com atuação livre e desinibida dos membros, sendo que as vivências mal resolvidas do passado se exteriorizam de alguma forma nas vivências atuais e são trabalhadas no grupo.

*O terapeuta não vem ao grupo com um plano ou hipótese definidos, bem como não exige dos membros que sigam um determinado plano de trabalho. Tudo se desenvolve como na própria vida, com todas as incertezas, pausas, tensões, animosidades*⁴⁷.

Na perspectiva de inserção da psicoterapia de grupo psicodramática no modelo prototípico, resta estabelecer pontes entre a proposta moreniana e os onze fatores terapêuticos descritos por Yalom⁴⁸. Cada fator será apresentado a seguir, sendo pensado com exemplos próprios da abordagem psicodramática experimentada nos grupos que dirijo.

46 Id., *ibid.*

47 Id., *ibid.*, p. 86.

48 Irvin D. Yalom, *Psicoterapia de grupo*.

1. Instilação de esperança

Esse primeiro fator diz respeito à importância de os membros de Psicoterapia de grupo terem expectativas elevadas quanto ao possível resultado positivo do grupo: “Essa tarefa inicia antes do grupo começar, na orientação pré-grupo, na qual o terapeuta reforça expectativas positivas, corrige preconceitos negativos e apresenta uma explicação lúcida e poderosa das propriedades curativas do Grupo”⁴⁹.

No final de 2023, foi realizado um sociodrama de avaliação do processo psicoterápico de grupo com 45 pessoas que estavam sob minha direção, em quatro grupos: um deles com um ano e meio de existência, um com dois anos, outro com quase três anos e um último com pessoas que fazem psicoterapia de grupo há mais de cinco anos. Uma das perguntas foi sobre como se sentiam no início do processo grupal e as respostas giraram em torno de desconforto, vergonha, medo de se abrir. Uma das participantes revelou que o que a fez ficar foi a “fé de viver algo diferente do conhecido até então”. Observo que essa confiança pode ser ampliada na preparação para a entrada no grupo, feita pelo psicoterapeuta. Ele é capaz de instilar esperança com base na sua própria vivência, tanto pessoal quanto profissional.

2. Universalidade

Outro fator terapêutico dos grupos é o fato de as pessoas sentirem que estão no mesmo barco, na medida em que as revelações mostram semelhanças com o que muitos sentem. Isso traz alívio e um despertar para a consciência de que estamos todos submetidos a um processo de produção de subjetividades que transcende o indivíduo, o qual costuma se culpar por inadequação e incapacidade de performar o modelo de homem ideal inscrito na conserva cultural.

49 Id., *ibid.*, p. 26.

Segundo Yalom⁵⁰, o segredo mais comum que se revela nos grupos é a convicção profunda de uma inadequação básica – um sentimento de ser basicamente incompetente, de ter sido um blefe ao longo da vida. Esse sentimento traz muito sofrimento, sendo uma questão comumente trazida pelas pessoas nos processos de psicoterapia. Em geral, o que elas buscam inicialmente é a adequação aos padrões sociais, mas o grupo desvela o fato de que desejar esse padrão pode ser um problema.

Nos processos de grupo avaliados por mim, observei que muitos participantes disseram terem descoberto seus “torturadores internos” durante o processo de psicoterapia de grupo, termo cunhado por nós como referência a essa exigência interna de perfeição. Além disso, trouxeram que: “aprendemos a nos render, enfrentamos melhor as forças de adoecimento que perpassam a todos”, corroborando a ideia da universalidade (muitos dos fatores de adoecimento perpassam a todos).

3. Compartilhamento de informações

Segundo Yalom⁵¹, existem dois tipos principais de troca de informações nos grupos, que são mais ou menos úteis ao processo: a instrução didática e o aconselhamento direto. Principalmente no início do processo, a instrução didática sobre vários assuntos ligados à Psicoterapia, em geral fornecida pelo terapeuta, funciona como a força de ligação inicial para o grupo, até que outros fatores terapêuticos entrem em operação.

Já o aconselhamento direto é menos eficiente, sendo necessário que as pessoas aprendam a se colocar de um outro lugar, compartilhando experiências, e não afirmando coisas do tipo: “se eu fosse você, eu...”. Isso acontece com frequência nos grupos novos e, nos antigos, pode denotar processos regressivos, aponta Yalom.

50 Id., *ibid.*

51 Id., *ibid.*

Nos grupos avaliados por mim, foi comum escutar que “aprendemos a falar de nós e não aconselhar os outros, o que nos colocou em posição de horizontalidade uns com os outros”.

4. Altruísmo

Segundo Yalom⁵², “os membros ganham por darem, não apenas por receberem ajuda”. Observa-se que o altruísmo, apesar de ser fator venerável de cura em culturas originárias, ancestrais, tem sido pouco valorizado na sociedade ocidental.

Deleuze⁵³, ao se referir à sociedade atual, vista por ele como sociedade de controle, observa que a competição está infiltrada na subjetividade dos membros dessa sociedade da serpente, na qual até aqueles que caminham ao nosso lado são prováveis ameaças. O altruísmo e a solidariedade são viáveis somente em momentos de catástrofe, e não como possibilidades da vida cotidiana, na relação com nossos pares. Portanto, na medida em que os grupos instilam esse valor, novos modos de convivência vão sendo experimentados, tal como relatado por uma participante de grupo que diz: “Somos mais solidários, aprendemos a ter/ser amigo. Aprendemos a receber e a oferecer, a gostar de conviver”. Outra diz: “Estamos mais abertos aos Encontros: sabemos viver tele – intimidade – sentimos as pessoas”. Alguns membros relatam sentirem-se “tendo ninho, um espaço seguro para experimentarmos nossa inteireza e nossa vulnerabilidade”.

5. A recapitulação corretiva do grupo familiar primário

De acordo com Yalom⁵⁴:

Se os líderes de grupos forem vistos como figuras parentais, eles produzirão reações associadas a figuras parentais/de autoridade: alguns membros se tornarão desesperadamente dependentes

52 Id., ibid., p. 32.

53 Gilles Deleuze, *Conversações*: 1972-1990. São Paulo: Editora 34, 1992.

54 Irvin D. Yalom, op. cit., p. 34.

dos líderes, a quem imbuem conhecimento e poder irrealis, outros desafiarão os líderes cegamente, pois percebem-nos como controladores e infantilizadores, outros ainda terão medo deles, pois acreditam que querem privar os membros de sua individualidade. Alguns membros tentam dividir os coterapeutas, na tentativa de incitar discordâncias e rivalidades parentais, alguns se revelam mais quando um dos coterapeutas está ausente, e outros competem amargamente com os outros membros, esperando acumular unidades de atenção e carinho dos terapeutas. Alguns sentem inveja quando a atenção do líder se volta para outras pessoas, outros gastam sua energia em busca de aliados entre os outros membros para derrubar os terapeutas, enquanto outros negligenciam seus próprios interesses em uma tentativa aparentemente abnegada de satisfazer os líderes e os outros membros.

Na perspectiva psicodramática, a leitura desse aspecto pode ser embasada por Nery⁵⁵, quando afirma que o processo de atração e repulsão entre as pessoas nos grupos gera uma luta de poder relativa à distribuição dos afetos. “Nesse sentido, os grupos e seus membros competem sociometricamente para serem mais atraentes e sobreviverem na dimensão socioafetiva”⁵⁶. Os grupos vivem um exercício específico de poder caracterizado pela competição sociométrica, uma competição afetiva relacionada a qual indivíduo é mais escolhido e mantém membros unidos a si, ou qual grupo é mais escolhido e mantém seus membros unidos⁵⁷.

Isso que se revela no grupo pode conduzir para a clarificação das modalidades vinculares afetivas de cada membro que, ao apresentar condutas conservadas (transferenciais), traz à tona os vínculos residuais da matriz de identidade, “composto pela criança interna ferida e pelo papel complementar interno

55 Maria da Penha Nery, *Grupos e intervenções em conflitos*. São Paulo: Ágora, 2010.

56 Id., *ibid.*, p. 44.

57 Id., *Vínculo e afetividade*. São Paulo: Ágora, 2003.

patológico, ou seja, os aspectos do outro internalizados pelo indivíduo em vínculos patológicos”⁵⁸. A autora afirma que a intervenção nos grupos é favorecida quando as lógicas afetivas de conduta são detectadas e trabalhadas.

Alguns dos resultados da psicoterapia de grupo, relativos a esse fator terapêutico, podem ser exemplificados a partir dos seguintes relatos: “Tenho menos necessidade de me autoafirmar e me sinto mais corajosa”; “Me sinto mais confortável sendo eu mesma, menos tímida e envergonhada, mais segura”; “Aprendi a lutar por mim sem culpa, coloco limites”. Todos esses relatos se referem ao resultado do enfrentamento das lógicas afetivas de conduta ou da recapitulação corretiva do grupo familiar primário.

6. Desenvolvimento de técnicas de socialização

Yalom⁵⁹ afirma que frequentemente membros antigos de grupos de terapia adquirem habilidades sociais sofisticadas (sintonizam-se com o processo, aprendem como responder de forma útil ao outro, adquirem métodos de resolução de conflitos, são menos prováveis de julgar e mais capazes de experimentar e expressar empatia).

No psicodrama, isso se dá por meio da dramatização de relações interpessoais, que amplia as possibilidades de se ver e de ver ao outro. Nos relatos das pessoas que vivenciam a psicoterapia de grupo, observam-se as seguintes constatações relativas à habilidades sociais: “Aprendemos a lidar com conflitos: somos menos reativos e mais autênticos”; “Diferencio melhor o que é meu e o que é do outro”; “Aprendi a brincar, ter soltura e leveza. Sou mais flexível.”; “Me acolho e me expresso melhor”; “Lido com meus erros e com os dos outros com mais naturalidade”; “Julgo menos a mim e aos outros”, “Vejo e respeito mais a nossa diversidade”.

58 Id., *ibid.*, p. 21.

59 Irvin D. Yalom, *op. cit.*

7. Comportamento imitativo

Yalom⁶⁰ afirma que a imitação é uma força terapêutica efetiva, uma vez que pode ajudar a descongelar o indivíduo suficientemente para que ele experimente novas possibilidades.

No psicodrama, um método especialmente útil para oferecer novas referências é a Multiplicação Dramática, em que os membros do grupo multiplicam as possibilidades trazidas em determinada cena, compondo outras situações suscitadas por ela e reagindo de formas diversas, de maneira que o protagonista possa ampliar seu escopo de visão e possibilidades.

Multiplicação dramática é um conceito formulado por Kesselman, Pavlovsky, Frydlevsky em 1987. É uma maneira de conceber o dispositivo grupal como uma máquina de produção de sentidos, uma estratégia de cura ligada ao prazer da criação coletiva grupal e, também, um tipo de trabalho sequencial grupal que tem as seguintes fases:

1. relato de uma experiência pessoal; 2. dramatização da cena do protagonista explorada com os recursos necessários; 3. jogos dramáticos criados pelo grupo em estado de espontaneidade/criatividade, inspirados na cena inicial, e improvisações que cada integrante do grupo realiza aproveitando a ressonância que a cena inicial produz⁶¹.

Um relato de um membro de grupo de psicoterapia exemplifica bem essa questão: “Nos curamos juntos: com outros acessamos melhor o que é nosso, escolhemos desnudar nossas dificuldades e temos muitas referências de ações e atitudes que não tínhamos antes”.

8. Aprendizagem interpessoal

Yalom⁶² afirma que o objetivo inicial da terapia, que normalmente é o alívio do sofrimento, é substituído por novos

60 Id., *ibid.*

61 Pedro H. A. Mascarenhas, O Psicodrama de Adolf Hitler: Um paradigma do Psicodrama e a sua relação com a Multiplicação Dramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 19, n. 1, 2011, p. 115-120.

62 Irvin D. Yalom, *op. cit.*

objetivos mais amplos. Os sintomas iniciais são traduzidos em nível interpessoal e se reconhece a necessidade de contato humano. Observa-se melhora na comunicação interpessoal, maior honestidade consigo e com os outros, e maior possibilidade de dar e receber amor. Essas mudanças se dão principalmente por meio da experiência emocional corretiva:

A mudança, no nível comportamental e no nível mais profundo de imagens internalizadas de relacionamentos passados, não ocorre principalmente por meio da interpretação e do insight, mas por uma significativa experiência relacional no aqui-e-agora, que rejeita as crenças patogênicas do paciente [...] O grupo contém muitas tensões embutidas — tensões cujas raízes alcançam profundamente, nas camadas básicas: rivalidade entre irmãos, competição pela atenção dos líderes/pais, a luta por dominação e status, tensões sexuais, distorções paratáxicas e diferenças de classe social, educação e valores entre os membros.⁶³

Segundo o autor, são condições para a experiência emocional corretiva: (1) os membros considerarem o grupo suficientemente seguro e solidário, para que essas tensões possam ser expressas abertamente; (2) suficiente envolvimento e *feedback* honesto para permitir o teste da realidade efetivo. Além disso, os incidentes críticos, como expressão de forte afeto negativo, quando seguidos de teste de realidade, são excelentes oportunidades de aprendizagem. Assim, conflitos são excelentes chances, e aqueles envolvidos são importantes agentes terapêuticos um para o outro, desde que haja compreensão do que está acontecendo: aspectos transferenciais a serem trabalhados.

Assim, o conflito pode ser extremamente valioso para o curso da terapia, desde que a sua intensidade não exceda a tolerância dos membros e que se estabeleçam normas adequadas no grupo. Aprender como lidar efetivamente com o

63 Id., *ibid.*, p. 43.

conflito é um importante passo terapêutico, que contribui para o amadurecimento individual e para a resiliência emocional dos membros⁶⁴.

A coesão é o principal pré-requisito para o manejo do conflito. Os membros devem desenvolver um sentimento de confiança e respeito mútuos, e valorizar o grupo como um meio importante para satisfazer as suas necessidades pessoais. Eles devem entender a importância de manter a comunicação para que o grupo sobreviva. Todas as partes devem continuar a lidar diretamente entre si, não importa quanta raiva sintam⁶⁵.

Moreno também se refere à experiência emocional corretiva como característica da psicoterapia de grupo, mas a explica com outras palavras: na medida em que o grupo interage de forma direta e imediata, é imposta a prova da realidade a todos. “O paciente é confrontado não só com pessoas e situações reais da sua vida, mas também com a de outras pessoas”⁶⁶. Ele ainda afirma que o objetivo da psicoterapia psicodramática é “prover o paciente de mais realidade do que a luta pela vida até então lhe forneceu”⁶⁷ e auxiliá-lo a dar autoria a sua própria vida, recriando-se a si mesmo e ao mundo.

9. Coesão grupal – pré-condição para que os outros fatores terapêuticos funcionem

Segundo Yalom, todos são responsáveis pela coesão do grupo, sendo que grupos mais coesos têm resultados melhores (espírito de solidariedade, conexão emocional).

Seria um engano comparar a coesão com conforto. Embora os grupos coesos possam apresentar maior aceitação, intimidade e entendimento, existem evidências de que eles também permitem maior desenvolvimento e expressão de hostilidade e conflito.

64 Id., ibid., p. 288.

65 Id., ibid.

66 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*.

67 Id., ibid., p. 120.

*Os grupos coesos possuem normas (ou seja, regras de comportamento verbais aceitas pelos membros) que estimulam a expressão aberta de desacordos ou conflitos, além de apoio. De fato, a menos que se possa expressar a hostilidade abertamente, atitudes hostis disfarçadas e persistentes podem impedir o desenvolvimento de coesão e de uma aprendizagem interpessoal efetiva*⁶⁸.

Para Moreno⁶⁹, a estrutura embrionária do grupo (observada e identificada pouco a pouco, por meio da identificação do fator tele e nível de coesão) direciona o desenvolvimento das forças terapêuticas do grupo. “A tarefa é formar grupos terapeuticamente eficazes para os participantes”⁷⁰.

Além disso, as estruturas de tele dão ao grupo sua durabilidade, estabilidade e coesão, sendo que todo grupo patológico é essencialmente um grupo de transferência (o excesso de transferência diminui a coesão do grupo e influencia na sua durabilidade). Em perspectiva contrária, Moreno propõe⁷¹ o conceito de Encontro como saúde dos grupos:

A palavra Encontro contém como raiz a palavra contra. Abrange, portanto, não apenas relações amáveis, mas também relações hostis e ameaçadoras. [...] Encontro é um conceito em si, único e insubstituível [...] Encontro significa que pessoas não apenas se reúnem, mas que elas se vivenciam, se compreendem cada uma com todo seu ser [...] As pessoas encontram-se com todas as suas forças e fraquezas, cheias de espontaneidade e criatividade; o encontro vive no aqui e agora. [...] é diferente do que os psicanalistas chamam de transferência [...] É também diferente do que os psicólogos chamam de empatia. Move-se do Eu para o Tu e do Tu para o Eu. Ele é sentir a dois, Tele.

Alguns dos relatos dos participantes de grupo referem-se aos processos transferenciais, presentes principalmente no

68 Irvin D. Yalom, op. cit., p. 73.

69 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*.

70 Id., *ibid.*, p. 25.

71 Id., *ibid.*, p. 73.

início do processo grupal: “Queríamos agradecer os outros, com medo de nos abirmos, julgávamos a nós mesmos e aos outros”, “Éramos solitários e desconectados de nós mesmos, ressabiados demais com os outros.” Com a evolução do processo grupal, percebem-se pertencentes: “Sinto agora um pertencimento real: no grupo e na vida”; “Nos amamos sem máscaras (incluindo as partes densas e escuras)”; “Somos mais livres, ocupamos nosso espaço e assumimos a nossa verdade – EXISTIMOS!”.

10. Catarse

De acordo com Yalom⁷², a catarse emocional é um fator terapêutico dos grupos, e aqueles membros que aprenderam muito mostraram um perfil característico de catarse e alguma forma de aprendizagem cognitiva. Sendo assim, o autor afirma que a capacidade de refletir sobre a própria experiência emocional é um componente essencial do processo de mudança.

Moreno também dá ênfase aos processos de catarse como resultados positivos do psicodrama. Segundo ele⁷³,

Seu próprio eu tem a oportunidade de se reencontrar e se reordenar; de reestruturar os elementos dispersos por forças malignas, de com eles formar um conjunto e, com isso, ganhar um sentimento de força e alívio, uma catarse de integração, de purificação pela complementação. Pode-se dizer que o psicodrama enriquece o paciente com uma experiência nova e alargada da realidade, uma realidade suplementar pluridimensional, um ganho que ressarce, pelo menos em parte, o sacrifício que ele teve que fazer durante o trabalho de produção psicodramática.

Naffah Neto⁷⁴ define catarse como um momento no qual ocorre toda uma reorganização do sentido do existir, oriunda da

72 Irvin D. Yalom, op. cit.

73 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*, p. 109.

74 Alfredo Naffah Neto, op. cit.

explicitação de uma estrutura oculta, mas presente e modelizadora da experiência atual. Como movimento expressivo, implica também a emergência da palavra como elemento de reflexão e simbolização da experiência catártica vivida como novidade.

11. Fatores existenciais

Yalom⁷⁵ levanta alguns fatores favoráveis ao sucesso da psicoterapia de grupo, relativos às atitudes dos membros do grupo diante da vida e da psicoterapia. Em geral, esses fatores traduzem uma postura de assunção de responsabilidade sobre a própria vida e a aceitação de que o mundo não funciona de acordo com o esperado, havendo mortes, perdas e situações difíceis a serem enfrentadas. Quanto maior o grau de maturidade dos membros quanto a essas atitudes, maior seria a possibilidade de ganhos com a psicoterapia de grupo.

Trazendo esses fatores para a prática da psicoterapia psicodramática, traço uma hipótese de que esses fatores constituem critérios de inclusão na psicoterapia de grupo, mais do que os fatores psicopatológicos, facilitando o ingresso e a permanência nos grupos.

Nessa mesma direção, alguns relatos de participantes revelam o aprendizado de soltura de controle e migração do lócus de poder sobre a própria vida para si mesmo, como pode ser observado nos relatos: “Aprendemos a ter fluidez e deixar o controle – confiar mais na Vida”; “Suporto melhor o não saber, aqui aprendemos a nos guiar pela espontaneidade”; “Hoje sei me escutar e validar (reconheço melhor minhas necessidades), não estou mais a serviço do outro e do mundo, sou protagonista da minha vida”.

Concluindo, pode-se observar que os fatores terapêuticos dos grupos, descritos por Yalom⁷⁶ como condição de eficiência, podem ser identificados e vivenciados integralmente por meio da metodologia psicodramática. E ela ainda oferece mais...

75 Irvin D. Yalom, op. cit.

76 Id., ibid.

OS MÉTODOS DA AÇÃO: ESPECIFICIDADES DA PSICOTERAPIA DE GRUPO PSICODRAMÁTICA

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover.

AILTON KRENAK⁷⁷

Os métodos terapêuticos pela ação (drama) estão presentes desde tempos remotos em civilizações originárias. Moreno⁷⁸ exemplifica com o relato de um antropólogo sobre os indígenas Pomo, residentes da costa ocidental da Califórnia. O sofrimento físico e psíquico de um indígena que aparentemente estava à beira da morte foi tratado por meio da representação do objeto que lhe havia causado temor. Segundo o antropólogo, o doente melhorou visivelmente.

Moreno iniciou suas experimentações quando fundou o Teatro de Improvisação, em 1921: “Lá tomei consciência das possibilidades terapêuticas existentes na representação, na vivência ativa e estruturada de situações psíquicas conflituosas”⁷⁹. Ele ultrapassou os domínios da análise e palestra médica, compreendendo as dimensões vivenciais, destacando que o psicodrama não se trata de encenação teatral, mas de um procedimento terapêutico natural, real.

As fases mais antigas do desenvolvimento psíquico não encontram ressonância na linguagem organizada e desempenham um papel primordial no desenvolvimento de neuroses

⁷⁷ *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 26.

⁷⁸ Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*.

⁷⁹ Id., *ibid.*, p. 27.

e psicoses. Por isso, o contato corporal com o paciente e a comunicação motora e tátil, quando podem ser estabelecidas, constituem a base do trabalho psicodramático e atingem dimensões que a terapia exclusivamente verbal não alcança. “Há camadas profundas do psiquismo que não se pode atingir com a técnica de associação de palavras porque jazem abaixo da formulação verbal”⁸⁰.

Moreno afirma que a intensidade com que os membros do grupo vivenciam seus problemas faz com que somente palavras não sejam suficientes, até porque todos os participantes dividem aquele mesmo conflito e o indivíduo se transforma em um representante em ação. Nesse caso, o mundo todo, com seus medos e valores, se transforma numa parte da situação terapêutica.

O protagonista no psicodrama é aquele que se mostra engajado (deseja e não apresenta temor excessivo) e representa a si mesmo no cenário, esboçando seu próprio mundo. Ao ser aquecido para isso por meio de métodos como autoapresentação, solilóquio, projeção, interpolação de resistências, troca de papéis, duplo, espelho e mundo auxiliar, o paciente é levado a ser não um ator de teatro, mas ele próprio mais profundamente do que na vida real.

*Quando um paciente está aquecido para essa função, é relativamente fácil dar informações sobre sua vida interior, já que ele mesmo é sua grande autoridade. Deve atuar livremente, como lhe vier à cabeça, por isso lhe é necessária liberdade de expressão – ou seja, espontaneidade*⁸¹.

Segundo Moreno, o nível de produtividade de uma cena cai se a pessoa a descreve previamente, sendo mais importante do que o teorizar, o viver; daí os conceitos existenciais ganharem vida. Para ele, a autorrealização está um passo à frente do autoconhecimento.

80 Id., *ibid.*, p. 121.

81 Id., *ibid.*, p. 103.

Por fim, ele destaca que o psicodrama atingiu níveis admiráveis, não somente no caso de pessoas neuróticas, mas no tratamento de pessoas psicóticas. Ressalta, no entanto, que a prática precisa ser muito bem conduzida para não oferecer perigo.

QUE MUNDO QUEREMOS: EU, VOCÊ, NÓS?

Quando por vezes me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser natureza, como se a gente não fosse natureza. [...] Todos os outros humanos que não somos nós estão fora, a gente pode comê-los, socá-los, fraturá-los, despachá-los para outro lugar no espaço.

AILTON KRENAK⁸²

O contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela.

AILTON KRENAK⁸³

Uma floresta de árvores anciãs... bela e lúcida metáfora sobre o que pode a psicoterapia de grupo psicodramática no sonho-ação de novos mundos. Um mundo em que se tem “mais potência e alegria de viver”, tal como mencionou uma pessoa que vivencia esse processo há alguns anos.

Um mundo em que se sente, cheira, toca, move o corpo, brinca, canta, dança, vive-se com inteireza. Onde respirar se dá na presença, conduzindo a abertura do aqui e agora. E a realidade vai chegando perto, até ser percebida com todo o

82 *Ideias para adiar o fim do mundo*, p. 67.

83 *Id.*, *ibid.*, p. 69-70.

corpo. Não mais somente a realidade pensada, programada, preconcebida como estamos acostumados. Cria-se uma realidade suplementar na qual existimos com inteireza, na qual somos natureza. Assim, as árvores vão se enraizando, tornando sagrado o solo onde habitam. Um passo no Cosmos? Seria esse o sonho-ação de Moreno? Uma ética de corresponsabilidade com todos os seres?

Moreno nos apresentou um Deus imanente à Natureza, diferente daquele transcendente da Cultura Ocidental, e também um Eu criador, tal qual o gênero três de conhecimento em Espinosa. Ambos, Moreno e Espinosa, trazem conhecimentos muito próximos do Zohar, livro importante da Cabala do século XIII⁸⁴.

Espinosa concebeu três gêneros de conhecimento: 1) apreensão sensorial do mundo; 2) reflexão racional (compreensão a partir do todo, de um sistema); 3) intuição – que inclui os anteriores, mas traz algo novo. A metodologia moreniana inclui etapas de aquecimento e dramatização que justamente conduzem à apreensão sensorial e expressão dramática espontânea (uma poética que se situa entre fantasia e realidade – um sonho-ação). Na etapa do compartilhar, a compreensão acontece a partir do todo, sendo que cada um tem direito de representar o mundo a partir de si. E o que se espera com o processo é que os Eus criadores, as centelhas divinas, se manifestem na vida, algumas vezes pouco a pouco, outras vezes em rajada. Esses Eus criadores correspondem ao terceiro gênero de conhecimento de Espinosa: a intuição⁸⁵.

De acordo com a Cabala, na imanência tudo se integra e reintegra, tudo é um fluir natural do qual fazemos parte, visão muito próxima à de Moreno, para quem a divindade é a força espontâneo-criativa da Natureza⁸⁶.

84 José Fonseca, op. cit.

85 Id., ibid.

86 Id., ibid.

Krenak⁸⁷ nos convida a pensar que somos todos Natureza, e a mesma relação de exploração que temos com ela nós temos com os outros e conosco. Portanto, trata-se de fazermos um alinhamento que seria transversal a todas essas dimensões, no qual o mundo das árvores anciãs desperta: vamos descobrindo outra relação com a vida (incluindo tudo que nela habita), um modo sagrado de estar. Estaríamos nos aproximando da ideia fixa de Moreno: de que existe um universo onde todos os eventos são sagrados? Lembramos que ele se propôs a nunca se distanciar dessa ideia.

*Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte, não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades*⁸⁸.

Segundo Leite e Dimenstein⁸⁹, tais agenciamentos engendram um sujeito dócil e submisso, que circunscreve nas esferas individual/coletivo e consciente/inconsciente uma sujeição econômica e subjetiva a um modelo indivíduo-para-o-consumo, dando sustentação aos mercados capitalistas. A essa forma subjetiva serializada, individualizada e mantenedora das relações sociais assimétricas, Guattari⁹⁰ nomeia subjetividade capitalística, tipicamente produzida nos nossos tempos.

Boaventura de Sousa Santos, professor na Universidade de Coimbra, cientista pioneiro nas críticas ao colonialismo, e autor do termo Epistemologias do Sul e das metodologias pós-afetivas, afirma que o corpo de emoções e afetos, do sabor, do cheiro, do tato, da audição e da visão não está incluído na nar-

87 Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*.

88 Id., *ibid.*, p. 32.

89 Jäder F. Leite e Magda Dimenstein, Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 9-26.

90 Félix Guattari, *Revolução molecular*.

rativa epistemológica do Ocidente, mesmo depois de Espinosa ter criticado definitivamente essa exclusão como irracional e estúpida⁹¹.

Santos propõe que o conhecimento seja produzido a partir dos seguintes princípios, que no meu entender também se aproximam da proposta moreniana:

1. Luta: parte-se de uma situação concreta, em ações que busquem a liberdade. Fazer com o outro – exige confiança/tecer pontes/deixar de ser extrativista.
2. Experiência: diferentemente da noção positivista de experimento ou manipulação da vida, esse princípio busca responder às perguntas – Qual é a experiência fundamental vivida? É possível tradução intercultural? O observado precisa se tornar observador (senão ele é colonizado). O conhecimento não é possível sem a experiência e a experiência é inconcebível sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós. A experiência pós-abissal dos sentidos é uma experiência de reciprocidade: ver e ser visto, ouvir e ser ouvido... Minimizar assimetrias e criar zonas libertárias, comunidades. Práticas decoloniais.
3. Corpo⁹²: no Ocidente é obstáculo à lucidez da mente. Aqui é nosso grande guia para o conhecimento e para as experiências profundas dos sentidos: a escuta profunda (demanda autossilenciamento para ouvir a voz do silêncio, do inaudível – do que foi silenciado). A visão é o sentido que mais precisa ser descolonizado (não é possível ver sem ser visto – tridimensionalidade). O olfato, o paladar e o tato profundos: abertura de mundo.

91 Boaventura de S. Santos, op. cit., p. 137.

92 Foucault afirma que, na sociedade disciplinar, o corpo se caracteriza por uma docilidade política e utilidade econômica, invisíveis e de extrema sujeição, uma vez que a alienação é vivida no corpo e não apenas de forma representacional. (Michel Foucault, *Vigiar e punir*. 35. ed. São Paulo: Vozes, 2008.)

No Ocidente, o tato é o sentido mais reservado e controlado e, no entanto, o mais poderoso e imediato. Partilhar sentimentos não é possível sem partilhar experiências dos sentidos. Criar intimidade.

4. Autoria: quem usa o método? Qual o seu grau de emancipação/autodesaprendizagem? Essa resposta é fundamental para a condução de metodologias pós-abissais: o conhecimento é coconstruído (demanda a noção de coletivo – coautoria).

As Epistemologias do Sul são sugeridas pelo autor, uma vez que o conhecimento nortecêntrico não dá conta de tudo, menos ainda da sociabilidade colonial, e daquilo que está nas sombras – as vivências do lado sub-humano da linha abissal, no qual predominam as práticas de apropriação, violência, apagamento, consideração de não verdade e não existência, com os modos de conhecer desvalidados. Santos⁹³ propõe que a linha abissal divide o mundo entre: os plenamente humanos e os sub-humanos.

Poderíamos dizer que o lado plenamente humano em nós seria a subjetividade capitalística, que nos captura a performatar padrões conservados e valorizados pela cultura: o bom, o de sucesso, o amável, o perfeito, o inteligente, o bonito... E por aí vai... O escravo em nós, assim como concebe Nietzsche.

Já o sub-humano em nós, aquelas partes que estão sofrendo de apagamento, que não podem existir, revelam-se no palco de psicodrama. São cocriadas pelo grupo. Daí cada um vai assumindo sua inteireza, recuperando aquilo que estava na sombra. Aparecem vozes dissidentes, que, se integradas, criam, transformam...

Se a ciência Ocidental moderna foi um instrumento-chave para a expansão e consolidação da dominação moderna, questioná-la a partir das Epistemologias do Sul implica questionar seu caráter

93 Boaventura de S. Santos, op. cit.

*colonial (que produz e esconde a linha abissal criadora de zonas de não-ser), o seu caráter capitalista (a mercantilização global da vida através da exploração de dois não-bens de consumo: o trabalho e a Natureza) e o seu caráter patriarcal (a desvalorização dos corpos, das vidas e do trabalho social de mulheres com base da desvalorização do seu ser social)*⁹⁴.

Estamos, então, diante de uma encruzilhada ética-estética e política: a assunção acrítica da subjetividade capitalística, que nos induz a performar a rostidade do branco, adulto, macho⁹⁵, perfil modelizado em nós, que funciona no piloto automático, ou o mergulho na sombra dos nossos tempos para encontrar lá outros saberes escondidos, tatuados na pele, trazidos do corpo, em uma singularidade sensível. Santos⁹⁶ nomeia pensamento reacionário aquele que afirma que a linha abissal deve ser mantida, e pensamento pós-abissal aquele que trabalha para que ela seja minimizada.

As Epistemologias do Sul, assumindo a posição pós-abissal, se realizam por meio de: 1) Política (que implica crítica e ação); 2) Ecologia de saberes (integração da razão e emoção via corpo); 3) Escuta profunda (para conhecer deve-se pesquisar com e não sobre alguém); 4) Confiança na emancipação concebida na diversidade; 5) Resgate do coletivo (visão espinosista de que nós somos Natureza), na direção inversa ao individualismo moderno (Natureza é recurso natural a ser explorado, expropriado, utilizado economicamente – visão cartesiana).

Enfim... Novos mundos são possíveis se... forem criados os próprios modos de referência, as próprias cartografias existenciais, com invenção de novas práticas, abrindo brechas no sistema de subjetividade dominante. É preciso que cada um afirme a posição singular que ocupa e resista aos empreendimentos

94 Id., *ibid.*, p. 161.

95 Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

96 Boaventura de S. Santos, *op. cit.*

de nivelção de subjetividade. Devem, ainda, ser criados territórios e agenciamentos nos quais pessoas se sintam bem⁹⁷. Moreno, em seu livro *Palavras do Pai*⁹⁸, traduz poeticamente essa demanda:

Esta é minha oração: Que todos os seres sejam benditos com um lugar no universo, com um lugar no sol ou um lugar na lua. Não importa onde, se é um lugar onde possas criar-Me. Eu consegui para todos um lugar no universo. Vá e assume o teu. Essa é a minha casa: o Universo. Eu a dividi. Que todos os seres sejam abençoados com um lar, um lugar no universo. Que tu sejas bendito com um lar. Que o universo seja o teu lar. Eu fiz espaços tão imensos para que todos possam encontrar um lugar nele.

Entre pessoas que vivenciam a psicoterapia de grupo psicodramática na perspectiva apresentada neste ensaio, e que avaliaram seu próprio processo, muitas colocaram que sentem ter ninho, que o grupo é um lugar bom de viver, um lugar onde se pode ser inteiro, errar e acertar, existir com. Outras pessoas falaram de mais honestidade para consigo e com os outros, talvez uma percepção ampliada de si, pela insistência na presença no aqui e agora a partir do corpo. Também trouxeram a possibilidade de viver Encontros, saúde nas relações.

Durante a mesa-redonda que cito no início desse ensaio, outra estudante fez a seguinte pergunta: “O que vocês têm a dizer sobre os grupos se tornarem autogestivos?”. A resposta foi mais ou menos essa: “Meu grupo de terapia já terminou há alguns anos. Hoje, quando precisamos de terapia, nos ligamos e nos convidamos; fora isso, acompanhamos a vida uns dos outros. Uma vez tornados grupo de verdade, sempre seremos grupo”.

No entanto, tenho percebido que, se esse caminho não recebe cultivo, muitas vezes é perdido novamente em um mundo-rolo

97 Félix Guattari, *As três ecologias*.

98 Jacob Levy Moreno, *Palavras do pai*, p. 47.

compressor, aquele que não queremos mais, o abismo de Krenak. Mas, uma vez tendo experimentado mais liberdade e sentido a força da criação que acontece no “entre”, os corações vão saber onde buscar. E então abrir novos paraquedas coloridos durante a queda, para assim cocriar mundos sonhados...

Esse modo de fazer psicoterapia foi plantado e cultivado em poderosos celeiros e chega em nossos tempos como Revolução Criadora, como palco de sonhos-ações sobre florestas, árvores anciãs, e muitas coisas mais que constelações de centelhas divinas hão de continuar manifestando. Acredito que os grupos terapêuticos poderão ser oásis férteis, em meio à secura da terra, às catástrofes e aos complexos efeitos de um mundo colonizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G. & Guattari, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FONSECA, J. *Essência e personalidade: Elementos de psicologia relacional*. São Paulo: Ágora, 2018.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: Racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/ epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan.-abr. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>>. Acesso em: 23 set. 2024.
- GUATTARI, F. *Revolução molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas (SP): Papirus, 2007.
- HADLER, O. H. Uma alegoria kafkiana para pensar o encontro entre psicodrama e ciência. *Revista Brasileira de Psicodrama*, n. 32, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.661>>. Acesso em: 24 set. 2024.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEITE, J. F., & Dimenstein, M. Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 9-26, set. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 24 set. 2024.
- MASCARENHAS, P. H. A. O Psicodrama de Adolf Hitler: Um paradigma do Psicodrama e a sua relação com a Multiplicação Dramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 19, n. 1, p. 115-120, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000100009>. Acesso em: 24 set. 2024.
- MERENGUÊ, D. *O sonho como resistência: Psicodrama e neoliberalismo*. São Paulo: Ágora, 2024.
- MORENO, J. L. *Palavras do Pai*. Campinas (SP): Editora PSY, 1992.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. 12. ed. São Paulo: Ágora, 2009.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. Campinas (SP): Editora PSY, 1993.
- NAFFAH NETO, A. *Psicodrama: Descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus, 1997.

- NERY, M. P. *Vínculo e afetividade*. São Paulo: Ágora, 2003.
- NERY, M. P. *Grupos e intervenções em conflitos*. São Paulo: Ágora, 2010.
- PERAZZO, S. O começo do fim. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 17, n. 2, p. 115-130, 2009. <<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/117>>.
- RIBEIRO, D. de F. A decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas: Pela superação de epistemicídios históricos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 31, p. 1-12, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.596>>. Acesso em: 23 set. 2024.
- SANTOS, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- VIEIRA, E. D. O Psicodrama e a pós-modernidade: Espontaneidade como via de resistência aos poderes vigentes. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 25, n. 1, p. 59-67, 2017. Disponível em: <<https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/164>>. Acesso em: 23 set. 2024.
- YALOM, I. D. *Psicoterapia de grupo: Teoria e prática*. Porto Alegre: Art-med, 2006.

Psicodrama e surdez:
Relato de experiência
de atendimento a um
casal surdo-ouvinte

MARCOS ANTONIO SOUSA RODRIGUES



Marcos Antonio Sousa Rodrigues

Graduado em
Psicologia, com
experiência em
atendimento clínico
individual e de casal
com surdos e ouvintes.
Fez pós-graduação em
Psicodrama (nível 1)
e pós-graduação em
Psicoterapia de Casal e
Família. Formando em
Tradução e Interpretação
de Libras/Português.

marcosrodrigues.psi90@gmail.com

O Brasil tem uma população de 203.080.756 habitantes, dos quais mais de 10 milhões são pessoas com deficiência auditiva, segundo o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022¹. Só em Fortaleza, por exemplo, existem 144.997 pessoas com deficiência auditiva².

Segundo o *Estatuto da pessoa com deficiência*³, pessoa com deficiência é aquela que tem limitações sensoriais, físicas, mentais ou intelectuais de longo prazo, que a impeça de participar ativa ou plenamente da sociedade em igual nível com os demais. Entretanto, para além das barreiras físicas, é importante considerar as barreiras sociais.

A cultura surda é marcada historicamente pela expatriação em seu próprio país, levou-se mais de um século para reconhecer a validade da língua de sinais da nação surda no Brasil⁴. Esse processo se iniciou em 1857 no Instituto Imperial dos Meninos Surdos, conhecido atualmente com Instituto

1 IBGE, Panorama Censo 2022.

2 IBGE, Censo 2010.

3 Brasil, *Estatuto da pessoa com deficiência*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

4 G. Perlin, *O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003.

Nacional de Educação de Surdos (Ines)⁵, porém a língua de sinais foi legalizada apenas em 2002, por meio da Lei n. 10.436⁶. E a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda não foi reconhecida como segunda língua oficial do Brasil.

A língua de sinais é a língua utilizada pelo povo surdo para se comunicar; contudo, cada país tem sua própria língua. Aqui no Brasil tem-se a Libras, nos Estados Unidos tem-se a American Sign Language (ASL). Desse modo, uma pessoa surda que mora no Brasil precisa aprender a ASL para conseguir estabelecer comunicação adequada com um surdo usuário de ASL⁷.

Além disso, vale ressaltar que a Libras é uma língua própria, não se trata de uma tradução do português para os surdos, pois ela tem estrutura de linguagem e gramática próprias⁸. De forma sucinta, os sinais em Libras se dividem em dois tipos: os que têm alguma semelhança com a imagem que representam são denominados icônicos, já aqueles que não apresentam nenhuma relação com a imagem são chamados de arbitrários⁹.

A cultura surda é construída em espaço eminentemente visual, no qual se lê o mundo e desenvolvem-se as identidades da população surda¹⁰. É por meio da decodificação pela língua de sinais que os surdos se sentem seguros para trocar experiências, tanto individuais como coletivas¹¹.

Pode-se assim ter uma noção da riqueza e complexidade da Libras. Tamanha complexidade demanda do terapeuta disposi-

5 Graciele Kraemer, Identidade e cultura surda. In: Maura C. Lopes, *Cultura surda e Libras*. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 138-153.

6 Brasil, Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 2 out. 2024.

7 F. S. F. Sell e G. C. Rech. A disciplina de Libras no ensino superior e seus impactos na visão dos licenciandos em relação à surdez e à Libras. *The Specialist*, v. 41, n. 1, p. 1-13, 2020.

8 G. Perlin, op. cit.

9 F. S. F. Sell e G. C. Rech, op. cit.

10 G. Perlin, op. cit.

11 A. S. Thoma, Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In: M. C. Lopes, *Cultura surda e Libras*. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 154-180.

ção e interesse em debruçar-se para aprender uma nova língua e mergulhar em uma nova cultura, para com base nela fazer o atendimento de pessoas usuárias de Libras. Portanto, atender pessoas surdas demanda do profissional não somente o domínio de sua referência teórica e sensibilidade no tato, como também conhecimento da língua e da cultura surda para uma comunicação fluida.

Guimarães e Silva¹² observam que a ausência de conhecimento da Libras por profissionais de saúde resulta na redução da privacidade, devido à necessidade de alguém que acompanhe e facilite a comunicação, construindo-se, assim, uma barreira no acesso à saúde por parte do sujeito surdo. E reconhecer o sujeito surdo em sua alteridade é condição *sine qua non* para construção de mudanças reais na vida e na saúde dessa população; caso contrário, a ajuda pode ser mais um fardo do que um apoio¹³.

Corroborando o parágrafo anterior, Camargos e Ávila¹⁴ pontuam a importância de haver pesquisadores familiarizados com a língua materna da população surda no Brasil, a Libras, já que, por meio dela, podem reconhecer comportamentos inerentes à cultura e captar de forma fiel a mensagem, sem ignorar suas nuances. Entretanto, o número de produções sobre psicoterapia e surdez ainda é escasso. Além disso, existem pesquisas conduzidas por pessoas que não conhecem a cultura, os valores e a língua da população surda. Esse desconhecimento dificulta o acesso desses pesquisadores à subjetividade dos sujeitos surdos, visto que precisam recorrer a intérpretes para se comunicar com as pessoas surdas, o que contribui para a perda de material subjetivo.¹⁵

12 V. M. A. Guimarães e J. P. Silva, Sexualidade e surdez: Uma revisão sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. 1-16, 2020.

13 T. Pinto, Relações possíveis entre desencadeamento psicótico e implante coclear: Reflexões a partir do contexto clínico francês. *Psicologia Clínica*, v. 25, n. 2, p. 33-51, 2013.

14 G. Camargo e L. Ávila, A interface da psicologia com a surdez uma revisão sistemática. *Revista de Psicologia*, Fortaleza. v. 10, n. 2, p. 202-206, jul.-dez. 2019.

15 Idem, *ibidem*.

Guimarães e Silva¹⁶ assinalam que é por meio da língua de sinais que se tem acesso à subjetividade do sujeito surdo. Uma análise que transcenda a interpretação da mensagem e compreenda as influências culturais, emocionais e perceptivas que mobilizam o sujeito tende a ser mais frutífera, visto que a tradução/ interpretação insere um terceiro sujeito na relação terapeuta-cliente, retirando a equivalência do atendimento terapeuta-cliente¹⁷.

Com base em estudos sobre o atendimento a crianças surdas abusadas sexualmente, Guimarães e Silva¹⁸ também apontam que, além do conhecimento da língua e da cultura, é necessário ser criativo para adaptar técnicas e trazer as intervenções para o campo visual e concreto. Em alguns casos, é necessário realizar sessões com tempo maior que o convencional. E, no que concerne à criatividade, o psicodrama pode trazer contribuições importantes como abordagem teórica.

Abordagem de cunho fenomenológico e existencial proposta por Jacob Levi Moreno, o psicodrama carrega fortes contribuições de sua esposa Zerka Toeman Moreno. Nascido do trabalho vivencial e ideológico de Moreno, o psicodrama surge do incômodo com as abordagens analíticas que tinham como prerrogativa a existência de uma clínica fechada focada no trabalho individual¹⁹.

A espontaneidade é uma parte essencial da filosofia existencialista presente no psicodrama. Por meio dela, em vez de paralisarmos ante uma dificuldade inesperada, assumimos o improviso como parte da existência – o que pode ser desenvolvido quando a pessoa se abre ao novo em vez de se fechar. O comportamento espontâneo é um comportamento saudável; agir de maneira rígida, ter uma postura inflexível, portanto, é

16 V. M. A. Guimarães e J. P. Silva, op. cit.

17 G. Camargo e L. Ávila, op. cit.

18 V. M. A. Guimarães e J. P. Silva, op. cit.

19 A. Blatner; A. Blatner, *Uma visão global do psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1996.

um comportamento adoecido²⁰. Nesse sentido, a Libras surge como um ato espontâneo diante das conservas de uma sociedade capacitista. De acordo com Dias et al.²¹, o capacitismo é uma forma idealizada de capacidade funcional e produtiva, que parte do pressuposto de que pessoas com deficiência tendem a ser improdutivas ou incapazes de exercer funcionalidade no meio social.

Uma das formas de aplicação de psicodrama é no atendimento de casais, pois atender demandas de casal no consultório é atender o *locus* onde as pessoas materializam a expectativa de encontrar sua felicidade. É comum que o casal recorra à psicoterapia apenas como última alternativa, em uma fase já cansados, quase esgotados, em que olham para o parceiro como sintoma do mal-estar na relação²².

O adoecimento na relação pode ser compreendido como uma disfuncionalidade na matriz de identidade, de modo que a estagnação em uma das fases da matriz pode gerar as distorções de percepção do casal, levando-os aos conflitos insolúveis²³. As relações interpessoais que formam o primeiro núcleo social do sujeito, como seus pais/ cuidadores, irmãos, parentes mais próximos, constituirão a matriz de identidade do indivíduo e por meio dessa matriz se dará o início do desenvolvimento do aprendizado da socialização e integração com a cultura²⁴.

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar se é possível adaptar as técnicas terapêuticas utilizadas na teoria

20 Idem, *ibidem*.

21 F. S. Dias et al., Deficiência e capacitismo: Uma agenda nacional inconclusa para a 17ª Conferência Nacional de Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, n. 6, p. 1-6, 2023.

22 V. B. Ponzoni, Terapia de casal e psicodrama: Para além da técnica, um profundo encontro. In: G. Castanho, *Psicodrama com casais*. São Paulo: Ágora, 2016, p. 31-46.

23 L. Levy, Robert e Dora, Barbara e George: Erros e acertos de Moreno no psicodrama de casal. In: M. A. F. Vitale, *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004.

24 J. Fonseca, *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 2008.

psicodramática com casais ouvintes para atendimento com pessoas surdas, e foi norteador pelos seguintes objetivos específicos: pesquisar e descrever os recursos terapêuticos utilizados na terapia psicodramática de casais ouvintes; apresentar as principais singularidades no atendimento com a pessoa surda; verificar através da aplicação prática da psicoterapia psicodramática com pessoa surda quais recursos terapêuticos são mais viáveis para esse público.

MÉTODO

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e caracteriza-se como relato de experiência, com foco na investigação das possíveis adaptações para o atendimento psicoterapêutico de casal com pessoas surda, tendo como base o referencial psicodramático²⁵. A investigação se pautou por todos os preceitos éticos e legais definidos para pesquisas com seres humanos, conforme Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde²⁶, e os pacientes assinaram de forma voluntária o termo de consentimento livre e esclarecido.

Trata-se de um casal, adulto, heterossexual, com faixa etária entre trinta e quarenta anos, sendo um dos cônjuges surdo e outro ouvinte, ambos residentes na capital do Ceará. Para assegurar o sigilo e resguardar as identidades do casal, foram adotados nomes e sinais fictícios para os pacientes.

Chamaremos por Ana, a esposa, e Paulo, o marido. Abaixo seguem as imagens dos sinais respectivamente. O sinal de Ana é letra “A” em Libras com o dedão encostando no espaço entre o lábio inferior e o queixo. O sinal de Paulo é letra “P” em Libras com o dedo médio encostando no espaço abaixo do olho esquerdo.

25 A. M. Monteiro et al., *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2006.

26 Brasil, Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016.



IMAGEM 1: Ana



IMAGEM 2: Paulo

O método de investigação adotado foram as sessões de psicodrama, e os instrumentos utilizados foram: o diretor/psicoterapeuta (e pesquisador(a) desta pesquisa) que guiou as sessões; os protagonistas, que foram o casal participante; o palco, através do qual ocorreram as sessões de psicoterapia de casal e os prontuários das sessões, bem como as anotações feitas pelo próprio terapeuta após as sessões.

Foram realizados trinta atendimentos clínicos em psicoterapia de casal, sem a mediação de intérprete de Libras, com duração de noventa minutos e recorrência semanal, no período de novembro de 2022 a junho de 2023. Inicialmente os atendimentos se deram de forma presencial, porém, após oito sessões surgiu a demanda por parte do casal de mudar para o formato virtual para melhor adequação da agenda.

As técnicas foram avaliadas após a aplicação em cada sessão. Entre os critérios foram considerados: a percepção do terapeuta sobre a fluidez da sessão, o retorno imediato ou subsequente do paciente acerca da comunicação, bem como a facilidade de compreensão do paciente a cada orientação, sendo consideradas válidas as sinalizações em que os participantes não tiveram dúvidas para responder ou conseguiram compreender mais rapidamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa técnica foi aplicada na primeira sessão, com objetivo de compreender as dificuldades que o casal trazia para o atendimento e como eles percebiam a situação do casamento.

Iniciamos com uma conversa de acolhimento e também de aquecimento a fim de prepará-los para a dramatização. Começou o aquecimento com a pergunta: na opinião de vocês, em quais problemáticas a psicoterapia de casal poderá ajudar?

Nesse momento, o casal pensou separadamente sobre suas respostas e cada um respondeu individualmente. Ana mencionou a comunicação, a raiva e a dificuldade de lidar com as emoções juntos. Paulo citou a dificuldade de lidar com as coisas sozinho, ser responsável de falar com a esposa, mas ela se fechar e não lhe responder. Perguntei a Ana como ela se sentia ao ouvir Paulo falando aquilo, e ela respondeu que se sentia mal, que às vezes não conseguia conversar com ele e resolver, porque estava muito mal, então se fechava no quarto, esperando ele tentar resolver. Mencionou também se sentir muito magoada.

TERAPEUTA: *Faça uma escultura desse sentimento.*

ANA: *Não consigo.*

TERAPEUTA: *Imagine uma imagem que me mostre o que você sente.*

ANA: *É como uma árvore que dá frutos, um dos frutos cai e fica ali perto sofrendo.*

TERAPEUTA: *Quem é você nessa cena, a árvore ou fruto?*

ANA: *O fruto, a árvore é ele (Paulo).*

TERAPEUTA (ficou de pé): *Me mostre com seu corpo.*

TERAPEUTA: *Usa seu corpo para me mostrar (representar) como é esse fruto. Como se fosse um teatro.*

Em seguida, o terapeuta pediu a Paulo que se posicionasse como uma árvore e, com a ajuda da Ana, ele moldou a escultura da árvore que representava. Na sequência, Ana assumiu a posição de fruto e o marido se manteve na posição de árvore. Ao assumir a posição de fruto, ela começou a chorar, se emocionando fortemente. O terapeuta acolheu em silêncio o choro de Ana e, passados alguns minutos em silêncio, ele perguntou:

TERAPEUTA (perguntou a Ana): *O que gostaria de fazer?*

ANA: *Não sei.*

TERAPEUTA (*perguntou a Ana*): *Você quer retirar a árvore?*

ANA: *Não.*

TERAPEUTA (*falou para Paulo*): *Quero que você olhe para ela e faça como ela, troque de lugar com ela e seja o fruto.*

TERAPEUTA (*dirigiu-se a Ana*): *Gostaria que você visse a cena de fora, eu serei a árvore. Me diga: o que vê?*

ANA: *Muita mágoa, muito sofrimento, muita tristeza e muita desconfiança.*

TERAPEUTA (*falou para Ana*): *O que precisa para sair dessa condição?*

ANA: *Precisa de mais amor.*

O terapeuta pediu para Ana voltar para dentro da cena no lugar de fruta e que o marido olhasse a cena de fora, novamente o terapeuta sendo a árvore. Pediu que Paulo dissesse o que ele via.

PAULO: *sinto muita pena, muita dó do que vejo.*

TERAPEUTA (*perguntou para Paulo*): *O que você gostaria de mudar na cena?*

Paulo ficou imóvel e não respondeu, parecia não conseguir falar nem agir. Então o terapeuta interveio:

TERAPEUTA (*perguntou a Paulo*): *Sua esposa disse que precisava de mais amor, você tem esse amor para dar?*

PAULO: *Sim.*

TERAPEUTA (*pediu a Paulo*): *Transforme esse amor em comportamento.*

Paulo foi até a esposa, tirou-a da posição de fruta e a colocou de pé ao lado dele e deram os braços, os dois estavam visivelmente emocionados.

TERAPEUTA (*dirigiu-se ao casal*): *Olhem um para o outro. Como estão se sentindo?*

PAULO (*falou para o terapeuta*): *Estou dando amor a ela (muito emocionado).*

TERAPEUTA (*dirige-se a Ana*): *Você está sentindo?*

ANA (*respondeu ao terapeuta*): *Sim (muito emocionada).*

Então, o terapeuta solicitou que saíssem da cena e se sentassem no sofá. Nesse momento iniciou-se a etapa de compartilhamento.

Adaptações da comunicação

O sinal criado para explicar a ideia de concretização demandou não somente a adaptação da linguagem, mas também a explicação, de forma que os pacientes compreendessem que o objetivo seria demonstrar com o corpo o material simbólico que eles traziam no discurso em Libras. Essa explicação foi processual e pouco intelectualizada, para não desaquecer os pacientes, retirando-os do momento de acesso à emoção e voltando à intelectualização.

Recorreu-se à explicação de que poderia ser uma *imagem* para ajudar a paciente a manter a sua expressão emocional em nível simbólico, mais próxima da realidade suplementar. O percurso realizado pelo terapeuta foi o seguinte:



IMAGEM 3: Fazer



IMAGEM 4: Escultura



IMAGEM 5: Sentir

A junção das imagens 3, 4 e 5, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *fazer escultura sentir*. Essa mesma frase, traduzida adequadamente, pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Faça uma escultura desse sentimento*.

Ao perceber que a mensagem recebida pela paciente não foi compreendida conforme o objetivo proposto, o terapeuta disse:



IMAGEM 6: Exemplo



IMAGEM 7: Imaginar



IMAGEM 8: Imagem



IMAGEM 9: Mostrar para mim



IMAGEM 10: O quê?



IMAGEM 11: Você



IMAGEM 5: Sentir

A junção das imagens 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 5, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *exemplo imaginar imagem mostrar para mim o que você sentir*. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação

transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Imagine uma imagem que me mostre o que você sente*. Após a paciente evoluir na elaboração da imagem mental, o terapeuta conduz o processo para a concretização do sentimento e solicita:



A junção das imagens 9, 8 e 12, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *mostrar para mim imagem corpo*. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Me mostre (represente) com o seu corpo*.

Dessa forma, a paciente conseguiu concretizar o sentimento, bem como acessar o conteúdo emocional. A partir daqui segue-se a análise psicodramática.

Compreensão psicodramática

Embora no subtítulo desta seção conste o tema *concretização*, durante a sessão foram utilizadas outras técnicas, como o espelho, no momento em que a paciente ou seu marido veem de fora a escultura construída e falam sobre como a escultura que veem os mobiliza. A escolha da escultura se deu de modo espontâneo e teve como objetivo ajudar o casal a visualizar a questão que os incomodava. A escultura proporciona trazer para a consciência, de forma cinestésica, conteúdos que têm força para transformar o relacionamento e a essência do conflito²⁷.

Por se tratar da primeira sessão, ela serviu de base para mostrar ao terapeuta algo que estava para além do discurso, além de colocar o casal diante da problemática para que eles mesmos decidissem se deveriam continuar. Para haver psicoterapia de casal, ambos os cônjuges precisam estar implicados na busca da conciliação das dificuldades. Caso um deles não tenha interesse em dar continuidade na relação, não há motivos para realizar psicoterapia de casal.

Nesse caso, essa avaliação é feita no momento em que o terapeuta perguntou se Paulo tem o amor que Ana está precisando. Caso ele respondesse de forma negativa, as sessões não poderiam continuar, visto que o propósito da psicoterapia de casal não consiste no convencimento de ninguém, mas no acolhimento e na busca por melhorar os aspectos do relacionamento que ambos sentem que precisam ser melhorados.

Sessão dupla

Iniciou-se o atendimento com a pergunta: *O que vocês gostariam de trabalhar na sessão de hoje?* Eles escolheram falar sobre os pontos positivos e negativos do relacionamento. O terapeuta tomou como base uma atividade realizada em sessões anteriores, em que escreveram sobre os pontos positivos e negativos no

27 V. L. Y. Benedito, *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004.

relacionamento, e solicitou que escrevessem novamente, mas, desta vez, que mencionassem como imaginavam que o relacionamento deveria ser. Solicitou que lessem o que tinham escrito, começando pelos pontos positivos do relacionamento.

Ana elencou como positivo: o marido carinhoso, brincalhão, compreensivo e observador, preocupado com as coisas de casa, faz supermercado, lava a louça sem ela pedir, faz um bom sexo. Paulo elencou como positivo: a relação de amizade, sair juntos, fazer brincadeiras e piadas, esposa carinhosa e prestativa. Então, adentrou-se nos aspectos negativos. A esposa iniciou dizendo que o marido deveria ser mais carinhoso. Nesse momento o terapeuta interveio:

TERAPEUTA (*dirigiu-se a Ana*): *Você colocou carinhoso nos pontos negativos, mas também colocou carinhoso nos pontos positivos, poderia me falar mais sobre isso?*

ANA: *Hoje ele é assim carinhoso, mas há momentos em que eu queria que ele demonstrasse carinho e ele não demonstra, quando tenho alguma conquista, até conto para ele, na expectativa de alegrá-lo, de ele festejar junto comigo, se animar comigo, mas ele não demonstra ânimo.*

TERAPEUTA (*perguntou para Paulo*): *Gostaria de dizer algo?*

PAULO: *Essa é a minha forma de demonstrar a felicidade pelas conquistas dela.*

ANA (*falou para Paulo*): *Responde desse jeito por ser o seu jeito, mas você precisa se desenvolver, você precisa melhorar!*

PAULO (*respondeu para Ana*): *Sou atencioso com você, já fiz isso outras vezes. Eu nunca fui atencioso com você? Você consegue me dizer que eu nunca reajo de forma atenciosa?*

ANA (*falou para Paulo*): *Você está exagerando! É claro que às vezes você faz, mas estou pedindo para aumentar a frequência. Eu não usei a palavra nunca e não disse que você nunca fez, estou pedindo para aumentar a frequência.*

PAULO (*falou para Ana*): *Esse é meu jeito. Cada um tem seu jeito de ser. Tenho minha história de vida, minha cultura, não fui estimulado a ser de outra forma. Na minha família não é assim, não damos parabéns, a gente demonstra mais a tristeza.*

ANA (*respondeu para Paulo*): *Na minha família também não teve esse estímulo, mesmo assim eu me desenvolvi, e você pode sim melhorar, mas para isso você precisa querer se desenvolver.*

NESTE momento eles ficaram em silêncio durante alguns minutos. Em seguida, o terapeuta pediu para mostrar ao casal como percebia aquele momento.

TERAPEUTA (*no duplo de Ana*): *Me sinto triste, eu comparo uma conquista com o meu marido, mas ele parece não se importar. Parece que não é importante para ele, e eu sinto que eu não tenho importância.*

TERAPEUTA (*perguntou para Ana*): *Você concorda com essa fala?*

ANA (*respondeu para o terapeuta*): *É assim que eu me sinto. Na sequência o terapeuta fez um duplo do marido e disse:*

TERAPEUTA (*no duplo de Paulo*): *Quando a minha esposa vem me contar suas conquistas eu dou atenção, que eu considero suficiente, e está tudo bem, tem outras coisas mais importantes para fazer.*

TERAPEUTA (*perguntou para Paulo*): *Concorda com o que foi dito?*

PAULO (*respondeu para o terapeuta*): *Não. Porque eu me importo, sim, com o que ela sente, e fico muito feliz de ver ela conquistando coisas. Fico alegre. Só que não demonstro, eu fico realmente sem demonstrar, mas isso não quer dizer que eu não fico muito feliz com as conquistas dela, só é meu jeito, eu não fico incomodado quando ela vem contar as conquistas dela, eu fico feliz!*

TERAPEUTA (*falou para Paulo*): *Falarei novamente como se fosse você.*

TERAPEUTA (no duplo de Paulo): *Fico feliz quando ela vem contar as suas conquistas, mas não consigo demonstrar essa alegria, eu fico muito feliz por dentro, mas não consigo externalizar isso, mas esse é o meu jeito.*

TERAPEUTA (perguntou para Paulo): *Concorda com o que foi dito?*

PAULO (respondeu para o terapeuta): *Sim, cem por cento!*

TERAPEUTA (perguntou novamente para Paulo): *Como você se sentiu quando eu falei como se eu fosse a Ana?*

PAULO (respondeu para o terapeuta): *Sinto vontade de mudar, de fazer diferente, demonstrar que fico feliz, que sinto empatia quando ela fala sobre suas conquistas.*

TERAPEUTA (perguntou para Ana): *Como você se sentiu quando eu falei como se eu fosse o Paulo?*

ANA (respondeu para o terapeuta): *Sinto dó, porque percebo que na história de vida dele não houve estímulo para demonstrar, ele não foi estimulado pela família dele a expressar os sentimentos, ele se desenvolveu como uma criança muito tímida, eu conheço a história de vida dele. Então, sei que ele é muito tímido e por isso sinto dó dele.*

Adaptações da comunicação

A construção do sinal para realização do duplo, assim como no caso anterior, aconteceu em etapas de compreensão. Entretanto, diferente da concretização, esse sinal foi evoluindo durante todo o processo psicoterapêutico até chegar a um sinal que se tornou sucinto e claro.

Para garantir o máximo de compartilhamento da experiência de sinalização, foi escolhida uma sessão para fazer o recorte, mas nesta análise será apresentada a evolução completa da sinalização até chegar ao resultado da sessão escolhida para recorte.

Nos atendimentos iniciais, quando deseja aplicar a técnica do duplo, o terapeuta dizia:



IMAGEM 13: Agora



IMAGEM 14: Eu



IMAGEM 1: Ana



IMAGEM 13: Agora



IMAGEM 14: Eu



IMAGEM 2: Paulo

A junção das imagens 13, 14 e 1, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *agora eu Ana*. Essa mesma frase, traduzida adequadamente, pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Agora farei o papel de Ana*.

A junção das imagens 13, 14 e 2, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *agora eu Paulo*. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Agora farei o papel de Paulo*.

Essa ação do terapeuta indicava ao casal que naquele momento ele assumiria o papel de alguém na relação e falaria não mais como terapeuta, mas sim como a pessoa mencionada. Dessa forma, fazia a diferenciação das falas durante o uso da técnica duplo no atendimento. Para sinalizar ao casal que estava saindo do duplo e voltando a falar no papel de terapeuta, era dita a seguinte frase:



IMAGEM 13: Agora



IMAGEM 14: Eu



IMAGEM 15: Marcos
(Terapeuta)

A junção das imagens 13, 14 e 15, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *agora eu Marcos*. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Agora voltarei ao papel de Marcos*. À medida que as sessões foram ocorrendo, a comunicação foi se tornando quase intuitiva, e a sinalização para realização do duplo evoluiu e foi sintetizada em um único sinal:



IMAGEM 16: Duplo

Este sinal foi inspirado no sinal de mudança em Libras, que, diferentemente do sinal mostrado na imagem 16, que é restrito ao espaço dos dedos das mãos, enquanto nessa adaptação uma mão fica próxima ao peito e outra segue em direção ao paciente. Assim, o sentido de troca se dá pelo movimento de troca das mãos, enunciando que houve uma mudança. Com a aplicação desse sinal, a comunicação ficou mais fluida e menos fragmentada. Contudo, por ter sido criado junto com os pacientes no respectivo atendimento, esse sinal não tem validade nem reconhecimento externo, ou seja, para outros surdos que não participaram da construção do seu significado.

Compreensão psicodramática

O duplo construído junto com o casal pode ser utilizado para mostrar os desconfortos e as idealizações que existem na relação e facilitar o diálogo entre os cônjuges, assim a técnica contribui para fazer fluir a espontaneidade do casal²⁸.

Seguindo a sugestão de Vitale, foi aplicado o duplo para mediar a conversa entre o casal, de modo a acolher os sentimentos de ambos durante a sessão e estimular uma nova linguagem, uma comunicação que transmitisse aos cônjuges a mensagem de cada parceiro, sem deturpar o sentido, porém evitando o tom agressivo. À medida que a conversa vai fluindo com a mediação do terapeuta no duplo, é possível notar mudança de postura que o casal vai tomando, pensando sobre a problemática e em como saná-la.

Sessão inversão de papéis

O casal chegou sorridente para a sessão. Quando questionados sobre qual seria o tema da sessão, ambos ficaram em silêncio, se olharam, passaram um para o outro, pedindo para começar. O terapeuta, que aguardava em silêncio, disse:

TERAPEUTA: *Quem se sentir à vontade pode começar a falar.*
PAULO (falou para o terapeuta): *Gostaria de falar sobre dinheiro. Trabalho para pagar as contas e não ganho muito, ganho pouco, e por isso não compro nada para mim e tento ao máximo economizar para conseguir pagar todas as contas. Mas noto que ela (Ana) não se preocupa, faz dívidas e comunica apenas na hora de fazer o pagamento. Ela começou a trabalhar, mas o salário que ela vai receber agora, o primeiro salário, já está todo comprometido com dívidas. Eu esperava que ela tivesse empatia comigo e me ajudasse a pagar as contas dividindo metade das contas ou pelo menos pagando algumas contas.*

28 M. A. F. Vitale, op. cit.

ANA (falou para Paulo): Tenho muitas contas antigas, preciso pagá-las, por isso, estou com o salário comprometido. Além disso, precisava fazer as unhas, o cabelo, coisas de mulher que homem não precisa fazer, e você não dá dinheiro pra eu fazer essas coisas.

Eles então começaram uma discussão, não era possível entender o que diziam, com os dois falando ao mesmo tempo, impossibilitando totalmente a comunicação. O terapeuta pediu para falar e retomou o acordo no qual apenas um poderia falar e o outro apenas ouviria. Devido a toda a tensão, foi proposto um exercício de respiração para relaxar um pouco e acalmar os ânimos do casal.

TERAPEUTA: Organizem mentalmente o que gostariam de falar durante a conversa. Em seguida, me digam quais os tópicos serão citados.

PAULO (falou para o terapeuta): Empatia e dinheiro.

TERAPEUTA: E você, Ana, quais os tópicos deseja falar?

ANA (falou para o terapeuta): Confiança, respeito e mágoa.

TERAPEUTA: Agora vamos iniciar a conversa, relembro a vocês nosso acordo. Peço que falem apenas dentro do tópico escolhido. Só poderão começar falar quando o outro tiver encerrado.

ANA (falou Paulo): Você pode começar.

PAULO (falou para Ana): Amo muito você. Mas você precisa ter empatia comigo, pois eu trabalho muito e, por muito tempo, você ficou apenas em casa sem trabalhar. Ganho pouco, espero que você tenha empatia comigo e divida as contas. Assim, o dinheiro vai render mais, você pode também ajudar não contraindo novas dívidas.

ANA (falou Paulo): Eu ficava apenas em casa, mas em casa trabalhava muito também, limpava, organizava a casa, fazia comida, fazia tudo para sempre receber você muito bem. Sempre que vou ao mercado peço a você dinheiro para comprar o que está faltando. Você precisa

confiar em mim, sinto que você não confia. Você ficou me questionando por que eu comprei coisas a mais no supermercado.

Paulo interrompeu a fala dela dizendo que não foi bem assim, que ela estava errada. Nesse momento, o terapeuta interveio e pediu que ele ficasse em silêncio e a deixasse falar. No momento em que ela encerrasse, ele teria a palavra novamente.

ANA (falou a Paulo): *Se você não confia em mim para fazer as compras, você deveria fazer as compras, em vez de me dar o dinheiro para comprar.*

PAULO (respondeu a Ana): *Desculpa. Houve um engano, eu realmente vi que estava precisando comprar coisas a mais, mas eu não tinha me dado conta da real quantidade.*

TERAPEUTA (falou para o casal): *Gostaria de propor que vocês experimentassem um pouco o lugar um do outro. Vamos inverter os papéis, falem como se fossem seu cônjuge, tentem falar exatamente o que foi dito pelo outro.*

PAULO (falou no papel de Ana, para Ana): *Paulo, você deveria confiar mais em mim, me dar o dinheiro para comprar as coisas que estão faltando em casa.*

O terapeuta verificou se Ana estava satisfeita com a versão de si mesma que viu seu marido interpretar, ou se ela gostaria de modificar ou adicionar algo mais. Ela solicitou que, ao interpretá-la, Paulo adicionasse em sua fala o agradecimento e o reconhecimento do esforço do marido.

Paulo refez a cena e incluiu a fala solicitada por Ana, mas ele não conseguiu na primeira tentativa, esqueceu as falas, errou a postura e voltou a fazer mais duas tentativas sem sucesso. Porém, depois de muito esforço ele conseguiu concluir, usando exatamente as falas da esposa.

PAULO (no papel de Ana, para a própria): *Paulo, você deveria confiar mais em mim, me dar o dinheiro para comprar as*

coisas para casa que estão em falta. Eu sei que trabalha bastante e fazer isso sozinho não é fácil. Obrigada.

TERAPEUTA (perguntou para Ana): *Você concorda com essa Ana que você está vendo ou gostaria mudar algo?*

ANA (respondeu para o terapeuta): *Concordo, é isso mesmo.*

Em seguida, foi a vez de a esposa assumir o papel do marido, falando como se fosse ele, o que ela tentou, mas logo em seguida esqueceu toda a frase. O terapeuta pediu que Paulo repetisse a frase e ajudasse Ana a concluir sua fala no papel de marido.

Paulo disse que Ana, ao interpretá-lo, deveria pedir mais empatia, ajuda para pagar as contas em casa; no papel de marido, ela deveria dizer à esposa que ela também é responsável financeiramente pela relação.

A esposa tentou novamente, mas não conseguiu concluir, fez tentativas sucessivas e não conseguiu falar enquanto estava no papel do marido. Ela parecia ter muita dificuldade de se colocar no papel dele, transpareceu uma energia baixa, os movimentos eram lentos. Contudo, o terapeuta insistiu e pediu que ela tentasse até conseguir. Ela se esforçou mais um pouco, o terapeuta começou a falar as partes que ela esquecia, até que ela conseguiu concluir.

TERAPEUTA (falou para casal): *Como foi a experiência para vocês?*

ANA (respondeu para o terapeuta): *Foi difícil, eu esquecia o que deveria dizer. Achei cansativo, mas percebi coisas que não tinha percebido.*

PAULO (respondeu para o terapeuta): *Eu também achei difícil, tive que fazer várias vezes, mas percebi que ela também trabalha em casa. Muito obrigado por hoje.*

Adaptações da comunicação

A adaptação dos sinais para aplicar a inversão de papéis passou por um processo muito semelhante ao vivenciado com

o duplo, talvez dada a semelhança entre as técnicas também. Assim como o duplo, houve uma evolução na sinalização, em que se utilizavam três sinais para indicar a aplicação da técnica. Mas, com o passar do tempo e a familiarização, desenvolveu-se de forma espontânea um novo sinal que foi prontamente compreendido pelo casal durante a sessão.

O processo inicial de aplicação da inversão de papéis demandou a explicação e o treino do próprio terapeuta juntamente com o casal. Para que os cônjuges compreendessem o que estava sendo pedido, o terapeuta utilizou-se dos sinais conforme abaixo:



IMAGEM 6: Exemplo



IMAGEM 11: Você



IMAGEM 17: Falar

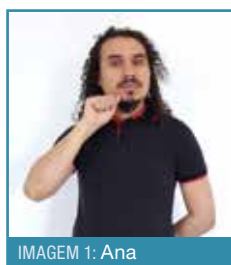


IMAGEM 1: Ana

A junção das imagens 6, 11, 17 e 1, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *exemplo você falar Ana*. Essa mesma frase, traduzida adequadamente, pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Por exemplo, agora você vai falar como se fosse a Ana*.

Conforme as sessões transcorreram, a sinalização para a inversão de papéis evoluiu e foi sintetizada em um único sinal:



O sinal foi utilizado com o casal para solicitar que trocassem de papéis, enquanto o retorno ao papel original se dava pela realização do sinal ao contrário. Desse modo, fazia-se o sinal solicitando a inversão de papéis, e o sinal de forma contrária sinalizando a retomada dos papéis.

Compreensão psicodramática

A inversão de papéis é uma técnica riquíssima para aplicação com casais, mas é importante preparar os participantes para esta fase. Como visto no caso, Ana teve dificuldades em se colocar no papel do marido e falar como se fosse ele. As dificuldades de permanecer no papel durante a inversão são totalmente compreensíveis, demonstram apenas que aquele movimento deve ser mais trabalhado pelo terapeuta, visto que o protagonista sente dificuldade para lidar com a inversão²⁹.

Existem autores que apontam que a dificuldade para inverter papéis está ligada ao desenvolvimento da matriz de identidade da pessoa, sendo necessário trabalhar mais esse tipo de movimento para que o protagonista consiga realizá-lo adequadamente³⁰.

Apesar de começar com um clima muito leve, essa sessão deixou uma sensação pesada. À medida que se adentrou na temática, o clima mudou junto com o casal. Embora seja difícil e cansativo para o terapeuta e para os pacientes, é importante

29 Vasconcelos et al., Pela realidade suplementar desses (nossos) tempos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 30, p. 1-12, 2002.

30 M. A. F. Vitale, op. cit.

lidar com sessões assim, afinal é um indicativo claro de que ali existem demandas latentes a serem trabalhadas e, se o terapeuta recuar dessa tarefa, o casal manterá o *status quo*.

Apesar do peso do desafio, na sessão seguinte foi perceptível o impacto positivo das inversões de papel na sessão. O casal começou o movimento de respeitar mais a escuta da fala um do outro. O terapeuta já não precisava mais intervir pedindo que eles escutassem, que esperassem o outro falar, já conseguiam ouvir e falar, inclusive mencionaram durante a sessão que fizeram o mesmo exercício sem a presença do terapeuta. Estavam tentando replicar a mesma conversa seguindo as regras de fala e escuta e conversaram por três horas e se sentiram muito felizes por notarem que conseguiam conversar um com o outro sem a mediação do terapeuta.

Essa postura pode ser lida como um grande avanço do casal. O terapeuta fez junto com eles o *role-taking*, ajudando-os a treinar o papel de escuta e fala, iniciando pelo duplo, pela concretização, pelo reconhecimento do outro. Em seguida, evoluíram para o *role-playing* executando, mesmo com certas dificuldades, o papel de escuta e fala, como também a sensação de estarem no lugar do(a) parceiro(a), e alcançaram o *role-creating*, criando por si mesmos momentos para conversar e aplicar, à maneira deles, os recursos aprendidos durante as sessões.

Sessão espelho

Esta sessão, diferentemente das sessões anteriores, aconteceu no formato remoto. O casal foi acolhido de forma virtual e, após os cumprimentos, o terapeuta perguntou sobre o que gostariam de falar naquela sessão. O casal optou por falar sobre sexo. Ana iniciou falando:

ANA (*falou o Paulo*): *Sinto falta da frequência do sexo, a frequência é baixa.*

PAULO (*falou para Ana*): *Gostaria que você me procurasse, só eu procuro você.*

ANA (respondeu para Paulo): Quando procuro, você me responde que está preocupado ou está com dor de cabeça, ou está com dor de estômago, ou está pensando no trabalho. Eu acho estranho porque geralmente os homens são mais sexuais, é geralmente o homem que procura a mulher e a mulher que geralmente está com dor de cabeça.

PAULO (falou para Ana): Não tem como forçar sentir tesão, o sexo precisa ser natural.

ANA (disse para Paulo): Você não me respondeu. Estou sem resposta.

PAULO (para Ana): Há dois meses atrás, você estava me chamando de gordinho, dizendo que eu deveria emagrecer.

Nesse momento, o terapeuta interveio:

TERAPEUTA (para o casal): Posso mostrar para vocês o que estou vendo?

CASAL (para o terapeuta): Sim.

TERAPEUTA (assumiu o papel da esposa e falou para o casal): Eu me sinto uma mulher que não é desejada, vejo outras mulheres atraentes e eu não estou sendo atraente, o que que está acontecendo aqui?

TERAPEUTA (assumiu o papel do marido e falou para o casal): Eu me sinto inseguro. Por que eu não me sinto seguro para fazer sexo com a minha esposa?

ANA (dirigiu-se a Paulo): Sinto necessidade e essa necessidade precisa ser suprida.

PAULO (respondeu para Ana): Você sempre usa as palavras como se eu nunca fizesse o que você quer. Eu sinto que suas palavras são fortes e machucam como uma faca. Eu sinto falta de ver você pedir desculpas, ser flexível comigo.

Após um tempo de silêncio, o terapeuta interveio:

TERAPEUTA (para o casal): Sinto que vocês precisam reaprender a combinar as regras do relacionamento, inclusive dentro do sexo, entender o que é importante para cada

um, o que podem fazer para se sentirem mais atraídos um pelo outro.

PAULO (para o terapeuta): *É difícil porque ela muda os acordos, eu faço um acordo com ela, depois ela muda.*

TERAPEUTA (para o casal): *É importante vocês entenderem que o contrato será sempre refeito. Vocês vão estar em constante adaptação, porque o relacionamento está em constante mudança. Por isso, é importante que os acordos sejam feitos e refeitos, para vocês ficarem mais à vontade um com o outro, irem se conhecendo melhor. Além disso, o sexo não se reduz a contato físico, começa com uma conversa, elogios, carinho, na busca por conhecer zonas erógenas no corpo do cônjuge. Se vocês não sabem, perguntem ao(à) parceiro(a), explorem o corpo de seu (sua) companheiro(a). O que vocês acham?*

CASAL (respondeu para o terapeuta): *Concordamos.*

Encerramos a sessão combinados de que caso tivessem interesse continuaríamos aquela conversa na sessão seguinte.

Adaptações da comunicação

O sinal adotado para aplicação da técnica do espelho é o mesmo sinal utilizado na Libras, sendo um sinal reconhecido entre os usuários da língua de sinais. Outra coisa que vale destacar é o fato de que, desde o começo, foi utilizado da mesma forma, sem demandar nenhum tipo de adaptação ou explicação durante o atendimento. Simplesmente se dizia ao casal:



IMAGEM 14: Eu



IMAGEM 19: Mostrar

A junção das imagens 14 e 19, em sua literalidade, formam respectivamente a frase: *eu mostrar*. Essa mesma frase traduzida adequadamente pode ser compreendida como a orientação transcrita em português na qual o terapeuta disse: *Eu vou mostrar para você*.

A simplicidade de realização do sinal e o reconhecimento dele pela comunidade surda viabiliza a utilização da técnica do espelho por outros terapeutas que atendam surdos. Um fator que pode ser preponderante é a necessidade de se conhecer, mesmo que em nível básico, a fundamentação da técnica para sua aplicação de forma adequada.

Compreensão psicodramática

O espelho foi a técnica mais presente em todas as sessões realizadas. Sua apresentação em uma subseção foi feita apenas para fins didáticos, pois sua aplicação é possível desde a primeira sessão, quando o terapeuta solicita que o casal veja a escultura de fora. Outro momento oportuno ocorre quando o casal inverte os papéis, e cada um vê seu cônjuge falando como se fosse ele(a) próprio(a). Por último, no recorte utilizado para essa subseção, o terapeuta mostra ao casal sua percepção, embora não seja uma dramatização clássica onde se monta a cena, o palco é fala, onde o drama é narrado, vivido, sentido e ressignificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É urgente pensar uma prática clínica que não exclua as pessoas, e não é suficiente considerar que o atendimento a pessoas surdas deve ser feito por profissionais que no mínimo tenham domínio da língua materna desse público.

Ainda estamos longe do melhor, pois o ideal seria termos psicólogos surdos atendendo na clínica, pesquisando na academia, publicando livros e treinando ouvintes interessados em aprender mais uma forma acolhedora de atuar. Porém, essa ainda parece ser uma realidade muito distante dos nossos dias.

Assumo, com esta modesta contribuição, o compromisso de aliado, pois não tenho lugar de fala nem reivindico o direito de falar pelos surdos. Talvez esse tenha sido o maior erro da hegemonia ouvintista, como diria Perlin. Eu me denomino aliado por buscar criar espaços e levantar problematizações para que os surdos falem: sim, falem com suas mãos, com suas histórias e com a sua alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDITO, V. L. Y. *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004.

BLATNER, A.; BLATNER, A. *Uma visão global do psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1996.

BRASIL, Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 2 out. 2024.

BRASIL. Senado Federal. *Estatuto da Pessoa com Deficiência*. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

BRASIL. Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>>. Acesso em: 2 out. 2024.

CAMARGO, G.; AVILA, L. Análise de processos de formação de quadros psíquicos de surdos congênitos em psicoterapia. *Revista de Psicologia*, Fortaleza. v. 12, n. 2, p. 56-74, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/61271>>. Acesso em: 2 out. 2024.

CAMARGO, G.; AVILA, L. A interface da psicologia com a surdez uma revisão sistemática. *Revista de Psicologia*, Fortaleza. v. 10, n. 2, p. 202-2016, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/32445>>. Acesso em: 2 out. 2024.

DIAS, F. S.; MOREIRA, M. C. N.; SILVA, L. N. Deficiência e capacitismo: Uma agenda nacional inconclusa para a 17ª Conferência Nacional de Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, n. 6, p. 1-6, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311XPT068723>>. Acesso em: 2 out. 2024.

FONSECA, J. *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 2008.

GUIMARÃES, V. M. A.; SILVA, J. P. Sexualidade e surdez: Uma revisão sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. 1-16, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003201645>>. Acesso em: 2 out. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/pesquisa/23/23612>>. Acesso em: 2 out. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama Censo 2022. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>>. Acesso em: 2 out. 2024.

- KRAEMER, Graciele. Identidade e cultura surda. In: LOPES, Maura C. *Cultura surda e Libras*. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 138-153.
- LEVY, L. Robert e Diora, Barbara e George: Erros e acertos de Moreno no sociodrama de casal. In: VITALE, M. A. F. *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004. p. 37-45.
- MONTEIRO, A. M.; MERENGUÊ, D.; BRITO, V. *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2006.
- PERLIN, G. *O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003.
- PINTO, T. Relações possíveis entre desencadeamento psicótico e implante coclear: Reflexões a partir do contexto clínico francês. *Psicologia Clínica*, v. 25, n. 2, p. 33-51, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/r7hp-4GYgYxcKVzpg8R5BRPC/?lang=pt>>. Acesso em: 2 out. 2024.
- PONZONI, V. B. Terapia de casal e psicodrama: Para além da técnica, um profundo encontro. In: CASTANHO, G. *Psicodrama com casais*. São Paulo: Ágora, 2016. p. 31-46.
- SELL, F. S. F.; RECH, G. C. A disciplina de Libras no Ensino superior e seus impactos na visão dos licenciandos em relação à surdez e à Libras. *The Especialist*, v. 41, n. 1, p. 1-13, 2020. <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42490/32002> Acesso em: 2 out. 2024.
- THOMA, A. S. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. In: LOPES, M. C. *Cultura surda e Libras*. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 154-180.
- VASCONCELOS, M. F. F.; MELO, M. R.; CARVALHO, M. C.; VENANCIO, K. M. S. Pela realidade suplementar desses (nossos) tempos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 30, p. 1-12, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.588>>. Acesso em: 2 out. 2024.
- VITALE, M. A. F. (Org.) *Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004.

Carreira em Z:
O nascimento de
um conceito da
administração
com base na teoria
psicodramática

LEANDRO FELIPE DINIZ VIEIRA



Leandro Felipe Diniz Vieira

Administrador
e socionomista,
especialista em Gestão
Empresarial e Recursos
Humanos, com foco
em implantação de
C&S, projetos de RH
e desenvolvimento
de profissionais.
Experiência em Gestão
de RH em geral.

leandrofelipedv@gmail.com

CARREIRA SOB A ÓTICA DA ADMINISTRAÇÃO

Há duas perspectivas diferentes para definir o conceito de carreira. Segundo Chiavenato¹, o conceito de carreira pode ser definido pelo conjunto de cargos ou papéis profissionais que uma pessoa assumiu ao longo de sua jornada. Dutra² também fomenta essa perspectiva quando traz uma visão de posições sequenciais, ou seja, papéis profissionais que a pessoa ocupa durante a sua vida, refletindo tanto suas necessidades e motivações intrínsecas, quanto as expectativas e imposições da organização na qual exerce seu trabalho ou as da própria sociedade.

De acordo com tantos outros teóricos, ambos os conceitos esclarecem a visão de carreira sob o prisma do indivíduo. À luz da teoria socionômica, reforçamos a importância da espontaneidade do indivíduo em trilhar a sua jornada profissional, assumindo um ou mais papéis, de modo a compor uma “história” que se concretiza em um livro chamado “carreira”.

1 Idalberto Chiavenato, *Gestão de pessoas: O novo papel de gestão do talento humano*. São Paulo: Atlas, 2020.

2 Joel Souza Dutra. *Gestão de carreiras: A pessoa, a organização e as oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2017.

Da ótica institucional, percebemos outra forma de significar a palavra “carreira”. Pontes³ a elucida como um instrumento que define as trajetórias existentes na empresa, organizadas por posições profissionais em uma escala de crescimento (financeiro e de responsabilidades). Há uma conceituação e trajetória de escala de cargos que a organização estabelece e que possibilita um crescimento vertical do indivíduo enquanto empregado da instituição, dando origem assim a outra vertente e outro significado para o conceito de carreira.

Toda essa estrutura de encarreiramento por parte da organização traz alguns efeitos colaterais, sentidos e vivenciados pela sociedade (notadamente capitalista): pressão pela ascensão profissional, sucesso atrelado ao crescimento de cargo dentro de organizações, doenças psicossomáticas que emergem pelo anseio frenético da entrega excessiva de trabalho e por responsabilidades organizacionais. Ainda na perspectiva conceitual de carreira em organizações, houve uma evolução discreta, mas bastante significativa, com o surgimento da carreira multidirecional, ou Carreira em Y, como comumente é conhecida em fóruns e debates de gestão de pessoas. Evans⁴ trouxe as primeiras perspectivas teóricas sobre o tema, quando diferencia entre carreira especialista e generalista. Isso elucida a jornada profissional que é cada vez mais frequente e institucionalizada nas organizações, gerando uma diferença entre o que é definido por carreira linear e carreira em Y.

3 Benedito Rodrigues Pontes, *Administração de cargos e salários: Carreiras e remuneração*. São Paulo: LTR, 2021.

4 Paul Evans, Carreira, sucesso e qualidade de vida. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 36, n.3, p. 14-22 jul.-ago.-set. 1996.

GRÁFICO 1: Exemplo de carreira linear

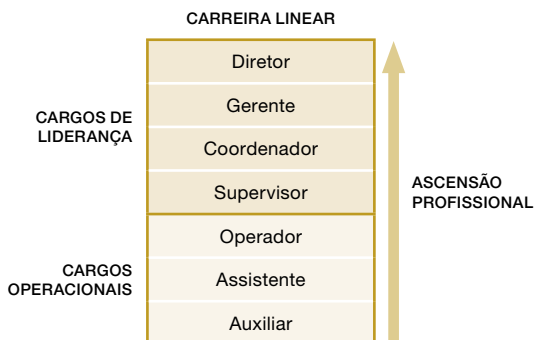
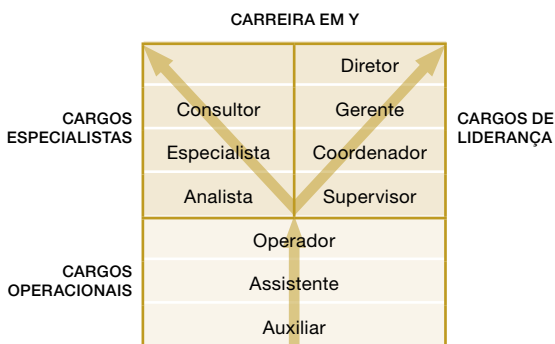


GRÁFICO 2: Exemplo de carreira em Y



Mesmo com uma evolução notável e adotada como uma mudança significativa para as organizações, ainda assim mantêm-se preleções que chegam a ser danosas para a saúde mental e social na relação pessoa-trabalho: o “sucesso” está atrelado a um crescimento verticalizado, cujo objetivo só é atingido com uma dedicação – que extrapola o limite do saudável – para entregas, resultados e responsabilidades organizacionais.

Nesse contexto, como definir o conceito de carreira? Qual abordagem torna-se mais pertinente e saudável no cenário

social, organizacional e individual? Tolfo⁵ traz esse questionamento, quando pontua: “Desse modo, está instalado um debate: se a carreira passará a existir somente para alguns, que detêm emprego e as *core competences* para a empresa; se, por outro lado, a carreira será questão pessoal, de forma que cada sujeito poderá ter diversas carreiras ao longo do tempo ou mesmo algumas ao mesmo tempo, ou, finalmente, se a carreira deixará de existir”. Corroborando a dubiedade e subjetividade ainda persistente na conceituação de Carreira, os autores Gunz e Peiperl⁶ apontam que “é muito difícil identificar um padrão organizado no campo de estudos de carreira”, fazendo um paralelo entre as ciências da administração quando abordamos o conceito no aspecto organizacional, e as ciências humanas e do trabalho quando o olhar se direciona à trajetória profissional do indivíduo.

Ribeiro⁷ favorece uma possível conclusão de tal debate, ao distinguir carreira em três tipos: individual, institucional e contextual. Enquanto a carreira individual aborda uma visão mais relacionada a vocação, interesses pessoais e aptidões que levam a assumir um ofício, a carreira institucional está mais vinculada aos papéis profissionais assumidos em organizações, partindo de um “contrapapel” que valida o posicionamento de cargo da pessoa. Em paralelo, a carreira contextual traz o histórico de vida do indivíduo, demonstrando uma sequência de vocações, aptidões e cargos profissionais assumidos no decorrer de sua jornada.

-
- 5 Suzana da Rosa Tolfo, A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. *Revista Psicologia: Organizações & Trabalho*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 39-63, dez. 2002. p. 46.
 - 6 Hugh P. Gunz e Maury A. Peiperl. *Handbook of career studies*. Los Angeles: Sage, 2007. p. 40.
 - 7 Marcelo Afonso Ribeiro, A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 203-216, dez. 2009.

QUADRO 1: Topologia e taxonomia dos estudos de carreira⁸

TOPOLOGIA	TAXONOMIA
Individual	Personalidade, interesses, valores, sucesso, escolha profissional, perfil, carreira interna, ajustamento vocacional
Institucional	Sistemas de carreira, padrões de carreira, contrato psicológico, planejamento e gestão da carreira
Contextual	Identidade, estágios e desenvolvimento de carreira, ciclo de vida

Ainda assim, há uma lacuna não preenchida por estudos e conceitos. A carreira só existe quando há mudança de cargo? O sucesso profissional está atrelado à ascensão a posições institucionais e sociais referentes ao trabalho? Como romper com a visão conservadora de que uma jornada profissional reconhecida e admirada só depende da validação do outro, ou da sociedade? Na provocação de “Que mundo queremos?”, estamos diante de uma necessidade crítica para ressignificar conceitos e percepções sobre carreira e jornada profissional.

CARREIRA E A MATRIZ DE IDENTIDADE

Há pontos de convergência até então não explorados entre teorias da administração e da sociologia. Enquanto cientistas esbarram na dificuldade de chegar a um consenso sobre o que é carreira, Jacob Levy Moreno e todo o arcabouço de conceitos relacionados a seus estudos facilitam nosso entendimento, interpretação e, por que não, até novas teorias sobre o assunto.

A matriz de identidade, proposta por Moreno⁹, define três etapas básicas, que demonstram a evolução do ser humano em sua essência, inicialmente ilustrada e estudada pelo seu desenvolvimento como indivíduo, desde suas primeiras fases de autoconhecimento, autopercepção e percepção do mundo. Em

8 Idem, *ibidem*, p. 205.

9 Jacob Levy Moreno. *Psicodrama*. 9. ed. São Paulo: Cultrix. 1993.

paralelo a novos estudos e ensaios teórico-psicodramáticos e com esse aprofundamento, há uma evidência de que tal matriz de identidade é aplicável ao crescente autoconhecimento e saúde emocional, quando passamos frequentemente pelo conflito de “o que queremos”, “quem somos” ou “quem queremos ser”.

Moreno¹⁰ define a primeira fase desse processo como Indiferenciação, quando a pessoa está em caos, ainda não sabendo diferenciar seus limites e suas possibilidades de ação. Enquanto criança, há uma exploração no modo “tentativa e erro”, podendo ter contato com o que considera certo segundo o seu próprio julgamento. Da mesma forma, em um recorte no aspecto profissional, um adulto inserido em novos questionamentos passa a explorar suas alternativas, experimentar funções, aptidões e vocações para que assim entenda com o que se identifica.

Ainda no aspecto profissional, uma primeira fase da matriz é aplicada quando, ao lidar com seu plano de carreira, a pessoa passa por um processo que pode ser denominado de Ambientação, julgada pelo fato de explorar as alternativas, entender o que é certo ou errado em determinado ofício, que competências possui e quais serão válidas (ou não) para determinada profissão. Enquanto carreira individual¹¹, há um processo de autoconhecimento e identidade do Eu para que se torne possível evoluir com as próximas fases da Matriz.

Depois, Moreno traz a segunda fase, chamada de Reconhecimento do Eu. Nela, a pessoa percebe e explora as ações – em linha com a sua identidade, com “o que Eu quero”, traçadas na primeira fase. O ser humano em formação começa a se entender como pessoa, como agente de mudança, e explora suas atitudes perante o mundo. Já no âmbito profissional, a pessoa ingressa na segunda fase quando busca caminhos que

10 Idem, *ibidem*.

11 Marcelo Afonso Ribeiro, *A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial*.

potencializam sua vocação, como estudos que fomentam seu posicionamento no mercado de trabalho ou quando procura um emprego que permita exercer tarefas de seu apreço e afins a seu talento.

Mantendo o recorte de carreira, há uma nova fase denominada Ascensão. Isso ocorre quando as ações do indivíduo dão corpo e forma para sua intenção profissional, gerando assim um crescimento orgânico de seu papel. Ainda em uma “dança” entre a matriz de identidade e conceitos de carreira, é saudável perceber que tal etapa não está atrelada a uma mudança de cargo, como visto em carreiras institucionais, mas sim a uma ascensão de comportamento, ocorrida, na maioria das vezes, no mesmo cargo ou na mesma posição. A maturidade profissional, nesse caso, traz mais referência de sucesso do que o crescimento financeiro ou de cargo.

Por fim, a terceira e última fase apresentada por Moreno¹² é o Reconhecimento do Tu. No seu desenvolvimento, a pessoa percebe a existência do outro e como suas ações impactam no ambiente externo, assim como nota as ações externas em decorrência de seus desejos e de suas atitudes. Enquanto adulto profissional, ocorre a aceitação do mercado de trabalho por meio das atitudes do indivíduo, das aprovações ou reprovações de atos exercidos durante a sua evolução, ou ainda o reconhecimento de resultados atingidos por suas próprias ações.

Nessa fase, há uma consolidação na carreira. Enquanto a pessoa se reconhece como profissional e sabe identificar seus impactos positivos, mitigando ações que gerem resultados negativos, o ambiente externo (outras pessoas com quem se relaciona profissionalmente ou não, empresas e o mercado de trabalho em geral) também passa cada vez mais a reconhecê-la em determinado papel, tornando-se gradativamente uma referência em um cargo, função social ou profissional autônomo.

12 Jacob Levy Moreno, op. cit.

Existe um fator até então pouco explorado e valorizado pelas teorias da administração, chamado “estabilidade”. Consiste em fortalecer o sucesso profissional no aspecto horizontal da carreira, e não somente atrelado à verticalização de cargos. Isso significa que, enquanto uma pessoa desenvolve o que podemos chamar de “matriz de identidade profissional”, há uma evolução constante e contínua de tempo e carreira, que chegará à etapa de sucesso, mais cedo ou mais tarde, em decorrência do Reconhecimento do Tu, consequência da progressão natural que o tempo traz para o indivíduo e para a sociedade.

Com isso, é preciso olharmos para a trajetória de carreira de forma bidimensional, considerando não só uma evolução verticalizada, mas também horizontal, demonstrando sua beleza e sucesso em decorrência do tempo. Desse modo, é possível formar a figura de um Z, facilitando também o entendimento e a interpretação da evolução, tanto da carreira quanto da matriz de identidade aplicada ao papel profissional.

GRÁFICO 3: Carreira em Z

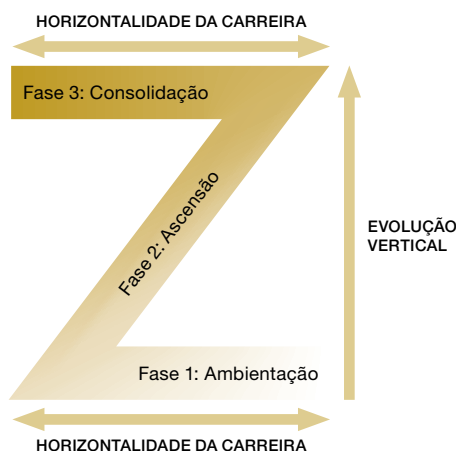
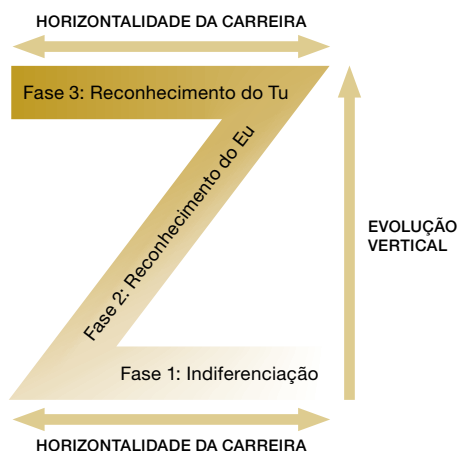


GRÁFICO 4: Carreira em Z aplicada na matriz de identidade



CARREIRA E DESENVOLVIMENTO DE PAPÉIS

Na teoria socionômica, a sociodinâmica permeia pela teoria de papéis, por meio da qual conseguimos compreender de forma mais pragmática os tipos de relações que estamos lidando em um estudo ou tratamento. J. L. Moreno¹³ define papel como “a forma de funcionamento que um indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos”.

Um fator crucial na Teoria de Papéis é o contrapapel. Destacando sobretudo os papéis saudáveis exercidos social ou psicodramaticamente, o que valida o papel exercido é o contrapapel que o relaciona. Para sermos pai ou mãe, é preciso haver um filho que o/a valide. Para sermos marido, é preciso haver uma esposa ou marido que o valide, e assim ocorre também nos papéis psicodramáticos: para ser carinhoso, existe o ambiente e pessoas que recebem tal carinho. Para ser raivoso, existe o ambiente e a pessoa que recebe tal raiva.

13 Idem, ibidem, p. 27.

Segundo Moreno¹⁴, podemos classificar os papéis do indivíduo entre papéis sociais, psicossomáticos e psicodramáticos. Enquanto “papel profissional”, estamos destacando especificamente um papel social que se define como as diversas funções ou “cargos” que assumimos na sociedade, tais como pai, mãe, filho, empregado, empresário, motorista, comprador, vendedor etc. São papéis que exercemos em momentos indefinidos ou pontuais.

Um papel social pode ser treinado e aprimorado pelo indivíduo que o assume. Tal treinamento se dá pela experiência e convivência do ser humano com ele, conforme a evolução nas suas relações com os contrapapéis e sua autodisposição para assumi-lo e desenvolvê-lo. Moreno¹⁵ classifica o desenvolvimento do papel em três instâncias:

- *Role Taking*: assume o papel como modelo, sem variação e sem liberdade. Trata-se de um papel em fase emergente, quando o indivíduo entende a sua responsabilidade, mas ainda não se sente apto ou preparado para exercê-la. Quando a pessoa passa a assumir o papel específico, é comum imitar ações de outro indivíduo que entende ter o mesmo papel, assim como de exemplos de vida em que recorda exercê-lo.
- *Role Playing*: atua com certa liberdade em relação ao modelo. O indivíduo já assume sua responsabilidade e a exerce de forma mais autônoma e natural. Ele e outros percebem um resultado mais efetivo quando exercem seu papel, tendo seus contrapapéis mais confortáveis com as ações advindas de quem o assume.
- *Role Creating*: atua com alto grau de liberdade. O indivíduo vai além das responsabilidades de seu papel, con-

14 Jacob Levy Moreno e Zerka Toeman Moreno, *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

15 Jacob Levy Moreno, *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1959.

seguindo dar novas respostas às situações que apresentam condições e/ou ambientes até então desconhecidos, não só pelo indivíduo, mas por vezes pelo grupo e pela sociedade.

Paralelamente, visualizando o desenvolvimento de papel aplicado no encarreiramento profissional, é fácil perceber que, quando há um cargo ou posto de trabalho assumido, o indivíduo evolui, pelo menos, de um *Role Taking* para um *Role Playing*. Isso ocorre naturalmente quando, em um momento recente de um novo cargo assumido, o indivíduo explora as opções, repete tarefas da mesma forma como foi ensinado ou observado, até mesmo comportamentos de outras pessoas perante chefias e relações com outros departamentos em uma organização. Em uma análise dessa primeira fase de carreira, de acordo com a matriz de identidade, é possível identificar um fomento na Ambientação, ou seja, uma exploração do ambiente com atividades recentemente assumidas, cuja execução se dá pela repetição e pelo baixo domínio sobre suas condições.

Já no *Role Playing*, a pessoa passa a dar sinais de evolução quando não depende de validações, orientações ou até mesmo repetições de comportamentos observados. Suas ações são naturalizadas e internalizadas, exercendo-as de forma mais livre. Assim, ocorre também a Ascensão no aspecto de carreira, onde se percebe um aumento de entrega, produtividade e, principalmente, segurança profissional, enquanto exerce suas tarefas de acordo com os objetivos – seus e do ambiente externo.

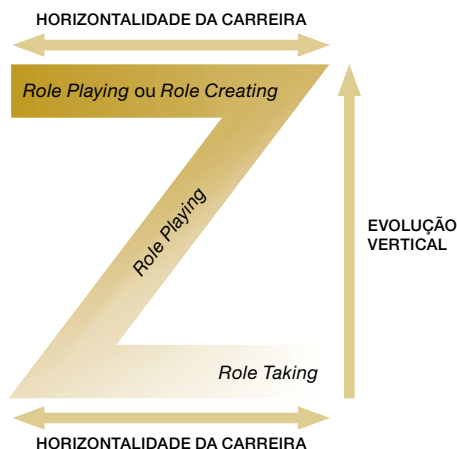
Antes de ilustrar a aplicação do *Role Creating*, é importante trazer contribuições da fase de Consolidação, pois há uma vertente teórica convicta de que o *Role Creating* não será atingido em todos os papéis exercidos pelo indivíduo¹⁶, e isso deve ser encarado como saudável também no âmbito de carreira.

16 Jacob Levy Moreno, *Quem sobreviverá: Fundamentos da sociometria, psicoterapia e sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1992. Joceli Drummond e Andréa C. Souza, *Sociodrama nas organizações*. São Paulo: Ágora, 2008.

Uma pessoa que se mantém em um cargo executando suas tarefas e sem condições de dar novas respostas a ambientes desconhecidos exerce uma função diante da sociedade, o que também permite se consolidar profissionalmente, tomando conhecimento de suas aptidões e limitações, assim como possibilita que o outro as reconheça. Portanto, “consolidar-se” profissionalmente está mais atrelado ao autoconhecimento e ao reconhecimento externo das suas capacidades e limites do que um talento percebido pelo outro, ou a um destaque quando comparado com outros profissionais.

O desenvolvimento de papel facilita a compreensão da carreira individual¹⁷, visto que é possível observar a jornada profissional de um indivíduo e a sua evolução em um mesmo papel social durante toda a sua vida. Não basta classificar os cargos exercidos, é importante qualificar a evolução do profissional, mesmo que não haja mudança de cargo, pois o sucesso permeia sua jornada.

GRÁFICO 5: Carreira em Z aplicada ao desenvolvimento de papel



17 Marcelo Afonso Ribeiro, A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial.

QUADRO 2: Comparativo entre matriz de identidade, desenvolvimento de papel e fases da carreira em Z

MATRIZ DE IDENTIDADE	DESENVOLVIMENTO DE PAPEL	FASE DA CARREIRA	CARACTERÍSTICA
Indiferenciação	<i>Role Taking</i>	Ambientação	• Caótico e indiferenciado • Identificando potenciais e limites • Conhecendo o ambiente e como pode atuar profissionalmente
Reconhecimento do Eu	<i>Role Playing</i>	Ascensão	• Exploração de ações espontâneas • Atitudes naturalizadas e tomadas para si • Crescimento de um posicionamento profissional, resultado de uma saúde relacional consigo e com o ambiente externo
Reconhecimento do Tu	<i>Role Playing</i> <i>Role Creating</i>	Consolidação	• Percepção do ambiente externo • Ambiente externo reconhece no indivíduo determinado papel profissional • Autoconhecimento e reconhecimento externo de suas capacidades e limites

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um ensaio sobre carreira e psicodrama, há fortes conexões teórico-práticas que propõem soluções perceptíveis, tanto para o desenvolvimento individual e para a saúde emocional em relação a questões do papel profissional, quanto para a construção de organizações mais equitativas, com ambientes também saudáveis para as pessoas que ali trabalham.

Enquanto a ciência administrativa e do trabalho traz condições limitadas de convergir sobre o que é carreira, perante o indivíduo e perante as organizações, teorias socionômicas permitem facilitar o entendimento com a existência de uma terceira via: a carreira em Z.

Existem visões micro e macroambientais quando aplicamos conceitos de matriz de identidade e desenvolvimento de papéis na carreira individual, contextual e institucional. Enquanto olhamos o microambiente, considerando a carreira desenvolvida enquanto o indivíduo está contratado por uma instituição, há uma Ambientação em atividades de integração, no conhecimento de seu ambiente de trabalho, colegas com quem irá se relacionar, ferramentas e funções que farão parte do seu dia a dia. A fase de Ascensão vem tanto de forma explícita quando há promoções ou aumentos salariais, quanto de forma indireta, quando outros profissionais, outros departamentos ou até interlocutores da empresa no ambiente externo percebem a presença, a capacidade de entrega e os resultados apresentados pela pessoa. Por fim, a Consolidação se dá pelo tempo e “legado” que a pessoa constrói naquele recorte da sua jornada profissional que se deu enquanto exercia um vínculo empregado-empregador na organização.

É importante lembrar que um ser humano nunca será limitado a “um profissional que trabalhou em determinada empresa”. Existe uma visão macro mais atrativa a ser explorada no âmbito social e socionômico. Uma Ambientação ocorre enquanto descobre suas aptidões e gostos profissionais, exercidos

dentro ou fora de instituições. A Ascensão vem quando o *Role Playing* começa a tomar conta do seu dia a dia, naturalizando suas ações e conseguindo ganhar espaço não em um lugar, mas no ambiente externo como um todo: tendo voz em rodas de conversa (entre amigos, familiares, e não somente no trabalho), percebendo-se aceito pelo mercado, tanto no envio de currículos como no movimento que clientes fazem ao buscar aquele profissional, ou então quando identifica facilmente fornecedores, clientes em potencial e oportunidades que o mercado econômico traz. Então, avançamos para a Consolidação quando há “paz” em aceitar-se profissionalmente, em perceber que o sucesso não está no crescimento, e sim no reconhecimento de que “trabalho não é tudo”. Há o olhar do outro em admirar o indivíduo pela essência também profissional, reconhecida de que está bem consigo e com o ambiente externo, numa entrega natural que vai de acordo com a sua capacidade, limite, vontade e objetivos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, Idalberto. *Gestão de pessoas: O novo papel de gestão do talento humano*. São Paulo: Atlas, 2020.

COSER, Fabio Spricigo. Relações entre a matriz de identidade e o desenvolvimento de organizações. In: Congresso Brasileiro de Psicodrama. 23. ed., 2022, São Paulo. *Anais Escritos Psicodramáticos Concorrentes*. Disponível em: <<https://sistema.febrap.org.br/repositorio/658f4ee991ad5>>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DRUMMOND, Joceli; SOUZA, Andréa C. *Sociodrama nas organizações*. São Paulo: Ágora, 2008.

DUTRA, Joel Souza. *Gestão de carreiras: A pessoa, a organização e as oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2017.

EVANS, Pauk. Carreira, sucesso e qualidade de vida. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 36, n.3, p. 14-22, jul.-ago.-set. 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/Rr8CZGL9x3GPKTV46H8Mr-xh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 jun. 2024.

FONSECA FILHO, José de Souza. *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 2008.

GUNZ, Hugh P. & PEIPERL, Maury A. *Handbook of career studies*. Thousand Oaks: Sage, 2007.

MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORENO, Jacob Levy. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1959.

MORENO, Jacob Levy. *Quem sobreviverá: Fundamentos da sociometria, psicoterapia e sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1992.

MORENO, Jacob Levy; MORENO, Zerka Toeman. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

PONTES, Benedito Rodrigues. *Administração de cargos e salários: Carreiras e remuneração*. LTR, 2021.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 203-216, dez. 2009. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000200006>. Acesso em: 23 jun. 2024.

TOLFO, Suzana da Rosa. A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. *Revista Psicologia: Organizações & Trabalho*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 39-63, dez. 2002. p. 46. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572002000200003>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Ensaio sobre as coletividades e as lógicas coloniais de atuação

PAULO KARAÎ XONDARO DE OLIVEIRA



Paulo Karaî Xondaro de Oliveira

Psicólogo guarani
nhandeva,
psicodramatista pela
Federação Brasileira de
Psicodrama (FEBRAP),
mestre em Saúde Coletiva
pela Universidade
Estadual de Londrina
(UEL), pesquisador
bolsista da Frente
Indígena da pesquisa
Práticas e Saberes
que Vêm das Margens:
Encontro e Desencontros
com a Atuação e
Formação em Saúde.

pcesaroliveira2@gmail.com

Tudo que nós tem é nós...

EMICIDA

I. INTRODUZINDO O LUGAR DE FALA PARA FALAR DE LUGARES DA EXPERIÊNCIA OU PRESTÍSSIMO¹

Ao resolver escrever este ensaio, uma pergunta ficou martelando e insistindo em minha cabeça. Mas, antes de revelar tal questão, peço que entenda que, do ponto de vista acadêmico, eu já tinha a resposta. Refiro-me à palavra “ensaio”, aos seus diversos sentidos e, para atender à provocação tão rica e interessante de Merhy (2013),² meu interesse dizia respeito mais à vista do ponto, mais ainda à vista do meu ponto. Então, finalmente eu a trago até a superfície: o que é ensaio?

Essa pergunta me levou a um lugar físico que ressoou em tantos de meus dias. Eram anos de uma vida solitária. Recém

1 Este ensaio deriva de uma dissertação de mestrado intitulada *Construindo interdisciplinaridade ou a difícil arte de derrubar muros e construir pontes: Uma experiência psicodramática com residentes do Núcleo Ampliado da Saúde da Família*, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Londrina (UEL), orientador prof. dr. Alberto Durán González.

2 E. E. Merhy, As vistas dos pontos de vista. Tensão dos programas de Saúde da Família que pedem medidas, *Revista Brasileira de Saúde da Família*, v. 15, n. 35-36, p. 1-7, 2013.

retornara de dois anos e pouco de uma vida muito intensa a partir de experiência do coletivo e seus reflexos em minha formação com pessoa. Estudara nesse tempo em um seminário católico. Era da Congregação dos Redentoristas, com características próprias: uma forte tendência política no campo da esquerda, uma intenção de lançar o olhar para as populações vulnerabilizadas e, sobretudo, a insistência para o valor das relações coletivizadas e coletivizadoras. Entrara naquele universo com pouco mais de quinze anos e, então, resolvi sair com pouco mais de dezessete. E voltei para a casa de meus pais.

Talvez nem precisasse dizer, mas dá para imaginar o choque que levei com esse retorno. Lá estudava muitas horas de meus dias e assumia tarefas para colaborar com a limpeza e a organização. E aprendia a tocar violão. Aliás, a convivência com a música, que sempre fora tão próxima, ali se tornou quase uma obsessão. Tínhamos uma sala com alguns milhares de discos de vinil que tornava possível que em um dia ouvisse Vivaldi e no outro Tom Zé, um dia Beethoven e outro Arrigo Barnabé. Variedade que trazia para o meu mundo tão limitado a oportunidade de conviver com outros mundos, outros sons, outras histórias.

Éramos sempre um grupo de cento e poucos adolescentes, com alguns adultos entre nós. Chego a crer que ali teria conhecido alguns dos jovens revolucionários dos anos de ditadura militar, escondidos na congregação. Mera conjectura? Quem sabe, quem saberá? O fato é que foi ali que conheci Dom Paulo Evaristo Arns, um defensor ferrenho da juventude que resistia bravamente àqueles dias.

Ademais, o clima não era quase em nada parecido com o que se imagina de um lugar como esse. Oração pela manhã, antes das refeições, missa ao entardecer. De resto, estudo e trabalho. E nenhuma mistura entre educação e religião. Orações na capela e nunca em sala de aula. E extremo respeito pelas singularidades, pela diversidade e pela formação como um todo. Aulas de teatro e o dever de montar um espetáculo por ano, numa divisão por equipes que nos aproximava uns dos outros.

Porque havia a equipe do teatro, mas também outra de oração, outra de trabalho, num rodízio que valorizava a coletivização dos afetos e das relações. Uma intenção de que nada pertencesse a ninguém – o que nem sempre se revelava na prática, é óbvio, afinal éramos cidadãos deste mundo, e não anjos. No entanto, mais do que o senso comunitário apregoado pelos padres redentoristas, e talvez nem eles percebessem, havia quase um senso de aldeamento, em que todas aquelas pessoas se faziam responsáveis pelo cuidado de todas as outras e do todo.

No entanto, falava do choque de voltar. Entenda: somos doze irmãos. Mais o pai e a mãe, morávamos em catorze pessoas pelo menos, porque vez ou outra a nós ainda se somavam ou a avó paterna ou a materna e, mais raramente, as duas ao mesmo tempo. Digo isso para que entenda que o senso do coletivo não era em nada algo novo em minha vida. Não me refiro apenas a estar acostumado a dividir as coisas materiais ou a falta delas, mas também aquelas coisas imateriais como a fome, o frio, a periferia, o preconceito de quem nos olhava, a dificuldade que quase tornava impossível circular por espaços sociais que pareciam reservados para outras pessoas, de outras classes e cores. Enfim, não é disso que falo. Grita uma voz no meu ouvido: não são iguais as ideias de coletivo vivido fora e dentro da família. Até porque, em algum momento, os irmãos vão saindo, casando-se, mudando, num “salve-se quem puder” em muito diferente daquelas pessoas que estão obrigadas pelas circunstâncias a estarem juntas. O senso de coletivo que aqui evoco diz respeito a um juntar de tudo isso e, ao mesmo tempo, é um jeito de viver que suleia³ a existência:

3 “SULear é uma proposta iniciada nos anos 90 que tem como um dos objetivos contextualizar criticamente, no Hemisfério Sul, as noções e práticas sobre orientação espacial aqui ensinadas [...] Cabe-nos pensar um SUL livre de hegemônias e de dominações de poder e de saber, um SUL que consiga produzir uma consciência crítica e que também se torne desenvolvedor de ações importantes para populações que vivem em condições subalternas.” (M. D’Olne Campos, *A arte de sulear-se*. Apud Teresa Cristina Scheiner (coord.), *Interação museu-comunidade pela educação ambiental: Manual de apoio a curso de extensão universitária*. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1991, p. 59-61, 79-84.)

dá conformação em muito diferente ao individualismo, e isso, embora sem prévios estudos e sem nenhuma apropriação que me trouxesse à consciência, não era novidade para mim. Tratava-se do sentido de aldeamento, do cuidado uns dos outros e de todas as coisas que nos circundavam. Não éramos uma família no sentido convencional burguês imposto pelo colonizador. Éramos quase aldeia.

Porém, antes que pareça ao leitor que já me esqueci, lembro que falava do choque que senti ao regressar à minha cidade e à casa dos meus pais. No entanto, é preciso dizer antes que, em nenhum momento de minha curta existência até minha saída daquela casa, eu conhecera por experiência, o real sentido da palavra “amigo”; mesmo com aquelas pessoas com quem me relacionara antes de ir eu já não tinha contato nem interesse em recuperar. Veja: estudei até a então sétima série do Ensino Ginásial (algo que se aproximaria hoje ao oitavo ano do Ensino Fundamental) em uma mesma escola estadual. Era quase minúscula, com não mais do que cinco salas de aula. Ela ficava dentro do espaço da cidade onde estavam os bairros das pessoas ricas e da autoaclamada classe média alta. Acho que, porque meu pai era funcionário público federal, trabalhador motorista do então Correios e Telégrafos, conseguíamos vaga lá, não estou certo. O fato é que meus colegas eram filhos de fazendeiros, profissionais liberais bem-sucedidos, trabalhadores públicos de alto poder aquisitivo e por aí vai. E eu? O indinho querido (sei bem que o diminutivo de índio é indiozinho, mas o que fazer se os meus professores não sabiam?) e aluno mais inteligente de todas as turmas. O indinho que era usado para ser pintado e ter uma peninha colocada na cabeça sempre no dia 19 de abril. Eu brincava muito e em minhas lembranças ainda vive um menino até que feliz. Muito mais porque era sustentado por aquele senso de coletivo que contemplava em casa do que por amigos reais com quem pudesse contar naquele ambiente. Talvez os poucos imaginários e que, mesmo assim,

se tornavam muito verdadeiros por possibilitar o amparo necessário.

Anos depois, fui para outra escola, onde terminei o ginásio. Só faltava a oitava série. Nada de novo, exceto o fato de estar um pouco mais misturado aos meus, muitos periféricos também, em uma escola muito maior, dessas com mais de mil alunos. Penso que já era tarde: um medo já instalado de me aproximar das pessoas, um contato meramente de interesse educacional e, sempre, um indinho (credo!) com ótimos resultados escolares. E viria o Ensino Médio. E eu iria embora.

Muito bem: reconheço que já está ficando chata essa situação, portanto preciso dizer que depois de ir-me embora, passar quase os três anos do Ensino Médio naquele lugar, eu levei um choque quando voltei. Parecia que algo havia mudado definitivamente na casa que antes habitara. Talvez porque agora eu soubesse da ditadura militar que estava incrustada no poder e das torturas e mortes por ela provocada e que em casa era até apoiada, embora em nada realmente conhecida, não sei. Ou mesmo em função de ter recebido informações que finalmente me trouxeram o que se pode chamar de consciência de classe. Talvez o fato de ter sido desnudada a teoria apregoada na televisão e no cinema de um heroísmo que matava indígenas (com os quais passei a me identificar, principalmente ao olhar para minha mãe e ver traços tão marcantes desses povos que foram massacrados em nosso território, num genoetnocídio que até hoje ainda ressoa em nossos corpos e que não encontrava ressonâncias entre meus irmãos e irmãs, quiçá em meus pais).

Penso que tudo isso se coadune. E se junte com o que considero mais importante: eu descobrira o valor das pessoas, das relações, do coletivo. E vivia isso cotidianamente, de forma intensa e ininterrupta. Quase como na minha infância, quando ainda não ia para escola, quando então a vida era quase que fechada em minha família. Já não seria mais assim. Primeiro, buscar matrícula em outra escola para encerrar o colegial (hoje, Ensino Médio). Então, buscar trabalho para

ajudar nas despesas de minha casa (olha o senso do coletivo falando alto aí). E voltar para a convivência com o mundo do individualismo. Eis o choque: já não era o menino, mas o homem quem sentiria a solidão do mundo em que iria passar a viver. E esse homem passou a transitar por espaços que nunca pareciam lhe receber de maneira amigável. Andava com um violão às costas pelas ruas de sua (?) cidade, querendo contato, buscando relações, como que oferecendo a música em troca dessas coisas.

Foi aí que descobriu que, aos sábados à tarde, os principais músicos se reuniam em um espaço público para tocarem juntos. A Prefeitura cedia um caminhão de som que adentrava naquele espaço e eles se intercalavam: músicos ótimos que formavam bandas de formações diferentes, trocando ora o baterista, ora um dos guitarristas, ou o baixista, ou dois deles, ou todos, e os vocalistas iam sendo trocados para cantar duas ou três músicas. Às vezes só uma voz e um violão. Raramente uma composição própria e quase sempre músicas de grandes compositores populares de vários ritmos e gêneros. Uma saudade enorme me toca, como se reencontrar com esse homem quase adulto e com quem, vez ou outra, acabo entrando em contato precisasse ser reeditado, revivido, reexperimentado.

Foi nesses mesmos tempos que esse pessoal divulgou um show que seria exibido em um palco recém-inaugurado: o da Associação Comercial de Londrina. Um prédio com recepcionista com terno na porta, quatro elevadores, cada um com seu ascensorista. Definitivamente um lugar ao qual eu não pertencia. E, todavia, ali estava eu. E descubro o nome do show: *Ensaio!* E então voltamos àquela pergunta que me rondava antes de iniciar esse trabalho: afinal, o que é ensaio? Lembro-me bem da explicação que o guitarrista principal daquele show deu sobre os motivos que os fizeram escolher o nome para aquele evento. Pediam a quem iria assistir que, embora os músicos não tivessem preparado o espetáculo antecipadamente e fosse a primeira vez que iriam apresentar aquelas músicas, que

a plateia não pensasse em tal nome exclusivamente como treino ou preparação. Queriam que fosse compreendido também de outras formas. Por exemplo, quando se fala de experiências ou experimentos científicos. Sim, era como um ensaio de um novo modelo de avião, ou de uma nova roupa espacial, ali um ensaio de outra maneira de constituir um grupo durante a apresentação. Ou como tentativa, como quando meu cão me olha nos olhos e ensaia soltar uma palavra de carinho, e acaba apenas latindo. Portanto, queriam os músicos que, ao tocar, estivessem ensaiando fazer com que a música pudesse tocar nossos céus internos (o guitarrista, meus caros, às vezes se torna poeta). Mas também, e finalmente (não pela falta de compreensão sobre essa palavra, e mais pela verve talvez pouco treinada com as palavras da boca e mais com as dos dedos que tocam guitarra), queriam que entendêssemos ensaio como obra literária. O show queria deixar escrito em nós um ensaio. Para mim, parece ter funcionado bem.

Início este ensaio lembrando esse show e essas palavras, e com elas quero pedir aos leitores que usem e abusem do parágrafo anterior para entenderem do que se trata essa tal palavra que se insere no nome desse artigo. “Ensaio sobre as coletividades e as lógicas coloniais de atuação” quer ter um pouco de cada sentido daqueles. É uma preparação, um aquecimento, um fazer repetido e de portas fechadas que acontece para que uma apresentação pública esteja pronta. Processo, experiência, tentativa. Tudo isso para ser mais do que um texto científico. Poesia e aldeia. Conhecimento e devir. Razão e construção. História e desejo. Prosa e cidade. Não polos contrários, por vezes nem complementares. Diálogo sem dualismo.

Falei até agora de um menino que saiu de casa e voltou quase adulto. E que logo voltou a sair para então cursar Psicologia na Universidade Estadual Paulista (Unesp). A pobreza marca de tal forma os corpos – não por fora, necessariamente. As marcas estão nos entremeios, corpo e alma, pele e psique, linhas e recortes. Um indígena que não se reconhecia como tal

e que era visto como tal. Um pobre que se sabia pobre, e que era visto como pobre. E as exigências iguais, sem nenhuma concessão: a universidade não era meu lugar, não me aceitava, e eu lutava contra ela. Um sem-número de frases racistas de pessoas amáveis e amadas e que ainda agora me fazem chorar pela lembrança. E, no entanto, tanta troca, tanto apoio, tantos grupos. O coletivo que acolhe na república (uma casa cheia de estudantes que se juntam para sobreviverem à falta de dinheiro) o mais pobre de todos os estudantes do campus. E como eu sei disso? Uma bolsa de auxílio para permanência. Só uma bolsa. O critério: quem tivesse a menor renda *per capita* familiar comprovada. Adivinhe quem? Eu. E voltamos ao senso de coletivo: os mais pobres sempre acolhendo e dividindo. Os mais ricos sempre competindo.

Tornei-me pessoa com deficiência já aos cinquenta anos de idade, depois de um acidente sofrido na estrada. Após esse acidente, depois dos 35 dias de internação hospitalar (sendo quinze deles em Unidade de Terapia Intensiva, UTI, e doze desses em estado de sedação – conhecido como coma induzido), fui mantido em internação domiciliar por mais dez meses. Considerar, no contexto da construção desse trabalho acadêmico, o fato de ter sofrido um acidente que quase me tirou a vida me manteve durante tanto tempo em recuperação, e o fato de ter me tornado uma Pessoa com Deficiência (PCD) é importante porque, por um lado, me ajudou a entender ainda melhor a força da coletividade sobre a existência. Por outro, vem me mostrando ainda mais especialmente o que é a vida quando se está vulnerabilizado por questões de preconceito e de capacitismo que interferem nas relações de forma tão negativa.

De todo modo, o amparo e o cuidado que recebi – e, de certa forma, continuo recebendo – por parte das pessoas que me circundam, não apenas de maneira individualizada, mas dos grupos em que minha existência pode acontecer hoje, e daqueles os quais constituí e me constituíram conforme mencionei anteriormente, tiveram uma influência determi-

nante para que eu passasse a me interessar ainda mais por esse tema. No entanto, insiste (talvez agora ainda mais) a noção ética, epistêmica e moral da hegemonia do pensamento do colonizador, que se propaga quase como intermediário das relações que são exercidas a partir do pacto da branquitude⁴ e que desconsidera o valor de muitas das existências, das vidas e das subjetivações.

Portanto, o que mais importa até aqui é a sensação de um corpo que cresceu colonizado, pré-determinado em suas possibilidades e, ainda pior, em suas impossibilidades.

O colonialismo é acontecimento e se fez também sistema de dominação. É histórico e atravessa a história. Embora envolva conquista, manutenção e exploração de territórios e povos fora do país de origem por potências coloniais, também se revela na dominação, na manutenção e na exploração do outro. Ou pelo menos do desejo dessa dominação. Colonialismo gera a sensação de propriedade sobre tudo e todos e, junto, a sensação de que quanto maior for o acúmulo, a posse, maior o poder. Então, o colonizador, nessa perspectiva, quer se tornar proprietário do outro, tendo sobre ele o poder de vida ou de extermínio. Se o colonialismo é histórico, a colonialidade é a sua sobra, a conserva cultural⁵. Portanto, não é outra ideologia que coloniza corpos e mentes, senão a mesma ideologia de superioridade que justifica o domínio de territórios e de povos.

Desse modo, e tendo essa ideologia da colonialidade como um dos principais determinantes da placenta social brasileira desde que Pindorama foi invadido, qualquer saída para os membros dessa sociedade parece ser colonizar o outro. Ou seja, a existência possível se baseia no individualismo, que tem o outro como alvo de domínio. Uma coisificação de vidas que podem ser acumuladas como propriedades. Meu filho, minha

4 C. Bento, *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

5 Anibal Quijano, *Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina*. *Anuário Mariateguiano*, Lima, Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

filha, minha esposa, meu marido, minha mãe. Vidas que pertencem. A determinado alguém. E que determina e limita a vida. Colonialismo é a conserva cultural – esse conceito tão caro aos psicodramatistas e que será mais bem definido abaixo – em sua forma mais cruel, porque se faz determinante dos sentimentos e emoções e, mais que isso, das ações que serão provocadas por tais sentimentos e emoções.

No entanto, o quase aldeamento a que estive submetido – não tendo pertencido minha vida a ninguém e a tantos, ao mesmo tempo com o cuidado tão dividido entre irmãos, mãe, pai, avós materna e paterna, os grupos aos quais fui inserido e que permitiram que me tornasse cuidador e cuidado – foi o que me deu a chance de compreender o efeito do colonizado-em-mim e de descolonizar colonizador-em-mim. E essa história importa tanto no estudo que passo a relatar.

II. DESENVOLVIMENTO DO QUE SE TEM A FALAR OU PRESTO

No ano de 2013, junto com dois colegas, fundamos um Instituto de psicodrama no município de Londrina (PR) com a intenção de oferecer um espaço de construção de coletivos e de formação de novos psicodramatistas. O nome que sugeri, Atiaru, diz respeito a minha ancestralidade, em função de entender teoria e prática psicodramática como possibilidades decoloniais e, portanto, revolucionárias.

Pois foi a partir desse instituto e de sua divulgação que fui convidado a colaborar com a Residência Multiprofissional ofertada pelo Departamento de Saúde Coletiva (Desc), da Universidade Estadual de Londrina (UEL). É quando passo a relatar essa experiência que percebo ainda melhor a necessidade do item anterior. Se não tivesse explicitado o senso de coletividade que experimentei e vivi, seria muito difícil fazer entender meu interesse em estudar exatamente a possibilidade de colaborar com o psicodrama para o desenvolvimento de um ambiente interdisciplinar.

Afinal, como ficará mais evidente adiante, o cuidado em saúde que valoriza todas as vidas não é uma ideia que sempre esteve presente nas formas de produzir saúde. O paradigma hegemônico do colonizador – que precisa ser superado também quando se pensa em cuidado em saúde – é o mesmo que deixa vidas pobres nas periferias das cidades, que oferece educação de segunda categoria, alimentação insuficiente, espaços urbanos delimitados a partir dos bens que não se tem, entre tantas outras vulnerabilizações.

Essa experiência despertou em mim, inicialmente, o objetivo de compreender melhor, à luz da ciência sacionômica, como é a denominação última da obra de Jacob Levy Moreno e que assumo aqui como psicodrama, o fenômeno da formação de grupos e todas as implicações que fazem parte dessa construção e, ainda mais especificamente, as questões que se referem à formação de grupos de residentes da Residência Multiprofissional da Saúde da Família a partir de um estudo que pudesse explicitar as diferentes camadas que se formam a partir da necessidade de coletivizar o conhecimento naquelas equipes que devem trabalhar de forma interdisciplinar.

Para tanto, fiz uso do método psicodramático, que vem a ser uma investigação em cocriação entre todos os membros do grupo estudado, no qual o pesquisador se inclui. É esse o disparador do que suscita o trabalho e que o leva depois para a exploração que se faz daquilo que surge dos e nos grupos aqui pesquisados, e o que garante sua justificativa e sua validação é considerar a experiência vivida e relatada pelos participantes.

Se a essas equipes é proposto um método de trabalho que as concebe como multiprofissionais e interdisciplinares, surge uma pergunta durante aqueles primeiros contatos para os quais fui convidado: o psicodrama, como método que se propõe para a criação e o desenvolvimento de grupos, terá potência transformadora suficiente para transformá-los a tal ponto que venham a agir da forma interdisciplinar proposta

pelo Sistema Único de Saúde (SUS), quando da sua atuação no que concerne ao cuidado em saúde? Em outras palavras, o que pode o psicodrama contra o colonialismo individualizante?

Ainda que munido de muito boa vontade para a produção rápida de um clima que favoreça a mão na massa, ou seja, irmos direto ao trabalho realizado com os grupos, parece necessário resgatar, ainda que brevemente, estudos documentais que melhor demonstrem, por um lado, o que se entende por cuidado em saúde hoje e, por outro, a evolução desse conceito ao longo do tempo. Só assim se pode compreender melhor a importância da construção de um paradigma contra-hegemônico que valorize todas as vidas e existências humanas. Afinal, não restam dúvidas de que a proposta de funcionamento multiprofissional e interdisciplinar não se deu por acaso, ou como resultado de mera vontade de algum gestor bem-intencionado.

Nesse sentido, vale a ressalva de que mesmo depois da era imperial, ou seja, ainda durante a época conhecida no Brasil como República Velha, mais exatamente do início do século XX ao ano de 1929, o modelo de atenção à saúde se dava de forma sanitarista e campanhista. Esse sistema se voltava particularmente à vigilância para a contenção das endemias. No que concerne à assistência individual, era garantida de forma privada somente às pessoas que podiam pagar, restando aos mais pobres, que era a maioria da população, alguma forma de serviços filantrópicos⁶.

Muito pouco se avançou em termos de oferta dos serviços nos períodos históricos seguintes, mesmo quando as circunstâncias históricas contribuíram para alguma mudança. Só a partir do ano de 1945 até meados da década de 1970, começam-se então a perceber as principais alterações na sociedade brasileira, que vai desde um êxodo rural mais acirrado, passa por desenvolvimento da indústria, mas também pelo

6 C. R. R. Gil e S. T. Maeda, Modelos de atenção à saúde no Brasil. In C. B. Soares e C. M. S. Campos (Org.). *Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem*. Barueri: Manole, 2013, p. 325-348.

crescimento desenfreado das cidades, com taxas de desemprego e de assalariados cada vez maiores, o que agrava ainda mais as já difíceis condições sociais. Ainda que esse cenário tenha tornado mais amiadadas as lutas sociais por assistência médica e benefícios sociais, a lógica sanitarista campanhista não foi superada⁷.

É preciso lembrar também o advento do golpe militar de 1964, que, sem dúvida, reprime as lutas sociais e retira muitas liberdades tanto individuais quanto coletivas. Ainda assim, é quando se cria o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e finalmente se pode observar uma substituição do ponto de vista de saúde pública que tinha sua ênfase na prevenção das doenças endêmicas e que, então, passa a cuidar mais diretamente das doenças de massa intensificadas pelas condições de vida e de trabalho.

No entanto, na saúde individual, o modelo médico-privatista direcionado à assistência médica, aos procedimentos curativos extremamente especializados e fragmentados e à lógica médico-hospitalar continuava sendo a prática hegemônica. A racionalidade desenvolvida pelo período colonial permanecia, uma vez que o cuidado em saúde de qualidade – apesar de centrado na figura do médico, hospitalocêntrico – era ofertado para as elites econômicas, e os trabalhadores e suas famílias eram atendidos pelo extinto INPS, mas desde que tivessem emprego formalizado pela carteira de trabalho. Aos demais, o abandono ou o atendimento por filantropia.

As transformações no modelo assistencial ofertado pelo Estado brasileiro e pelas quais a sociedade brasileira tanto almejava (e, por certo, continua almejando) começaram a ser sentidas mais efetivamente, pelo menos, na década de 1970, quando o movimento sanitário brasileiro apresenta seus primeiros sinais.

7 J. S. Paim, *Reforma sanitária brasileira: Contribuição para a compreensão e crítica*. Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

O sistema como existia era excludente e ressaltava uma dicotomia entre o que deveriam ser ações preventivas e curativas. Em outras palavras, existia uma predileção que indicava quais vidas importavam e para quais se dispunha cuidado em saúde: aquelas que pudessem pagar. Enquanto isso, por esse tempo todo, vale lembrar, o etnogenocídio era praticado amplamente para tentar pôr fim em nossos modos de viver e de cuidar umas das outras pessoas.

Foi então que um considerável grupo composto “por intelectuais, lideranças políticas, profissionais e dirigentes de saúde e por representantes da sociedade civil organizada se articularam em torno desta temática configurando o movimento pela Reforma Sanitária Brasileira (RSB)”⁸.

Ainda no cenário desse embate, é preciso referenciar a 8ª Conferência Nacional da Saúde, que aconteceu no ano de 1986, quando então já se percebia a movimentação tanto da ciência quanto da política no sentido de desenvolver estratégias para desconstruir esse obstáculo estabelecido em busca de novas possibilidades de entendimento do conceito de saúde.

O que se buscava, essencialmente, era encontrar uma forma de produzir cuidado em saúde que vislumbresse todas as vidas, e não apenas aquelas que conseguissem pagar por esse cuidado. Já havia fortes sinais no mundo de que aquele modelo apregoado pelo colonizador não era possível de ser reproduzido no Brasil, nem na América Latina e tampouco nos países ditos emergentes. Um embate entre individual e coletivo que se percebia desde ali e que se deixa perceber ainda hoje.

Desde a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada em Alma-Ata no ano de 1978, em que se expressa “a necessidade de ação urgente de todos os governos, de todos os que trabalham nos campos da saúde e do desenvolvimento e da comunidade mundial para promover

8 C. R. R. Gil e S. T. Maeda, op. cit., p. 6.

a saúde de todos os povos do mundo”⁹, esse clima já era disseminado.

É nessa mesma declaração que a concepção de saúde como estado de completo bem-estar biopsicossocial, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade é reafirmada e reconhecida como um direito humano fundamental.

Também é essa declaração que reconhece o direito e o dever de toda a sociedade se envolver, tanto individual quanto coletivamente, quando planeja e executa os próprios cuidados de saúde.

O que se dá é uma disputa muito bem estabelecida entre os ainda colonizadores e uma visão decolonial. Por um lado, aqueles querem manter o modelo individualista e individualizante de saúde como ausência de doença em um determinado corpo e que, portanto, apregoa a cura da doença feita por especialista médico, preferencialmente em hospital, onde o cuidado gera lucro para o cuidador. É o modelo hegemônico, e se esforça por assim se manter, que vislumbra a cura da doença, devolvendo a saúde ao doente, mas não apenas: é mais uma vez a lógica colonial que insiste em se manter, uma vez que a esse modelo os trabalhadores assalariados, os desempregados, a população sem endereço, os povos tradicionais, os quilombolas, ribeirinhos, e tantas outras pessoas vulnerabilizadas não conseguiriam acesso. Esses, por outro lado, seguem buscando desconstruir o modelo hegemônico e construir um modelo decolonial, que entende as pessoas na sua complexidade biopsicossocial, o que traz uma compreensão também ampliada e integral do conceito de saúde. Visa a um modelo de atenção à saúde que busca descentralizar o atendimento da figura médica e, no seu lugar, coloca o usuário de um sistema que se dedica ao contexto social dele, não se limitando a uma noção de saúde que tem a ausência de doença como seu

9 URSS. *Declaração de Alma Ata sobre cuidados primários*. Alma-Ata, URSS, 12 set. 1978.

critério, e, sim, uma compreensão desse conceito que abrange a vida em sua plenitude. E que compreende a vida como um bem que precisa ser cuidado. E que entende que todas as vidas merecem esse cuidado.

Um tanto como resposta a esse conflito entre esses modelos de cuidado em saúde que são disputados por formas de compreensão de mundo dividido entre colonizadores, colonizados e a sempre viva resistência decolonial, o SUS surgiu através da Constituição Federal de 1988, tendo se efetivado pelas Leis Ordinárias n. 8.080/90 e n. 8.142/90¹⁰, que posicionam o rumo e, efetivamente, iniciam a sua implementação e a operacionalização de um novo sistema organizado que visa garantir o direito à saúde, à moradia, aos serviços básicos, enfim, àqueles direitos que garantem a vida integral e a dignidade de todas as pessoas.

Sem entrar na discussão óbvia do funcionamento ou não do SUS em sua totalidade, que passaria necessariamente por aprofundamentos no que tange aos desmanches e à falta de investimentos que se podem sentir, ora de maneira mais acentuada, ora de modo mais discreto, a depender dos interesses dos governos eleitos dos quais depende diretamente, sua proposta é revolucionária, porque traz para a discussão sobre o cuidado em saúde princípios *suleadores*¹¹ totalmente decoloniais: descentralização, equidade, integralidade, participação da população e universalização¹². É o grande sinal de que todas as vidas importam. É a proposta da revolução social através da garantia dos principais direitos. Muito mais do que consultas médicas, o SUS tem uma abrangência no cotidiano da população bra-

10 BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990: Dispõe que A saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990. Lei n. 8.142, de 28 de dezembro de 1990: Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

11 Sobre o termo *sulear*, ver nota 3 na página 139 deste artigo.

12 C. R. R. Gil e S. T. Maeda, op. cit.

sileira que se faz difícil descrever. Organiza os atendimentos em várias esferas, desde a saúde mental, atendimentos de emergência em acidentes ou outros críticos, campanhas de vacinação, distribuição gratuita de medicamentos de uso prolongado, gestão das pessoas envolvidas nos seus processos, articulação com a rede de atendimento e de assistência em seus vários níveis, organização dos atendimentos hospitalares, enfim, uma articulação complexa que exige investimentos que nem sempre acontecem. Tudo isso prevê lutas políticas e sociais para garantir evoluções que visem alcançar mudanças¹³.

Entretanto, tais princípios – e em especial o da integralidade – não podem ser alcançados de forma isolada, individual, solitária. Nenhuma profissão terá o conhecimento integral sobre o fenômeno do cuidado em saúde. Portanto, é preciso que as equipes do cuidado se juntem às várias organizações sociais do território onde atuam para produzir tal cuidado. Ainda mais, será necessário que as equipes tenham um funcionamento multiprofissional e interdisciplinar. Supor tal atuação é tentar romper não apenas com um modelo médico-centrado: muito mais que isso, concebe-se a partir desse desempenho uma novíssima maneira de produzir a existência pessoal de quem participa do processo. Descolonizada e descolonizadora.

É exatamente aqui que as equipes pesquisadas se inserem. Dado seu objetivo, destaca-se a diretriz do trabalho em equipe multiprofissional e interdisciplinar com a devida essencialidade que a demanda por um novo modelo de atenção à saúde exige. Portanto, será a capacidade de conseguir desenvolver esse trabalho como tal (multiprofissional e interdisciplinar) o que poderá provocar retirada do foco da doença e do doente, a ultrapassagem da ideia de atendimento centrado no modelo médico-hospitalar, a atenção concentrada nos contextos sociais a partir do próprio território onde as famílias habitam e circulam e, finalmente, a disponibilização de uma equipe

13 Idem, *ibidem*.

de especialistas para a construção de estratégias com essas prerrogativas.

III. DESENVOLVENDO UMA IDEIA QUE TIVE AQUI, OU ANDANTE

Antes de tudo é preciso dizer que, desde a chegada dos primeiros colonizadores, estes solos de Pindorama¹⁴ sempre foram marcados pelas diferenças que se estabeleceram entre o colonizador e o colonizado. A cultura branca do homem europeu se sobrepôs à do indígena, a este restando a luta para a sobrevivência de seu corpo e de suas formas de existir. Igualmente se deu nas terras de África, de onde o colonizador de cá trouxe os colonizados de lá para serem submetidos à mesma lógica predatória a que estavam subjugados os povos originários destas terras. Ou seja, os negros que foram trazidos para cá, embora não fossem originários, tornaram-se povos submetidos ao colonizador de Pindorama.

O fato é, portanto, que as elites econômicas foram se constituindo como tal a partir de uma lógica de colonização. As terras antes habitadas pelos povos que aqui sempre estiveram passaram a ser consideradas propriedade dos brancos que chegaram, sendo totalmente desconsideradas nossas culturas e nossas circunstâncias, como a forma de existir coletivizada, a forma de encarar e de cuidar de si mesmo e das alteridades a partir de conhecimentos ancestrais, o cuidado com a natureza, entre tantos outros aspectos socioculturais daqueles povos colonizados. Isso também irá se refletir e se reproduzir na maneira como o cuidado em saúde será oferecido (ou negado) para a população.

Surge uma disputa de mundos reais e simbólicos que se revela também na forma como se compreende o cuidado em

14 Pindorama (em tupi-guarani, *pindó-rama* ou *pindó-retama*, ou seja, “terra/ lugar/ região das palmeiras”), é uma designação pré-cabralina dada às regiões que, mais tarde, formariam o Brasil. Por extensão de significado, é o nome indígena por excelência do Brasil.

saúde. Uma disputa do individualismo contra o coletivismo. Uma disputa do hospital contra a aldeia. Disputa do médico não apenas contra o Xeramoí guarani ou contra o Kumõ tucano, ou contra todos os pajés e xamãs de tantas outras etnias, mas também contra a forma de cuidado do aldeamento e do aquilombamento, de todos que cuidam de todos.

Isso posto, agora posso falar o que muitos sabem: equipes multiprofissionais são aquelas formadas por profissionais de diferentes profissões e que têm, em sua atuação, foco em uma mesma demanda. O trabalho dessas equipes depende de que cada um dos profissionais envolvidos perceba se tratar de trabalho coletivo caracterizado por uma relação de reciprocidade entre as diferentes intervenções técnicas e pelo convívio dos profissionais¹⁵.

Fundamentalmente, o grupo multiprofissional de saúde se concentra em suas variadas profissões reunidas, com o objetivo de dar atenção à saúde em determinado problema. Assim, é necessário que cada profissional se disponha a colaborar a partir de sua formação específica, compreendendo que sua ação será tanto mais efetiva quanto mais se possa produzir o trabalho em equipe¹⁶.

Penso ser necessário destacar que a proposta de interdisciplinaridade no trabalho das equipes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) em articulação com as Equipes de Saúde da Família, além de trazer a possibilidade de um avanço enorme no que se refere ao cuidado das pessoas e coletividades, sempre que assim o trabalho puder se efetivar serve, principalmente, como uma resposta muito elaborada no sentido de inverter a lógica hegemônica do cuidado em saúde. Até porque o cuidado em saúde precisa sofrer uma profunda

15 R. C. Ferreira et al., Trabalho em equipe multiprofissional: A perspectiva dos residentes médicos em saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2009.

16 N. C. A. Anjos Filho e A. M. P. Souza, A percepção sobre o trabalho em equipe multiprofissional dos trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial em Salvador, Bahia, Brasil. *Interface*, v. 21, n. 60, 2017.

e intensa metamorfose que traga um senso mais centrado naquilo que Merhy chama de tecnologias leves (comunicação, acolhimento, vínculo e escuta)¹⁷. Parece não haver dúvidas de que a produção do cuidado, sendo efetivado por coletivos em que o próprio usuário pode ser integrado, pode produzir resultados mais integrais. No entanto, as mudanças quase sempre trazem desconforto. Ainda mais quando se quer buscar transformações de aspectos tão cristalizados na cultura como o que traz tamanha valorização do indivíduo sobre o coletivo. De todo modo, espera-se que a partir dessa metamorfose se possa ofertar cuidado em saúde de forma mais coletiva,

Penso que é importante entendermos o que são práticas interdisciplinares. De acordo com Peduzzi, são associações de diferentes disciplinas ou áreas do conhecimento que preservam a autonomia de cada uma considerando a interdependência entre elas. Para acontecer, é mister que essa associação promova interação e comunicação entre as pessoas ativas do projeto para que ocorra o enriquecimento do conhecimento¹⁸.

Antonio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, filósofo quilombola falecido em dezembro de 2023, nos aponta uma direção que ajuda a compreender:

[...] não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece¹⁹.

É dessa confluência ou dessa interação entre as disciplinas e, principalmente, entre os especialistas que surgirá um

17 E. E. Merhy; R. Onocko, *Agir em saúde: Um desafio para o público*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

18 M. Peduzzi et al., Trabalho em equipe: Uma revisita ao conceito e a seus desdobramentos no trabalho interprofissional. *Trabalho, Educação e Saúde*, Botucatu, v. 18, supl. 1, jun. 2020.

19 A. Bispo dos Santos, *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023, p. 9.

paradigma novo, com força e abrangência suficiente para que se possam superar aquele modelo biomédico e o pensamento que reduz o cuidado em saúde como um ato de cuidar da doença e dos seus sintomas. Resta saber se as confluências serão possíveis nesse mundo que foi construído historicamente e que se baseia, de forma principal, no individualismo.

Como já dito, de alguma maneira a dificuldade em construir grupos multiprofissionais que operem por interdisciplinaridade parece ter relação com a própria estrutura da vida contemporânea, que tem privilegiado o caráter individualista do desenvolvimento em detrimento da possibilidade do coletivismo como base desse mesmo progresso, seja pessoal ou da sociedade como um todo. Baseado em um ponto de vista meritocrático, espera-se que cada indivíduo cresça às próprias custas, o que diminui substancialmente, senão a potência do coletivo, pelo menos o horizonte de quem a ele pertence em ver suas chances de crescimento se darem amparadas justamente pelo grupo do qual faz parte, bem como as possibilidades de construção de confluências que fazem entender a potência das coletividades e ajudam a reconhecer a importância da construção de um eu que só pode existir na relação com o outro e com o todo que o cerca. Obviamente, tal relevância pode ser entendida como um resquício daquela mesma cultura difundida pelo colonizador. Acredito que essa sobra se torne uma conserva cultural fundamental na construção das subjetividades da classe média branca brasileira.

Penha Nery²⁰ fala em lógicas afetivas de conduta que são determinadas pelas relações, especialmente entre familiares, e que, aprendidas nessas relações durante a infância, podem se repetir durante a fase adulta, muitas vezes em forma de sintoma ou, como prefere Perazzo²¹, de transferência de personagem cristalizado criado principalmente naquelas relações com

20 M. P. Nery, *Vínculo e afetividade: Caminho das relações humanas*. São Paulo: Ágora, 2014.

21 S. Perazzo, *O forro e o avesso*. São Paulo: Ágora, 2010.

os pais (ou seus substitutos) que migram entre os diversos papéis, por efeito do cacho de papéis que formam o eu²².

Não parece demasiada inferência acusar que aquela lógica do colonizador, que é predatória, e que abusa violentamente das alteridades que julga inferior a ele, com o objetivo da acumulação de bens, portanto individual – também como forma última de alcançar o sucesso baseado no acúmulo, que sempre foi muito específico do colonizador que vinha juntar, acumular, para voltar com maior “sucesso” –, possa atravessar as várias redes sociais, inclusive através do tempo e ultrapassando as gerações. Até porque dá crédito a um eu que existiria como tal mesmo afastado de outras relações. Diria, seguindo Boaventura de Sousa Santos, que a sociedade brasileira se contamina por uma lógica importada do colonizador que veio do Norte²³. Essa lógica, que vai sendo transferida pelas redes, parece determinar não apenas uma pessoa, como no caso daquelas lógicas afetivas de conduta, mas contamina o social de tal forma que as relações, contaminadas que estão por ela, vão normalizando esse conteúdo durante a formação das pessoas, criando uma subjetividade brasileira e latino-americana atravessada por essa lógica que proponho chamar de lógicas coloniais de atuação. Que deixa as várias redes sociais impregnadas, desde as mais básicas, como os átomos sociais, até as mais complexas, como o conjunto de placentas sociais e suas interações. Creio que as tais lógicas a que me refiro contribuam muito no desenvolvimento dos papéis sociais. Resumidamente, penso que esses papéis e suas representações serão responsáveis pelos personagens que surgirão *in acto* na relação com a realidade percebida. Portanto, existe aí um fator social fundamental que extrapola, mas também dá forma ao sujeito. Nesses termos, não seria possível falar em conduta, sob o risco de as lógicas

22 Para o psicodrama, o eu é formado pelos papéis que o compõem. Assim, o eu não é o responsável pelo desenvolvimento de papéis, mas o contrário: são os papéis que formam um cacho e que, juntos, formam e desenvolvem o eu.

23 B. S. Santos, *O fim do império cognitivo*. Coimbra: Almedina, 2018.

serem compreendidas como subjetivas, individuais. E não são. São imposições sociais determinadas exatamente pelas lógicas coloniais de atuação que predeterminam as condutas.

Afinal, para que um homem se torne socialmente “normal”, isto é, integrado na sociedade, é necessário que adquira um caráter que o faça agir e querer como agem e querem os outros membros da sociedade²⁴. Nessas condições, o homem aprende a ser normal, por assim dizer, como se aprende a tocar piano. A aquisição da normalidade ocorre, porém, às custas de certo sacrifício da originalidade, da espontaneidade e da liberdade do ser humano.

Parecem serem tais lógicas o que legitima o individualismo presente nas relações. É bem possível que sejam elas também as responsáveis pelo racismo, pela homofobia, pelo capacitismo e por outras formas de incompreensão e de um padrão violento de atuação contra formas diversas de existência que não as determinadas por aquelas mesmas lógicas. Ou seja, antes do sintoma, antes do sofrimento individual, o entorno tomado por relações cuja espontaneidade-criatividade já está também determinada.

Aqui a demonstração de uma razão essencial para considerar o psicodrama moreniano uma ciência decolonial: tem na artesanaria sua principal característica e contribui para que cada pessoa conquiste a liberdade de se tornar quem se quer ser, sem deixar de considerar as amarras determinadas por aquelas lógicas coloniais de atuação. Uma vez que essas lógicas atravessam as redes sociais e impregnam as relações, normalizando as maneiras de atuar determinadas por elas, acabam determinando inclusive o modo de atuação do grupo ao redor da criança em formação, ou o que chamamos de placenta social. De modo que a pessoa adulta branca atuará em seus diversos papéis utilizando-se dessas mesmas lógicas. O psicodrama pode corroborar com a necessidade urgente de

24 E. Fromm, *A sobrevivência da humanidade*. São Paulo: Zahar, 1966.

desconstruir as tais lógicas para fazer surgir outras em seu lugar, que sejam capazes de construir coletivos mais atentos para as vidas que os habitam.

Até porque, se assim não for o grupo, perde a oportunidade de prosperar em suas relações, de se ver existindo no mundo com mais valor e potência, exatamente em função do esvaecimento a que vão sendo submetidos os seus membros em virtude do clima de máxima competição que aquele individualismo apregoa, uma vez contaminados pelas lógicas coloniais de atuação. Diria que essas lógicas atuam de várias formas para extinguir o sentido de aldeamento e de aquilombamento, que são responsáveis pelo cuidado das pessoas umas das outras e do todo ao redor.

Ações em saúde coletiva tendem a ser mais eficientes quando o trabalho nas equipes de saúde é articulado e potencializado com mais trocas entre os seus membros, sejam elas meramente profissionais ou ainda mais intensa. Os benefícios parecem ser percebidos nos mais variados níveis de gerenciamento, em especial nas equipes que promovem o atendimento direto ao usuário. Compreende-se que os ganhos do trabalho em equipe também promovem o enriquecimento no nível individual de cada profissional – promovendo com isso um olhar mais atento e focado no usuário, e não apenas restrito à sua área de conhecimento²⁵.

Parece uma idealização exagerada, ou uma exigência excessiva feita pelas gestões em que cada membro teria que renunciar a sua subjetividade, ou de sua formação profissional, sociofamiliar e cultural para se desmanchar no todo do grupo. Obviamente não se trata disso. O que se propõe é que na construção de qualquer grupo antecede um projeto consciente entre os membros. Um projeto compartilhado, de interesse mútuo, para o qual se abre mão não de si e de sua

25 C. G. Matuda et al. Colaboração interprofissional na Estratégia Saúde da Família: Implicações para a produção do cuidado e a gestão do trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 8, p. 2511-2521, 2015.

existência e, sim, apenas dos projetos individuais em nome da concepção e elaboração de um produto coletivo. Digo que se pode superar ou ultrapassar aquelas lógicas coloniais de atuação quando as percebemos agindo em e por nós, com sua ação esmagadora de nossa potência criativa e espontânea.

Até porque a organização social à qual estamos aqui nos referindo é do homem branco, colonizador, ocidental. Parece fundamental reconhecer a existência de outras organizações de formas de viver, formas essas que privilegiem as confluências. Haja vista a maneira como se organizam as comunidades periféricas das grandes cidades, os indígenas e sua cultura de aldeamento, as organizações por aquilombamentos de resistência do povo negro, entre muitos outros movimentos sociais que buscam a formação de coletividades como resposta às dificuldades, quer sejam de sobrevivência, tanto biológica quanto emocional, diante das tantas vulnerabilizações a que são submetidas ou de possibilidade de existência adversas daquelas propagadas pelo modelo imposto pelo colonizador.

Dessa maneira, é cada vez mais necessário construir e desenvolver coletivos que possam experimentar a potência de uma economia dos afetos que valoriza exatamente a troca, o *Jopói* guarani, esse conceito cuja etimologia se forma a partir de três elementos: *jo*, partícula de reciprocidade; *po*, mão; *i*, abrir: mãos abertas um para o outro, mutuamente²⁶. Ou o *Nhe ê Porã*, que se forma pela partícula *Nhe ê*, que é palavra, sopro, fala, vida, espírito, e *Porã*, que tem a ver com o belo, o bom. Portanto, o *Nhe ê Porã* é a experiência de fazer valer as Belas Palavras, as Boas Palavras para a existência humana, e o Bem Viver guarani.

Considerando outras formas de experimentar a vida, a ideia de interdisciplinaridade deixa de ser mera conjectura teórica do campo das ciências sociais e passa a ser legitimada

26 B. Melià (s. j.), Tekoporã: Formas do bom viver guarani, memória e futuro. In: N.H. Silveira et al. *Diálogos com os guarani: Articulando compreensões antropológicas e indígenas*. Florianópolis: Editora UFSC, 2016, p. 23-29.

exatamente por essas experiências cultivadas em circunstâncias já conhecidas e estudadas por muitos cientistas. Para tanto, lembro Krenak²⁷, Evaristo Conceição²⁸, Beatriz Nascimento²⁹ entre outros, que apontam essas outras possibilidades de existência contra-hegemônicas e de resistência contra esse espírito colonialista e, portanto, individualizante. Essas outras maneiras de existir talvez possam conceber formas de relacionamento entre as pessoas que são desconhecidas ou estranhas ao homem brasileiro. Esse estranhamento, que gera até o desejo de extinguir esses outros modos de bem viver, mais uma vez parece ter sua fonte naquelas lógicas coloniais de atuação.

É preciso dar-se a chance de experimentar novos sentidos. O ser humano, como ser social, como existência entre iguais e diferentes e que, ao mesmo tempo considera esse modo de existir individualizante, meritocrático, mas tenta entendê-lo em suas próprias relações para modificar a si mesmo e ao seu redor, e se contempla crescendo individualmente ao experimentar a potência transformadora do grupo em si e de si no grupo, ou seja, a potência revolucionária das confluências.

Outro fator que aproximou ainda mais meus interesses em buscar uma maior compreensão da potência que o coletivo exerce sobre as pessoas que se dispõem a essa maneira de existência diz respeito a minha busca por minha ancestralidade indígena. Seja pela proximidade com povos originários, principalmente o povo guarani, ou pelos estudos a que me dediquei para conhecer suas cosmologias e que, a partir do início dessa busca, passei a praticar. Isso me ajudou a compreender, aos poucos, que a proposta de interdisciplinaridade feita para equipes de Saúde da Família do Nasf/eSF passa, necessariamente, por uma desconstrução de um modo de vida individualista.

27 A. Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo*. Nova edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

28 C. Evaristo, *Ponciá Vicência*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

29 B. Nascimento, Kilombo e memória comunitária: Um estudo de caso. *Estudos Afro-Asiáticos*, 6-7, Rio de Janeiro, CEAA/Ucam, p. 259-265, 1982.

Para nós, guarani, o bem viver se traduz também por *tekoporã*. *Teko* corresponde a “ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito”³⁰. Algo próximo do que a antropologia moderna entende como cultura. *Porã*, como já disse, pode ser traduzido por “bom”, “bem”, “bonito”, adjetivos ligados ao que é estética e eticamente positivo. Portanto, um bom estado de vida. Que na tradição guarani acontece no coletivo, no *tekoha*, “no lugar de viver, que é o lugar de ser, de praticar o próprio sistema, da família e da política, da economia e da religião”³¹. O lugar de “sermos o que somos”.

E o que somos reconhece, valoriza e confirma o que o outro é. E se junta a ele no compartilhamento de tudo o que somos. A ideia de acúmulo de riquezas, de saberes, mesmo de alimentos, não pode existir para que o *tekoporã* aconteça no *tekoha*. O cuidado em saúde acontece com a percepção de que todos têm a mesma responsabilidade de as pessoas serem cuidadas entre todas e por todas.

Preciso repetir, porque isso é algo que sempre me provocou a atenção, que é o que Moreno³² chamou de placenta social: aquilo que circunda toda a criatura humana desde que é gerada. Um mundo determinado que determinará a pessoa que nele nascerá. E que é também pré-determinada a partir das circunstâncias históricas, sociais e emocionais.

De modo que uma pessoa que nasceu inserida em uma placenta social guarani, que privilegia a vida da aldeia em que nada pertence a si mesmo, mas ao todo e a todos, terá muitas diferenças no que concerne às experiências grupais e relacionais de uma pessoa que nasce em uma placenta social desenvolvida em áreas nobres de grandes cidades, por exemplo.

A placenta social, como conceito, articula-se com outro que são as conservas culturais³³. Diria que se pode entender

30 Montoya. Apud B. Melià, op. cit., p. 24.

31 B. Melià, op. cit. p. 25.

32 J. L. Moreno, *Psicodrama*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

33 Id., *ibid*.

conserva cultural como um acúmulo de conhecimentos, crenças, atitudes, comportamentos, objetos de obras de arte, enfim, tudo o que pode ser transferido de forma transgeracional. Concebo como dois conceitos universais desenvolvidos por Moreno. De forma que as questões que determinam essa possibilidade de existência individual e individualizante também serão expressões da placenta social e das conservas culturais nela circulantes.

Assim, é desde essa perspectiva coletivizadora que me desenvolvi e que, desde muito cedo, me ajudou a perceber a importância do grupo em minha vida. Não que minha placenta social fosse apenas minha família, nem que ela não fosse invadida por outros saberes. Até porque qualquer placenta social está sempre ligada a todo um espectro de rede social e, portanto, está à mercê das muitas possíveis influências externas. De todo modo, minhas experiências me ajudaram e me ajudam a entender essa dimensão do social.

Outro conceito fundamental para a compreensão da expansão ou limitação das pessoas é o átomo social³⁴. Para entender esse conceito, basta imaginarmos que cada pessoa com suas circunstâncias (históricas, relacionais, afetivas, reais e imaginadas, e tantas outras) está no centro, e que as pessoas diretamente ligadas a ela e que transitam ao seu redor são as outras partes de seu próprio átomo. Articulado com a ideia de placenta social e de conserva cultural trazida por esse circundante daquele sujeito, o átomo social é o que faz/traz contato com toda a rede social e o imaginário, mas também com o real que influencia continuamente a formação e o desenvolvimento das pessoas, tal qual fez comigo.

Preciso dizer que considero essas reflexões importantes, sobretudo, e em primeiro lugar, por contribuir para a explicitação de que ninguém se constrói sozinho, mas como resultado

34 J. L. Moreno, *Quem sobreviverá: Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. Ed. do estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

de uma soma de vínculos, redes, cruzamentos, em diferentes níveis e camadas, sempre cercado por pessoas. O resultado é essa amálgama que tem influências de todos esses contextos. Não só isso: o resultado conta com essas influências, apoios, aprendizados, sustentações, que são oferecidos por toda a rede que circunda cada criatura. Ninguém se faz sozinho. O mérito nunca é pessoal. A existência só é possível em relação a alguém, sempre. Reconhecer essa complexidade pode trazer potência para destruir a influência daquelas lógicas coloniais de atuação e ajudar a construir-se de maneira mais confluyente.

Além disso, e em segundo lugar, aquelas reflexões são importantes porque explicitam o óbvio. Essa amálgama, esse caldo constituinte do eu, demonstra que o eu não é um: são muitos, na perspectiva que é formado de muitos papéis que, somados, compõem um cacho. Assim, a presença de um eu em qualquer coletivo traz toda a soma de seus papéis, de suas circunstâncias e de suas experiências. Talvez, na formação de coletivos, de grupos, o embaçamento que se percebe prejudicando o encontro seja fruto do que está implícito no desenvolvimento desses papéis. E, apesar de a proposta do SUS ser revolucionária no sentido do cuidado em saúde, não o é ao ignorar essas variáveis, ao sugerir que o trabalho das equipes aconteça de forma interdisciplinar: é extremamente necessário adotar passos anteriores que prevejam o desmantelamento daquelas lógicas coloniais de atuação que cada profissional traz para dentro do grupo em que trabalha e que se pode perceber pelas sempre presentes disputas de poder, de maior valor entre profissões e profissionais. Só então, e a partir daí, a interdisciplinaridade se tornará possível.

Relembro Merhy,³⁵ que evidencia que produzir modos de cuidado que centralizem o usuário e as suas demandas prescinde de trabalhadores e de gestores comprometidos com essa intenção, e que estes, para existirem, dependem de produção

35 E. E. Merhy; R. Onocko, *Agir em saúde*.

de coletivos que sustentem o projeto político, considerando a constituição de sujeitos sociais³⁶.

IV. O DESENVOLVIMENTO NÃO PODE PARAR, MAS MUDANDO DE ASSUNTO, OU *ALEGRO* *MA NON TROPPO*

Produzir o novo é inventar desejos, crenças, associações, formas de cooperação e maneiras de experimentar o mundo. A relação profissional-usuário empreendida nessas circunstâncias deve ser a relação entre indivíduos que se dizem respeito como pessoas parceiras e como aliadas na construção de si mesmas e de um modo de produção singular da saúde. Essa produção do novo passa necessariamente por uma desconstrução de verdades individuais e sociais que se ancoram nas conservas culturais, as quais se tornam responsáveis pelas reproduções daquelas lógicas coloniais de atuação que, como se disse, parecem responsáveis pelo sexismo, machismo, homofobia, racismo e, sobretudo, individualismo que colonizam nosso pensar e agir, porque herança do colonizador do Norte. Portanto, produzir o novo é também libertar-se dessa lógica e reinventar-se recuperando outras conservas culturais adjacentes à cultura branca. É buscar de volta a espontaneidade-criatividade que aquela herança retira de nossas relações, aqui especialmente a relação dada entre profissionais de diferentes formações que se unem para um trabalho interdisciplinar.

Foi desde o ambiente de construção de paradigma alternativo ao modelo hegemônico biomédico acima exposto que o Departamento de Saúde Coletiva (Desc) da Universidade Estadual de Londrina (UEL) criou o Curso de Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Abrindo anualmente dez vagas para profissionais de profissões variadas: duas para enfermagem, duas para odontologia e uma para cada outra das profissões (psicologia, serviço social, fisioterapia, educa-

36 Id., *ibid.*

ção física, farmácia e nutrição), cada equipe também de dez profissionais atua em uma UBS específica de forma mista entre residentes de primeiro ano (R1) e residentes do segundo e último ano (R2). É com cada uma dessas duas equipes que o presente trabalho se desenvolve. As equipes estudadas já estavam inseridas ao seu campo de trabalho quando do início da pesquisa, a saber, as UBS para as quais foram indicadas.

Tem essa residência a característica de oferecer possibilidade de desenvolvimentos profissionais específicos para a atuação no contexto da Estratégia Saúde da Família (ESF). No entanto, como se tentou esmiuçar, a busca pela interdisciplinaridade e pela coletivização do trabalho e dos saberes é um desafio consonante com as proposições do SUS. Dessa forma, restava saber se o modelo formativo ofertado pelo curso – e, ainda mais que isso, a maneira como se busca lidar com as relações internas do grupo que irá se formar, a troca de experiências entre os profissionais selecionados para a residência, experiências não apenas e meramente profissionais, mas da vida e dos revezes que a lida com alteridades que se encontrarão no cotidiano – se tudo isso estaria sendo gerador desse ambiente que possibilita transformações de ambientes individualistas e individualizantes, ou de identidades, em comunitários e coletivizados, formando com isso profissionais apropriadamente de acordo com os preceitos propostos e defendidos pelos novos paradigmas do SUS.

Para ajudar na construção da resposta, convoca-se a ciência do psicodrama pensada e desenvolvida por Jacob Levy Moreno, que me empresta seu arcabouço ferramental para colaborar com a residência a fim de proporcionar experiências emocionais que busquem romper com aquelas lógicas coloniais de atuação limitadoras da liberdade de se tornar mais disponível para o grupo. Dessa forma, é possível ajudar a tornar aqueles residentes da Residência Multiprofissional em Saúde da Família que se juntam aleatória e individualmente em um grupo e, sobretudo, ao disponibilizar suas técnicas,

ajudar esses grupos a se tornarem ativos e a se transmutarem, com base na ideia de interdisciplinaridade, para coletivos organizados de produção da saúde.

Vêm daí essas primeiras impressões que mostram ser necessário aprofundar o olhar para esse fenômeno e, quando não se encontram respostas ou saídas para essas contradições, aumentar a qualidade das indagações, buscando mais subsídios no momento de formulá-las. Assim, o que justificou a realização deste trabalho se assentou em um espectro que vai desde a educação familiar tradicional, passando pela formação escolar, que ensina a busca pelo aperfeiçoamento individual e individualizante, ambas baseadas em um modelo que privilegia o individualismo e a competição. Ainda mais que isso: que treina – por assim dizer – as subjetividades para binarismos hegemônicos. Assim, tanto conceitos como saúde e doença quanto individual e coletivo são tratados quase sempre como antagônicos. Nos processos de formação daquilo que é mais profundo e específico em cada pessoa – em que se inclui a formação do papel profissional –, quase não se oferecem oportunidades para propostas de coletividades. Até porque a academia universitária, tão responsável pela construção de papéis profissionais, é um espaço colonizado e colonizador, e forma sujeitos desde sempre atuantes a partir das lógicas coloniais.

Daí que o psicodramatista em mim, parafraseando Suely Rolnik³⁷, quis trazer contribuições efetivas para que tanto esse Curso de Residência quanto outros espaços de formação, formais e informais, para profissionais da saúde que atuarão nas políticas e ações do SUS, pudessem incorporar metodologias e ferramentas que buscam propiciar às equipes a possibilidade de tornarem-se mais que uma justaposição de trabalhadores e se transmutem, se reinventem para se considerarem coletivos organizados de produção da saúde.

37 S. Rolnik, *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

Eis a proposta do psicodrama não apenas para esses dois grupos de residentes: sejam espontâneos³⁸. O resultado esperado por essa proposta é que consigam dar respostas novas para uma situação antiga: formar um coletivo do cuidado em saúde, muito menos competitivo como profissionais. Aliás, o contrário disso: contributivos, abertos para o outro e para o conhecimento alheio, não individualistas, enfim. Poderão se tornar espontâneos se estão predestinados a viver atravessados pelas lógicas coloniais de atuação?

Conforme aludido anteriormente, com o presente trabalho se quis produzir uma pesquisa participante com base no método psicodramático. O que se buscou foi compreender o fenômeno da construção de interdisciplinaridade como prática de trabalho em dois grupos de profissionais da Residência Multiprofissional do Desc-UEL. Além disso, conhecer as possíveis intersecções entre essa construção e a utilização do psicodrama como pesquisa participante que poderia desconstruir espaços existenciais cristalizados.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram propostas dez sessões de Sociodrama com cada um dos grupos de residentes da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. O total de residentes está dividido em duas UBS.

Cada um desses grupos era formado de acordo com a criação do próprio projeto da residência, ou seja, duas profissionais de enfermagem, duas profissionais de odontologia, uma psicóloga, uma assistente social, uma farmacêutica, uma fisioterapeuta, uma educadora física e uma nutricionista.

Já se disse que as lógicas coloniais de atuação são também as responsáveis pela concepção de uma existência individual e individualista. Egocentrado. A construção da interdisciplinaridade parece prever outra lógica, ancorada em um modelo que talvez já exista, mas que não alcança a tal humanidade conforme apregoada por esse modelo globalizante, em um

38 J. L. Moreno, *Psicodrama*.

sentido que tende a construir mais homogeneidades, padronizações e similitudes.

Com Ailton Krenak, o trabalho buscou alcançar novas possibilidades³⁹:

Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos.

V. CONCLUIR É PARTIR, PARTIR É SOFRER OU LARGO

Este não é o relato de nosso primeiro encontro com os residentes. Já tivemos reuniões suficientes para que muito rapidamente se possa ultrapassar a fase do aquecimento inespecífico. Eles chegaram tão antes do horário que me esperavam na calçada em frente ao instituto (estarão ansiosos por se encontrar nesse ambiente?). Paro rapidamente entre eles, e ali mesmo na calçada parece que já começamos a reunião.

Eles brincam entre si, provocando o dentista, em função das letras iniciais da placa de seu carro. Algo que, na perspectiva da brincadeira, denota um poder daquele profissional.

Entramos. Rapidamente me disponho a iniciar, ainda que antes do horário. Penso que o aquecimento inespecífico, aquilo que rompe com o estado de isolamento orgânico, já

39 A. Krenak, op. cit., p. 17.

acontecera na calçada e peço que cada um fale como está se sentindo. Então ele chora. Fala do modo como se sente acolhido pelo grupo, da importância desses encontros para ele, e de como isso tem se refletido em seu trabalho. Lembra da solidão da odontologia, da responsabilidade, do fato de que que não tinha com quem trocar e do modo como as reuniões o têm ajudado a, inclusive, se colocar mais disponível para o trabalho da equipe. Conta que naquela mesma semana foi às visitas ao território com a assistente social.

Seu depoimento gera um perceptível estado de comoção nas pessoas. Observam-se atenta e revezadamente. Respiram forte, ruborizam e transpiram. Estão juntos agora. Experimentam a oportunidade de se fazerem coletivo.

Solicito que falem da experiência. Estão extremamente emocionados e alguns choram ao falar, expressando estarem felizes pelo desenvolvimento do grupo. Elegem ao fim a palavra “gratidão” para representar o encontro da semana.

É possível que até aqui ainda não esteja expresso explicitamente quais são as relações que se podem estabelecer entre o trabalho psicodramático e o que propõe o SUS com as Equipes Multiprofissionais de Saúde da Família. Entendo que não se pode construir um trabalho de fato interdisciplinar enquanto as pessoas que estão formando tais equipes não puderem constituir grupos. Entendo que, para tal, algo da sociodinâmica (que é específica de grupo para grupo) precisa ser revelado para ser desconstruído. Entretanto, os grupos não deixam de ser, insisto, invadidos pelas lógicas coloniais de atuação, o que torna evidente que o mais importante era que se rompessem algumas barreiras dadas por conservas culturais enraizadas nas múltiplas relações que se estabeleciam em determinados papéis sociais construídos com base em tais lógicas.

Parece possível, como se quis mostrar neste ensaio com a inclusão de autores que não se inserem no establishment de um modelo acadêmico branco e eurocentrado e, por isso mesmo, contribuem a partir de uma perspectiva decolonial. Esses

autores falam de organizações sociais que privilegiam o coletivismo e cujas culturas percebem e vivenciam a interdependência de forma muito orgânica e genuína. Ou seja, apesar de contra-hegemônico, esse modo de viver é tão genuíno quanto qualquer outro que exista. Já existe, está aí disponível.

Sempre que possível, foi preciso fazer reconhecer, desvelar, para então retirar as máscaras de que o ego/ personagem se reveste, antes de se pensar em construção de interdisciplinaridade, o que acontece no processo relacional-grupal.

Nenhum grupo que sofre porque se paralisa em função de um projeto coinconsciente de competição interna, por exemplo, conseguirá produzir trabalho de forma interdisciplinar. Proponho um verbo: interdisciplinarizar. Para que essa ação possa existir, é essencial a construção de um ambiente interdisciplinarizador que passa, necessariamente, pelo cuidado com os vínculos sociais (que são intermediados pelos afetos). Assim como, em qualquer grupo, para que surjam representantes grupais do qual provavelmente se destaque um protagonista, segundo Falivene Alves⁴⁰ é necessário um clima protagônico, assim como também é preciso que se crie um clima interdisciplinarizador. Nesse caso, ou haverá esse clima de maneira espontânea, ou o diretor do grupo poderá contribuir para desenvolvê-lo. Mas então não será meramente a partir da compreensão e da resolução de conflitos internos do grupo. Será preciso colaborar para que o ambiente predeterminado – por estar impregnado pelas lógicas de atuação – possa percebê-las e considerem resignificá-las, dando ao grupo e a cada um de seus membros novas possibilidades de respostas que sejam indeterminadas.

Isso significa que é fundamental que os vínculos sejam construídos com base em outras perspectivas. Menos individualizantes e mais coletivizadoras. Mas, para que isso

40 L. Falivene Alves, Sentimentos no psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 19, n. 1, p. 147-152, 2011.

ocorra, não basta força de vontade. É preciso treinamento. Exatamente essa foi a proposta que este trabalho apresentou como alternativa para as equipes com as quais lidou. E é essa a proposta do psicodrama como conjunto de prática e de construção de conhecimento.

Diante do que se pôde ouvir nos relatos finais dos residentes de ambas as UBS, alguns deles registrados a seguir, se considerarmos o indispensável efeito exercido pela construção de vínculos entre as pessoas como poderoso fator na busca de um ambiente onde os conhecimentos individuais possam circular adequadamente para que o cuidado em saúde contra-hegemônico se torne mais efetivo, é possível inferir que o método psicodramático consiste em uma ferramenta importante quando se pensa em propiciar ao grupo aquele ambiente.

Em um de nossos encontros, usamos uma folha de papel sulfite em branco para cada uma das pessoas. Era uma proposta de aquecimento inespecífico com o uso de um objeto intermediário. Solicitei que cada pessoa fizesse uma escultura com aquele papel. A escultura deveria representar aquele grupo. Reservei dez minutos para que a tarefa se cumprisse. Era o início da reunião e ninguém podia prever o que estava por acontecer.

Primeiro as risadas ansiosas, o medo de entrar em contato com a própria folha, as tensões reveladas por brincadeiras sobre a tarefa. Cabe ao diretor sustentar essa ansiedade, cada um ao seu jeito, respeitando e incluindo cada uma das falas que vão surgindo.

Depois o silêncio grupal. Lentamente foram se entregando ao solicitado, olhando apenas para suas próprias folhas, imaginando possíveis dobraduras e conexões com o que pensam, sentem, produzem e percebem sendo produzido pelo grupo e no cotidiano do grupo.

De repente uma folha é amassada. Quem a amassa ri alto e diz como que para si que acha que é isso mesmo. Uma bagunça sem forma definida.

Vencido o tempo determinado, peço que coloquem suas esculturas à sua frente e um a um foram apresentando sua arte: surgiram

avião, navio, bola, vaso, e até uma folha muito amassada. Em suas falas, faziam as possíveis aproximações e distanciamentos entre a escultura e o seu sentimento por fazer parte daquele grupo. O navio, que pode conter a todos em seu interior e trazer segurança para a viagem. O avião, cuja metáfora é parecida, mas que vai além, porque voa, leva para o alto. O vaso, que contribui para que a planta possa ter vida e gerar as flores. E assim por diante.

Ainda na fase do aquecimento inespecífico, após a apresentação de cada uma das esculturas produzidas por eles, o avião começa a falar com as outras esculturas. Faz uma pergunta:

– Se eu sou vocês, para onde estão indo? E o que estão levando?

Percebo que a próprio vaso responde:

– A questão nem é para onde estamos indo, ou o que estamos levando. A questão é qual é a planta que vamos fazer brotar.

A partir dessa resposta, o grupo passa a conversar. Falam de suas angústias do dia a dia, que é bem difícil, seja pela longa jornada de trabalho a que são expostos, seja pelo acúmulo do trabalho que têm que produzir, ou ainda pelas situações estressantes vividas por todos.

Sugiro então que todas as pessoas escolham aleatoriamente – avião ou vaso – e em seu próprio lugar se tornem um deles. Peço que os “aviões” se posicionem de um lado do espaço cênico e os “vasos” do outro. Os aviões já começam a se movimentar como tal, braços abertos, como que voando. Os vasos ficam imóveis.

Leandra diz:

– Ah, acho que quero ser avião também. É mais legal!

De repente, só um vaso fica em cena. Os outros são todos aviões. Peço que percebam o vaso. E Luciana, no papel de vaso, diz:

– Eu ainda acho que sou mais importante. Não voou nada. Mas a vida surge dentro de mim, novas formas, novas possibilidades.

As pessoas começam a falar sobre a necessidade de se constituírem como grupo, mas como esse vaso, a partir de novas formas e novas possibilidades de existir. Sentam-se e iniciamos a fase de compartilhamento numa mistura de choro e sorrisos gratos pela construção daquela tarde.

Nosso objetivo sempre foi oferecer a experiência de ter as subjetividades ali acolhidas, como na produção de um *tekoha* guarani, lugar de existência coletiva, do *tekoporã*, o bem viver, com a intenção de ajudar na desconstrução de cristalizações que impedem o aproximar-se do outro na integralidade necessária para juntar saberes, conhecimentos, facilitando a construção de um ambiente onde a interdisciplinaridade pudesse ser implementada.

Assim, com o outro grupo fizemos a mesma experiência da folha em branco. E pedi que fizessem as suas esculturas. A situação foi em muito semelhante àquela da ansiedade inicial do grupo anterior.

Risadas, falas em tom mais alto, e a mesma sustentação necessária efetivada pelo diretor.

A próxima orientação dada foi para que dispusessem suas obras no centro do círculo formado por eles. Um a um, com a intenção de terem uma outra escultura formada pela soma de todas. Iniciamos a dar uma especificidade para nosso encontro. Uma vez que terminaram de fazer, pedi que dessem um nome para o que se formou e, juntos, olhando aquele conjunto de folhas no chão, chegaram à frase: “O barco é levado pela maré, e somos a maré”.

Pedi, então, que ocupassem o lugar de sua própria escultura. E que cada um se tornasse o próprio objeto. Os risos que deram enquanto buscavam se encaixar naqueles lugares, enquanto se deitavam, sentavam-se, se acocoravam ou permaneciam em pé, e buscavam dar a seus corpos as formas que esculpiram em suas folhas, isso tudo já era o início de uma dramatização que ocorria entre eles. Ajudei como pude para que esse momento fosse o mais libertador das amarras que lhes impunham um jeito conservado de se relacionarem entre eles.

Era, sobretudo, importante que ali surgisse uma realidade que fugisse das padronizações com as quais estavam habituados. Algo simples essa dramatização. E que, apesar da simplicidade,

deveria perdurar o máximo de tempo possível. Afinal, a espontaneidade pode e deve ser treinada. E treino exige tempo.

Aqueles que quiseram puderam sair da escultura, um a um, para olhar de fora enquanto eu mesmo assumia o lugar de quem saía. Enquanto todos puderam olhar para o “espelho”, iam deixando uma palavra sobre o que viam de fora (“encantamento”, “bagunça”, “amizade”, “coração”, “sofrimento”, “aperto”, foram as que surgiram).

Depois, quando todos estavam de volta para a grande escultura que formavam juntos, pedi que cada um dissesse como se sentia naquele lugar. As respostas, apesar de variarem em suas formas, repetiam sempre o tema do acolhimento, de se sentirem fazendo parte de um todo que os acolhia e os fazia se sentirem confortáveis naquele lugar. Surgiu um movimento em que todos seguiam o mesmo ritmo, como se todos dançassem com uma mesma música que não se podia ouvir. Enquanto dançavam, sorriam, riam alto, brincavam. Já não pareciam profissionais enrijecidos por um senso de competição, mas um grupo que se percebe quase como único em um lugar de alegria e compartilhamento.

Outro exemplo de protagonismo foi quando o grupo de outra UBS acompanhou, por meio de três profissionais, o óbito de uma criança de poucos meses de vida. Foi Gisela, a enfermeira do grupo quem trouxe a cena. De novo, o grupo vinha com o aquecimento preparado. O óbito e a forma como se deu, o sentimento de culpa vivido pela profissional, a relação com a mãe da criança, que já era importante anteriormente, o irmão gêmeo do bebê, tudo isso tornava a intensidade das relações uma antecipação do que precisava ser tocado naquele encontro.

Gisela foi para o palco e apresentou a seguinte situação: a mãe deu à luz duas crianças, uma delas é um menino com uma situação crônica de malformação do tórax. Por conta desse nascimento e, aliás, mesmo antes, durante o período de gravidez, Gisela já havia desenvolvido um vínculo importante para o cuidado da saúde da mãe e do pai. O outro menino, que não tinha o mesmo problema

do irmão, agora por volta de três meses, havia se afogado durante a amamentação. A mãe chegou com o filho já cianótico, provavelmente em função de Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC). Quando Gisela pegou a criança, ao auscultá-la percebeu que estava sem pulso. Entregou ao médico e ficou do lado de fora da sala onde o médico tentava recuperar a vida da criança com manobras de ressuscitação. O tempo passava enquanto o pai e a mãe, com a outra criança gêmea, aguardavam em outra sala. Com eles, a assistente social.

Tudo parecia estar suspenso no ar, tanto na UBS quanto naquele momento na sala onde estávamos reunidos. Aliás, era como se estivessemos naquele corredor da UBS. Quase podíamos ouvir as manobras do outro lado da porta feitas pelo médico. Nesse momento, o choro de Gisela era acompanhado pelo choro de todos, inclusive do meu próprio (e como é difícil evitar que ao recontar essa história aqui me afete e me traga o choro de volta. Quanta tristeza para Gisela e para o grupo todo. E para a mãe e pai daquele bebê).

Cabe a ela noticiar o fato aos pais. O ápice da cena. Diante da mãe, Gisela precisa dizer, cumprir com sua responsabilidade, mas, por mais que se esforce, por mais que reconheça a necessidade de informar a mãe, por mais que se sinta péssima profissional por se deixar afetar tanto pela situação, ainda assim não consegue noticiar aos pais. Quando peço que assuma o lugar da mãe, Gisela, no papel daquela mulher, chora ainda mais. Pergunto o motivo e ela responde:

– Eu sei o que ela veio me contar!

Então, ela, no papel da mãe, chora mais e oferece a mão para a enfermeira-ego-auxiliar. E cuida dela. Gisela, a enfermeira, está no papel da mãe do bebê morto. E cuida de Gisela, por meio do do seu ego-auxiliar. É uma revelação: a mãe sabe que não foi culpa de Gisela, assim como já sabia o que iria ouvir dela.

O grupo se senta. Ao nosso redor, a plateia está aos prantos também. Peço que digam palavras que representem o sentimento despertado pelo que veem. Surgem: “redenção”, “crescimento”,

“união”, “amor”, “carinho”. Mas também: “culpa”, “até quando?” “impotência”.

Um a um, solicito que entrem no lugar daquela mulher e deixem um recado para o grupo ali presente. A gratidão é o que mais aparece em suas falas.

Ao final, durante a fase do compartilhamento do vivido e experimentado, alguém fala:

– Hoje nos tornamos mais grupo do que nunca.

Sem dúvida nenhuma, de todo o trabalho essa é a frase mais importante que surge. Todavia, é dia de irmos tristes de volta para casa. A transformação de sujeitos submetidos às lógicas coloniais de atuação que intermedeiam as relações em subjetivações mais livres, a aprendizagem necessária para que essas subjetivações sigam em busca de tornarem-se coletivas, o treinamento que possibilita a vida de maneira mais espontânea e criativa – tudo isso passa, necessariamente, por se deixar afetar por experiências afetivas de sentimentos variados. Tornar-se grupo também é sentir o que o outro sente, pelo olhar do outro, e pelo próprio corpo do outro.

Se não relato aqui os momentos de individualismos exacerbados, de competição entre os membros, das vinculações interditadas por aquelas lógicas, é porque todos conhecem seus modos de agir e já as viram em ação. Meu interesse é mostrar como elas podem ser desmontadas na medida em que se oferece aos grupos a dramatização de cenas que os façam percebê-las atuando em suas relações. Para tanto, lança-se mão do que o psicodrama tem de mais rico, que é o convite à espontaneidade-criatividade.

Recolhi as impressões de todas as pessoas que participaram, por meio de depoimentos. Se não as apresento integralmente é só para poupar o leitor de repetições desnecessárias. No entanto, penso que essas duas que escolhi representam em muito tudo que foi dito, sentido, revolucionado, naquelas profissionais.

- *Eu só queria ressaltar que, às vezes, tinha alguns encontros que eu achava que realmente não ia acontecer nada. Assim tipo que não ia ser benéfico para o grupo no geral. Até acho porque o primeiro encontro assim psicodromático, acho que não é uma coisa que todo mundo tinha contato então a gente não sabia como ia funcionar. Mas toda vez que a gente vinha, às vezes era difícil falar, às vezes era difícil conversar porque mexe muito com os nossos sentimentos, como profissional e como pessoa. Às vezes, situações que a gente tem que reviver e entender, então muitas vezes a gente deixava, tipo: “Nossa! Vai ter Paulo de novo! Será que né, vai acontecer alguma coisa?”. Mas sempre quando a gente saiu de lá, pelo menos pelas conversas também com meus colegas, foi muito benéfico. E aí eu queria falar que o laço que a gente criou fica muito mais forte dentro da minha UBS. Eu senti muito mais proximidade com os meus colegas (da UBS), que é o que eu tenho que sentir de fato, né? Porque com eles que eu tô trabalhando todo dia..*
- *Eu acho que uns fatores assim, a gente tá sempre, tem uma correria no dia a dia do trabalho que a gente não para se autorrefletir, né? Eu acho que, acima de tudo, o que foi proposto em grupo criou uma desconstrução muito grande, porque durante os encontros certas situações eram provocadas para a gente se sentir incomodado mesmo, para a gente se expor, lidar com o que tava incomodando. Tanto que a gente zoava, né: não tem uma vez que a gente vai no Paulo que a gente não chora. E eu acho que isso é muito bom porque você vê que você tem apoio. Só que ao mesmo tempo, assim, eu acho que não sei por experiências, né, passadas aqui, a gente tem que se conhecer para a gente trabalhar melhor, né, mas quando a gente fala que a gente tem que criar vínculos e tudo mais, não necessariamente. Concorde mais ou menos com isso, sabe? Tem que saber se respeitar, entender que aquilo é trabalho... é isso, infelizmente... e às vezes terá mais afinidades, outras menos. Eu acho que isso faz bastante sentido, isso que você proporcionou: essa desconstrução muito grande e um momento para todo mundo se autorrefletir junto, né...*

Essas falas todas corroboram, até certo ponto, o que já foi apontado antecipadamente: a prática interdisciplinar prescinde de um grupo coeso. E coesão grupal depende de um esforço até afetivo, emocional, para que aconteça. E tem variações: o grupo ora se encontra mais coeso, ora menos. Os vínculos precisam ser alvo de constantes revisitas. Assim como os contratos coconscientes. E, se a disposição para relações vinculares positivas é dependente do desejo individual, não tenho dúvidas de que estar ou não disponível para o desenvolvimento de tais relações também é predeterminado pelas mesmas lógicas coloniais.

Embora não pareça necessário, é bom que se diga que ao final dos encontros não se desconstruíram as lógicas coloniais de atuação encontradas nos grupos e em seus membros. Elas surgiram, foram desvendadas e postas em evidência. De forma que se aponta pela necessidade já demarcada por Moreno desde meados do século XX: para cada grupo, um psicodramatista⁴¹. Se a pesquisa aponta para a contribuição que o método psicodramático tem a acrescentar quando se propõe o trabalho interdisciplinar, está nítido que esse método precisa estar disponível para o grupo de forma não casual, como foi o caso. De todo modo, é essencial dizer que nenhum de nós, que nos expusemos a esses encontros, saímos ilesos. Nem das lógicas nos pré-determinam.

Inverter a lógica do cuidado em saúde, construindo um paradigma centrado no usuário, na família e na coletividade, através de grupos coesos multiprofissionais e de ação interdisciplinar precisa levar em conta o cuidado também com esses grupos. É necessário considerar toda a construção das individualidades que os habitam para desconstruir certezas individualizantes e possibilitar um ambiente seguro para as pessoas se tornarem mais disponíveis para as alteridades. Sobretudo desconstruir determinado personagem construído por aquela mesma lógica

41 J. L. Moreno, *Psicodrama*.

colonial de conduta que, se aparece de maneira individualista, também é solitária. Afinal, não somos indivíduos nem individuais. Nascemos no grupo e nascemos grupos. É preciso encarar o desafio estabelecido por aquela disputa entre o individualismo e o aldeamento, o aquilombamento. Essa disputa de mundos que se revela no cuidado em saúde.

Das falas recolhidas no último encontro, a constituição de vínculos se tornou uma das percepções mais bem avaliadas. Não é por acaso. Vínculos só podem surgir a partir do encontro entre seres. Encontro verdadeiro. Que é dado no aqui-agora. Esse é um dos pontos fundamentais do trabalho: proporcionar encontro para que cada pessoa desenvolva a aprendizagem de se tornar membro do grupo. É esse aprendizado uma meta puramente decolonial proposta pelo psicodrama.

Veja o caso da enfermeira que precisa dar a notícia da morte para a mãe do bebê. Vamos conhecê-la como “a anunciadora”, a partir de agora. Nesse caso, a anunciadora se tornou aquela que mais proporcionou que os vínculos se tornassem mais positivos, no sentido da escolha de serem um grupo. E aconteceu uma catarse naquele aqui-agora que se formou a partir de uma realidade suplementar criada, fazendo todas aquelas subjetividades finalmente se constituírem como outras tantas “anunciadoras”. Essa disponibilidade para sentirem-se como quem tinha um anúncio tão ruim para alguém, para perceberem a dor daquela enfermeira pelos mesmos sentidos que os dela, trouxe laços que circundou o grupo, aproximando as pessoas.

Outra vez lembro de Bispo dos Santos e sua proposta de convergências. Tornar-se grupo, portanto convergir, misturar-se sem medo de se perder, porque as águas do rio que se junta a outro continuam ali, formando outro rio. Elas sabem disso e não se perdem. Tornar-se outro rio não as impede de se conhecerem como aquele rio anterior. Um romper visceral com a lógica predeterminante herdada do colonizador.

Penso nos vínculos e como a ciência de modo geral superestima prioritariamente a individualidade quando os estuda.

De Sigmund Freud e sua psicanálise a John Bowlby e sua teoria do apego, entre tantos outros, os vínculos são vistos e estudados, sempre com muita relevância, mas a partir de conteúdos internos que são construídos com base na relação de bebês com as primeiras figuras de cuidado. Talvez tais estudos e seus resultados sejam inegáveis quando se estudam certos pares de bebês e mães: brancos, do Norte colonizador, portanto, não pobres, não periféricos, não sujeitos a vulnerabilizações das mais variadas, descoletivizados e descoletivizadores, entre outras características. Porque, a meu ver e para o psicodrama tal como o entendo, o vínculo está no entre e revela a relação estabelecida entre seres humanos, que não é sinônimo de indivíduo, de internalidades, mas que é construção histórica, social, psíquica e biológica. É preciso contextualizar os vínculos.

Algumas das desconstruções necessárias atravessam questões pessoais, lógicas afetivas de conduta nas quais, tal como as concebo, trazem no fundo das suas compreensões sempre as lógicas coloniais de atuação porque promoveram o ambiente, a placenta social responsável.

O mais inovador nessa experiência, e que é paradoxal, porque usa de modelos estabelecidos, pré-determinados, como no caso de papéis profissionais desenvolvidos por modos de produção antiquados, apesar de buscar liberação de espontaneidade-criatividade para as pessoas que são subjetivadas exatamente por um mundo preestabelecido: pois bem, o mais inovador é ter as pessoas desestabilizadas ao fim da maioria dos encontros. Parece que é a partir dessa desestabilização que o rompimento com o predeterminado poderá acontecer. Se é da responsabilidade da placenta social garantir que as conservas culturais sejam transmitidas a cada novo ser que nasce dentro dela, gerando estabilidade para que esse possa sobreviver e se desenvolver, é preciso retirar essa estabilidade. Diria que, assim como os papéis vão se construindo pela relação com seus contrapapéis, o mundo interno também vai se construindo pela relação estabelecida com a placenta social.

Portanto, ao desestabilizar o mundo externo no contexto dramático, o mundo interno se beneficia de certa mobilidade, de certo desengessar de convicções que ajuda a romper com aquelas lógicas tão circulantes pela placenta social.

Dessa maneira, o mais inovador é dar oportunidade às pessoas participantes para que saiam sempre dos encontros dizendo que é tudo muito esquisito. Como apontado por quem disse isso no último encontro.

[...] todas as vezes que eu vim e antes eu falava, tipo assim, aí não quero ir no Paulo hoje, eu chorava... [risos] Eu falava assim “Ah, tipo, não tô a fim de ficar tipo tudo reclamando”, “Ai, tem Paulo hoje, cara”, era o dia que eu mais, que era o mais importante para mim, entendeu? Eu acho que, eu tava até agora conversando com a... na cozinha sobre isso, sabe? Eu nunca participei de nada parecido, eu fui no psicólogo uma vez, e pra mim foi horrível, foi péssima a experiência, e pra mim foi uma coisa muito diferente, coisa que eu nunca tinha vivido antes na minha vida. Eu falava assim: “Que isso? É um filme?”, e todas as vezes, porque é uma realidade muito diferente do que eu imaginava e foi muito bom mesmo.

Não era um filme, como sabemos. Mas foi a possibilidade de criar novos enredos, escrever novos roteiros, adotar novas marcas, usar novos diálogos, estabelecer novas conexões, construir personagens a partir de outras percepções, de outros lugares. E viver de forma menos pré-determinada, em um mundo menos pré-determinado, podendo ser cada vez menos pré-determinado. E foi muito bom mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS FILHO, N. C. A.; SOUZA, A. M. P. A percepção sobre o trabalho em equipe multiprofissional dos trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial em Salvador, Bahia, Brasil. *Interface*, v. 21, n. 60, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icsse/a/YkCPK8N7DMfyNcG8G63L9MP/?lang=pt>>. Acesso em: 14 out. 2024.

BENTO, C. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Ilustrações de Santídio Pereira. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BRASIL. Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990, Dispõe que a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. Lei n. 8.142, de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria n. 154, de 24 janeiro de 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – Nasf. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt0154_24_01_2008.html>. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.488, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (Pacs). Brasília, DF, 2011. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. *Estratégia Saúde da Família*. [2023]. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/estrategia-saude-da-familia>>. Acesso em: 14 set. 2023.

EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

FALIVENE ALVES, L. Sentimentos no psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 19, n. 1, p. 147-152, 2011. Disponível em: <<https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/166>>. Acesso em: 18 nov. 2024

FERREIRA, R. C.; VARGA, C. R. R.; SILVA, R. F. Trabalho em equipe multiprofissional: A perspectiva dos residentes médicos em saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/vJNQDXqcdksx4nx7xGRrWMK/#>>. Acesso em: 14 out. 2024.

FREUD, S. *Obras completas*. Edição standard. São Paulo: Imago, 1989.

FROMM, E. *A sobrevivência da humanidade*. São Paulo: Zahar, 1966.

GIL, C. R. R.; MAEDA, S. T. Modelos de atenção à saúde no Brasil. In: SOARES, C. B.; CAMPOS, C. M. S. (Org.). *Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem*. Barueri: Manole, 2013. p. 325-348.

KNOBEL, A. M. Coconsciente e inconsciente em Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 139-152, 2011.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Nova edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MATUDA, C. G.; SILVA PINTO, N. R.; MARTINS, C. L.; FRAZÃO, P. Colaboração interprofissional na Estratégia Saúde da Família: Implicações para a produção do cuidado e a gestão do trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 8, p. 2511-2521, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/JmKzRwJ4gpgxPP9YnMTQtS/?lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2024.

MELIÀ, B. (s. j.). Tekoporã: Formas do bom viver guarani, memória e futuro. In: SILVEIRA, N.H.; MELO, C. R.; JESUS, S. C. de. *Diálogos com os guarani: Articulando compreensões antropológicas e indígenas*. Florianópolis: Editora UFSC, 2016. p. 23-29.

MELO, E. A.; MIRANDA, L.; SILVA, A. M.; LIMEIRA, R. M. N. Dez anos dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf): Problematicando alguns desafios. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 42, n. esp. 1, p. 328-340, set. 2018.

MERHY, E. E. As vistas dos pontos de vista. Tensão dos programas de Saúde da Família que pedem medidas. *Revista Brasileira de Saúde da Família*, v. 15, n. 35-36, p. 1-7, 2013.

MERHY, E. E.; ONOCKO, R. *Agir em saúde: Um desafio para o público*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e Psicodrama*. 2. ed. Campinas: Editorial Psy, 1993.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá: Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. Ed. do estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

NASCIMENTO, B. Kilombo e memória comunitária: Um estudo de caso. *Estudos Afro-Asiáticos*, 6-7. Rio de Janeiro, CEEA/UCAM, pp. 259-265, 1982.

NERY, M. P. *Vínculo e afetividade: Caminho das relações humanas*. São Paulo: Ágora, 2014.

PAIM, J. S. *Reforma sanitária brasileira: Contribuição para a compreensão e crítica*. Salvador: Edufba; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

PEDUZZI, M.; AGRELLI, H. L. F.; SILVA, J. A. M.; SOUZA, H. S. Trabalho em equipe: Uma revisita ao conceito e a seus desdobramentos no trabalho interprofissional. *Trabalho, Educação e Saúde*, Botucatu, v.18 s1, jun. 2020. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/RLtz36Ng9sNLHknn6hLBQvr/?lang=pt>>. Acesso em: 10 out. 2024.

PERAZZO, S. *O forro e o avesso*. São Paulo: Ágora, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Anuário Mariateguiano*, Lima, Amatua, v. 9, n. 9, 1997.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo*. Coimbra: Almedina, 2018.

SCHEINER, Teresa C. M. *Interação museu-comunidade pela educação ambiental*. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1990.

URSS. *Declaração de Alma Ata sobre cuidados primários*. Alma-Ata, URSS, 12 set. 1978. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_alma_ata.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

Apêndice

FEBRAP: SUA FUNÇÃO E HISTÓRIA

A Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP) é uma sociedade civil, de direito privado, de caráter educativo, social, de saúde e científico-cultural, sem fins lucrativos, fundada em 21 de agosto de 1976. Tem por finalidade a união das entidades brasileiras de psicodrama que adotam como base comum a filosofia, a teoria e as práticas propostas por Jacob Levy Moreno, assim como sua atualização, em diálogo com novos estudos e pesquisas nos diversos campos do conhecimento humano. Sua principal função é organizar e difundir os Princípios Gerais Normativos da Formação e Titulação em Psicodrama, promovendo a divulgação do saber psicodramático desenvolvido por J. L. Moreno, e estimular a integração de profissionais por meio de suas instituições federadas, congressos, seminários, cursos e eventos. Além disso, propõe-se a manter o intercâmbio com outras entidades congêneres, municipais, estaduais, nacionais e internacionais.

A FEBRAP, que tem como sede a cidade de São Paulo, congrega atualmente 23 escolas de formação de psicodramatistas em todo o Brasil, divididas entre as regiões de São Paulo (interior e capital), Centro-Oeste, Norte-Nordeste, Sul e Sudeste. Para saber mais sobre a localização das escolas, acesse: <http://febrap.org.br/federadas>

Os profissionais com formação em psicodrama recebem, pela FEBRAP, o título de psicodramatistas. O psicodramatista trabalha com pessoas e grupos nas áreas da saúde, social, educacional e organizacional. Pode também ser capacitado como professor de psicodrama, supervisor e orientador.

Como contribuição à comunidade científica, de 1978 a 1992 a FEBRAP publicou a *Revista da FEBRAP* e desde 1993 publica a *Revista Brasileira de Psicodrama*. Editada pela Diretoria de Publicações da Federação, tem como objetivo divulgar trabalhos sobre a Teoria Socionômica de Jacob Levy Moreno, bem como as novas tendências do movimento psicodramático nacional e internacional, estimulando a reflexão e o debate sobre o psicodrama inserido no contexto científico, cultural, social e político contemporâneo. Até 2013, a revista foi apresentada na versão impressa e desde então é disponibilizada na versão on-line, pelo link: <http://febrap.org.br/revista-cientifica>. Outra forma de apresentação da revista é o projeto “Revista Viva”, que recebe mensalmente autores e convidados para uma reflexão sobre seus artigos, em uma intervenção sociodramática.

A FEBRAP também se faz presente nas redes sociais (Instagram, Facebook e LinkedIn, e em especial no YouTube) com documentários produzidos com a participação de psicodramatistas de diferentes gerações.

Outra contribuição da FEBRAP aos estudiosos do psicodrama e áreas afins são os congressos brasileiros de psicodrama, realizados a cada dois anos, em diferentes cidades e regiões do país. Esses congressos têm dois objetivos fundamentais: promover a integração e o desenvolvimento profissional dos participantes e contribuir para a promoção da saúde e o desenvolvimento humano. Como exemplo de resultado pós-congresso, em 2015 surge o projeto Psicodrama Público (proposta de atividade denominada EM CENA) que atende até hoje um público de psicodramatistas, estudantes de psicodrama e graduação, e a comunidade em geral. O Congresso Brasileiro de Psicodrama de 2024 marca a 24ª edição do evento.

Pela contribuição à FEBRAP, e consequentemente ao Movimento Psicodramático Brasileiro, a gestão 2023-2024 agradece a todos os que têm colaborado para a concretização dos 48 anos de existência da Federação.

FEDERADAS/FEBRAP | 2024

ABP Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama – Brasília/DF
ABPS Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama – São Paulo/SP
Aprender Vivo Instituto Aprender Vivo – São José do Rio Pardo/SP
APP Associação Paranaense de Psicodrama – Curitiba/PR
ASBAP Associação Bahiana de Psicodrama – Salvador/BA
Casa das Cenas O Psicodrama Mineiro – Uberlândia/MG
Casa do Encontro Espaço Terapêutico e de Formação – Franca/SP
DPSedes Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae – São Paulo/SP
DRAMATRIZ Instituto de Psicodrama – João Pessoa/PB
EK Eddy Keller Empreendimentos – Franca/SP
Entre Nós Associação Entre Nós – Campo Grande/MS
GETEP Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos – São Paulo/SP
IDH Instituto de Desenvolvimento Humano – Porto Alegre/RS
IMPSI Instituto Mineiro de Psicodrama J.L. Moreno – Belo Horizonte/MG
IPM Instituto de Psicodrama e Máscaras – Fortaleza/CE
LÓCUS PSICODRAMA Consultoria, Desenvolvimento e Prestação de Serviços – Florianópolis/SC
NEPSAR Núcleo de Estudos e Pesquisa em Sociopsicodrama – Santo André/SP
POTENCIAR Potenciar Consultores Associados – São Paulo/SP
PROFINT Profissionais Integrados Ltda – Aracaju/SE
SOGEP Sociedade Goiana de Psicodrama – Goiânia/GO
SOPSP Sociedade de Psicodrama de São Paulo – São Paulo/SP
SOVAP Sociedade Paulistana de Psicodrama – São Paulo/SP
VIVER Viver Psicologia: Psicodrama – Tubarão/SC

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES

REVISTA DA FEBRAP

1977-1984

Primeira publicação: editorial assinado por Laís Machado

REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA

1990/1994-2024

1990 Editor: Moysés Aguiar publica o volume 1 – números 1 e 2

1994 a 2004 Editores: Wilson Castello de Almeida em parceria com Murillo Viotti

2005 a 2011 Editor: Devanir Merengué

2012 a 2022 Editora Heloisa Fleury
2023 Editoras Heloisa Fleury e Oriana Holsbach

LIVROS

- 2016 *Impromptu Man: J. L. Moreno e as origens do psicodrama, da cultura do encontro e das redes sociais*. Autor Jonathan D. Moreno. Editor: Guilherme Loureiro, 2016.
- 2024 *Sociometria, método experimental e a ciência da sociedade: Abordagem para uma nova orientação política*. Editor: Paulo Bareicha.

GESTÕES DA FEBRAP

24ª Gestão São Paulo/SP

2023-2024

Presidência: Andréa Claudia de Souza
Diretoria de Ensino e Ciência: Vanessa Ramalho Ferreira Strauch
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Viviane Oliveira de Almeida Jeremias
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Adelsa Maria Alvarez Lima da Cunha
Diretoria Administrativa: Denilda Oliveira do Prado
Diretoria Financeira: Carlos Alberto Machado Ribeiro
Diretoria de Publicações: Luiza Lacerda de Oliveira
Suplentes: Wesley Miranda Marques e Geórgia Maria Albuquerque de Paula Lopes
Ouvidoria: Lucio Guilherme Ferracini

23ª Gestão São Paulo/SP

2021-2022

Presidência: Andréa Claudia de Souza
Diretoria de Ensino e Ciência: Ana Maria Pereira de Souza
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Silvana Echenique Becker
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Leandro Felipe Diniz Vieira
Diretoria Administrativa: Mônica Rahal Mauro
Diretoria Financeira: Rafael Barros de Oliveira
Diretoria de Publicações: Luiza Maria Soares Barros
Suplentes: Viviane Oliveira de Almeida Jeremias e Luiza Lacerda de Oliveira
Ouvidoria: Wladinéia Campos Danielski

22ª Gestão São Paulo/SP

2019-2020

Presidência: Rosa Lúcia Pacheco Ferreira Pontes
Diretoria de Ensino e Ciência: Gisele da Silva Baraldi
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Marta Correa Echenique
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Zora Adrienne Gomes Viana
(até março 2020) / Leandro Felipe Diniz Vieira
Diretoria Administrativa: Leandro Felipe Diniz Vieira / Camila Tyrrell
Diretoria Financeira: Camila Tyrrell
Diretoria de Publicações: Silvamir Alves
Suplentes: Silvana Echenique Becker e Purificacion Martin Abule Miceli
Ouvidoria: Luiza Maria Soares Barros

21ª Gestão São Paulo/SP

2017-2018

Presidência: Rosa Lúcia Pacheco Ferreira Pontes
Diretoria de Ensino e Ciência: Wladinéia Campos Danielski
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Felipe Torres Amato (2017
até maio de 2018) / Amarilis de Fátima Wosniack Falat
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Zora Adrienne Gomes Viana
Diretoria Administrativa: Mara Solange da Silva Amaral (até setembro
de 2017) / Elizabeth Lorenzetti Bez Chleba
Diretoria Financeira: Carlos Alberto Machado Ribeiro
Diretoria de Publicações: Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Suplentes: Elizabeth Lorenzetti Bez Chleba (até setembro de 2017) /
Amarilis de Fátima Wosniack Falat (até maio de 2018)
Ouvidoria: Eliane Lúcia Katinas de Oliveira

20ª Gestão São Paulo/SP

2015-2016

Presidência: Ellen Lamberg Carneiro Bond
Diretoria de Ensino e Ciência: Yvette Betty Datner (2015) / Wladinéia
Campos Danielski (2016)
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Andréa Claudia de Souza
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Felipe Torres Amato
Diretoria Administrativa: Luiza Maria Soares Barros
Diretor Financeiro: Sérgio Eduardo Serrano Vieira
Suplentes: Irineu Américo de Oliveira
Ouvidoria: Rosa Lúcia Pacheco Pontes

19ª Gestão São Paulo/SP

2013-2014

Presidência: Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Diretoria de Ensino e Ciência: Yvette Betty Datner

Diretoria de Eventos Científico-culturais: Ellen Lamberg Carneiro Bond
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Maria da Graça Campos
Diretoria Administrativa: Andréa Claudia de Souza
Diretor Financeiro: Irineu Américo de Oliveira
Suplentes: Sérgio Serrano e Cybele Rabelo Ramalho
Ouvidoria: Geraldo Massaro

18ª Gestão São Paulo/SP

2011-2012

Presidência: Alcione Ribeiro Dias
Diretor de Ensino e Ciência: Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Adelsa Cunha
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Milene Féo / Graça Campos
Diretoria Administrativa: Plínio Bronzeri / Jorge Artur Queiroz
Diretora Financeira: Elisabeth L. B. Chleba
Suplentes: Maria das Graças Campos e Jorge Artur Queiroz
Ouvidoria: Maria Cecília Veluk Dias Baptista

17ª Gestão São Paulo/SP

2009-2010

Presidência: Adelsa Cunha
Diretoria de Ensino e Ciência: Marta Echenique
Diretoria de Eventos Científico-culturais: Milene De Stefano Féo
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Maria do Carmo Mendes Rosa
Diretoria Administrativa: Maria Eugênia Fuseiro
Diretora Financeira: Alcione Ribeiro Dias
Suplentes: Márcia P. Bernardes e Antonio Carlos de O. Souza
Ouvidoria: Stela Fava

16ª Gestão São Paulo/SP

2007-2008

Presidência: Marlene Magnabosco Marra
Diretoria de Ensino e Ciência: Marcia Almeida Batista
Diretoria de Científico-culturais: Cristiene Tenório
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Maria Ap. Fernandes Martin
Diretoria Administrativa: Izabel Sanchez Abrahão
Diretora Financeira: Lilian Rodrigues Tostes
Suplentes: Ana Claudia Nascimento e Silvamir Alves
Ouvidoria: Heralde Silva

15ª Gestão São Paulo/SP

2005-2006

Presidência: Maria Cecília Veluk Dias Baptista
Diretoria de Ensino e Ciência: Stela Fava
Diretoria de Científico-culturais: Lilian Rodrigues Tostes

Diretoria de Comunicação e Divulgação: Adelsa Cunha
Diretoria de Administração e Finanças: Irineu Américo de Oliveira
Suplentes: Cristiene Tenório e Marlene Magnabosco Marra

14ª Gestão São Paulo/SP

2003-2004

Presidência: Marta Echenique
Diretoria de Ensino e Ciência: Stela Fava
Diretoria de Científico-culturais: Maria Cecília Veluk D. Baptista
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Patrícia Rassi
Diretoria de Administração e Finanças: Adelsa Cunha
Suplentes: Nelda Couto Rodrigues e Maria Elizabeth Fassa

13ª Gestão São Paulo/SP

2001-2002

Presidência: Heloisa Junqueira Fleury
Diretoria de Ensino e Ciência: Madalena Cabral Rehder
Diretoria de Científico-culturais: Waldeck D'Almeida
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Carlos Alberto Souza Borba
Diretoria de Administração e Finanças: Terezinha Tomé Baptista
Suplentes: Dulcinea Cassis e Edite Xavier

12ª Gestão São Paulo/SP

1999-2000

Presidência: Heloisa Junqueira Fleury
Diretoria de Ensino e Ciência: Teresinha Maria Dezen Gaiolla
Diretoria de Científico-culturais: Carmita Helena Najjar Abdo
Diretoria de Comunicação e Divulgação: Carlos Alberto Souza Borba
Diretoria de Administração e Finanças: Maria Sílvia Junqueira Wolff
Suplentes: Fátima Cristina C. Fontes e Maria Eveline C. Ramos

11ª Gestão São Paulo/SP

1997-1998

Presidência: Marlene Magnabosco Marra
Diretora de Ensino e Ciência: Ana Maria Fonseca Zampieri
Diretora de Comunicação e Divulgação: Maria Cecília V. Dias Baptista
Diretoria de Científico-culturais: Carlos Alberto Souza Borba
Diretoria de Administração e Finanças: Heloisa Junqueira Fleury
Suplente: Dalka Chaves de Almeida Ferrari

10ª Gestão São Paulo/SP

1995-1996

Presidência: Oswaldo Politano Jr.
Diretoria de Científico-culturais: Wilma Silveira Bueno
Diretoria de Ensino e Ciência: Marlene Magnabosco Marra
Diretoria de Infraestrutura: Vera Cecília Motta Pereira

Diretoria de Divulgação e Comunicação: Sílvia Regina Antunes
Petrilli

Suplentes: Manoel Dias Reis e Marcia Amadeu Bragante

9ª Gestão São Paulo/SP

1993-1994

Presidência: Luiz Amadeu Bragante

Diretor de Ensino e Ciência: Yvette Betty Datner

Diretor de Científico-culturais: Oswaldo Politano Jr.

Diretor de Infraestrutura: Rosa Lídia Pacheco Pontes

Diretor de Divulgação e Comunicação: Sérgio Perazzo

Coordenador Executivo da Diretoria de Divulgação e

Comunicação: Vera Cecília Motta Pereira

Suplente: Manoel Dias Reis

8ª Gestão São Paulo/SP

1991-1992

Presidência: Geraldo Massaro

Vice-presidência: Maria Rita Seixas

1º Secretário: Adoração Gil Cliquet

2º Secretário: Marcia Braga Cliquet

1º Tesoureiro: Lucia Cristina Z. Della Nina

2º Tesoureiro: Tereza N.V.P. Pires

1º Suplente: Dácio Bonaldi Dutra

7ª Gestão Rio de Janeiro/RJ

1989-1990

Presidência: Alexandre Ribeiro Bhering

Vice-presidência: José Carlos Landini

1º Secretário: Ana Maria Lina de Almeida

2º Secretário: Angelina Maria Lisboa Patacho

Tesoureiro: Maria Antonia Simões de Freitas

1º Suplente: Maria Helena Nazaré

2º Suplente: Maria Augusta Batista Souza

6ª Gestão Salvador/BA

1987-1988

Presidência: Maria Luíza Soliani

Vice-presidência: Paulo Sérgio Amado dos Santos

1º Secretário: Romélia Santos

2º Secretário: Simone Tereza T.C. e Silva Franco

Tesoureiro: Antonio Carlos Costa

1º Suplente: Neuza Maria de Carvalho Castilho

2º Suplente: Sandra Bandeira Caria D'Almeida

5ª Gestão Goiânia/GO**1985-1986****Presidência:** Geraldo Francisco do Amaral**Vice-presidência:** Alfredo Di Giovannantonio**1º Secretário:** Celia Maria Ferreira da Silva Teixeira**2º Secretário:** Manoel Dias Reis**Tesoureiro:** Ceres Regina Fernandes**1º Suplente:** Paulo Mauricio de Oliveira

4ª Gestão Campinas/SP**1983-1984****Presidência:** José Carlos Landini**Vice-presidência:** Luís Falivene Roberto Alves**1º Secretário:** Maria Ester Rodrigues Esteves**2º Secretário:** Ana Aparecida Pessoa Pires**Tesoureiro:** Marcelo Amatte**1º Suplente:** Oswaldo Politano Jr.**2º Suplente:** Anita Cecilia Lofrano Paladini

3ª Gestão Curitiba/PR**1981-1982****Presidência:** Ismael Fabricio Zanardini**Vice-presidência:** Maria do Carmo Corradini**1º Secretário:** Gentila Fermina Carneiro**2º Secretário:** Edson Duarte Dias**Tesoureiro:** Durval Alves Duarte Lomba

2ª Gestão Porto Alegre/RS**1979-1980****Presidência:** Flávio S. Pinto**Vice-presidência:** José Theobaldo Diefenthaler**1º Secretário:** Marta Echenique Becker**2º Secretário:** Luciano Correa da Silva**Tesoureiro:** Ravardiére Gama**1º Suplente:** Waldo Junior**2º Suplente:** Suzana Duclós

1ª Gestão São Paulo/SP**1976-1978****Presidência:** Içami Tiba**Vice-presidência:** Alfredo Naffah Neto**1º Secretário:** Carlos Alberto Saad**2º Secretário:** Victor Roberto C. S. Dias**Tesoureiro:** Laís Machado**1º Suplente:** Lilian Pinheiro**2º Suplente:** Suzana Domingues de Castro

CONGRESSOS BRASILEIROS DE PSICODRAMA E SEUS TEMAS

24º Congresso Brasileiro de Psicodrama e 2º Congresso Regional Latino-americano de Psicoterapia de Grupo e Processos Grupais 11/09 a 14/09/2024

Tema: Que Mundo Queremos? Eu, Você, Nós!

Local: PUC/MG e plataforma virtual

Presidência: Maria das Graças Campos e Ana Cristina Caldeira

23º Congresso Brasileiro de Psicodrama 02/09 a 07/09/2022

Tema: Salto para o Mundo em Rede?

Local: Unip/SP e plataforma virtual

Presidência: Maria Célia Malaquias

22º Congresso Brasileiro de Psicodrama 07/10 a 10/10/2020

Tema: Psicodrama para Todos

Local: Programado originalmente em Gramado/RS, mas realizado em plataforma virtual (em virtude da Covid-19)

Presidência: Marta Corrêa Lopes Echenique

21º Congresso Brasileiro de Psicodrama 27/04 a 30/04/2018

Tema: Relações Transformadoras

Local: Fortaleza/CE

Presidência: Marco Antonio Amato

20º Congresso Brasileiro de Psicodrama 25/05 a 28/05/2016

Tema: Soluções para Tempos de Crise

Local: UNIP-Paraíso / São Paulo/SP

Presidência: Andréa Claudia de Souza

19º Congresso Brasileiro de Psicodrama 30/04 a 03/05/2014

Local: Foz do Iguaçu/PR

Tema: Psicodrama e Humanidade no Século 21

Presidência: Ellen Lamberg Carneiro Bond

18º Congresso Brasileiro de Psicodrama 06/06 a 09/06/2012

Tema: Poder em Novos Tempos

Local: Brasília/DF

Presidência: Adelsa Maria Alvarez Lima da Cunha

**17º Congresso Brasileiro de Psicodrama e 1º Congresso Latino-americano
de Psicoterapia de Grupo e Processos Grupais** 03/09 a 07/09/2010

Tema: Tempo para o Tempo

Local: Águas de Lindoia/SP

Presidência: Milene De Stefano Féo

XVI Congresso Brasileiro de Psicodrama 25/06 a 28/06/2008

Tema: Como Sobreviveremos? Ação Transformadora e Corresponsabilidade

Local: Recife/PE

Presidência: Cristiene Tenório

XV Congresso Brasileiro de Psicodrama 01/11 a 04/11/2006

Tema: Percurso e Perspectivas do Psicodrama no Brasil. FEBRAP 30 anos

Local: UNIP / São Paulo/SP

Presidência: Lilian Rodrigues Tostes

XIV Congresso Brasileiro de Psicodrama 09/06 a 12/06/2004

Tema: Sociedade Brasileira em Cena. A Ação Transformadora do Psicodrama

Local: Belo Horizonte/MG

Presidência: Maria Cecília Veluk Dias Baptista

XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama 29/05 a 01/06/2002

Tema: Raízes, Transformações, Perspectivas

Local: Costa do Sauípe/BA

Presidência: Waldeck D'Almeida

XII Congresso Brasileiro de Psicodrama 08/11 a 12/11/2000

Tema: Parcerias, Resgates, Resolutividade

Local: Águas de Lindoia/SP

Presidência: Carmita Abdo

XI Congresso Brasileiro de Psicodrama 04/11 a 07/11/1998

Tema: Atualizando a Cena

Local: Campos do Jordão/SP

Presidência: Maria Eveline Cascardo Ramos

X Congresso Brasileiro de Psicodrama 06/11 a 10/11/1996

Tema: Ave Creator – Ato Criador, Ciência e a Construção do Homem

Local: Pousada do Rio Quente / Caldas Novas/GO

Presidência: Wilma Silveira Bueno

IX Congresso Brasileiro de Psicodrama	02/11 a 06/11/1994
Tema: Quem Sobreviverá? Crise e Criação	
Local: Águas de São Pedro/SP	
Presidência: Oswaldo Politano Junior	
VIII Congresso Brasileiro de Psicodrama	10/10 a 14/10/1992
Tema: A Pluralidade do Psicodrama Brasileiro	
Local: Colégio Santa Cruz / São Paulo/SP	
Presidência: Maria Rita D'Angelo Seixas	
VII Congresso Brasileiro de Psicodrama	07/11 a 11/11/1990
Tema: Psicodramatizando	
Local: Hotel Glória / Rio de Janeiro/RJ	
Presidência: Carlos José Rubini	
VI Congresso Brasileiro de Psicodrama	11/07 a 15/07/1988
Tema: Psicodrama: Matriz, Diferenciação, Projeto	
Local: Othon Palace Hotel / Salvador/BA	
Presidência: Maria Luisa Carvalho Soliani	
V Congresso Brasileiro de Psicodrama	15/05 a 20/05/1986
Tema: A Construção da Teoria como Conquista Científica da Prática Psicodramática	
Local: Pousada do Rio Quente / Caldas Novas/GO	
Presidência: Alfredo Di Giovann Antonio	
IV Congresso Brasileiro de Psicodrama	13/06 a 16/06/1984
Local: Águas de Lindoia/SP	
Presidência: Luiz Falivene Roberto Alves	
III Congresso Brasileiro de Psicodrama	08/10 a 12/10/1982
Local: Balneário Caiobá / Matinhos/PR	
Presidência: Maria do Carmo Corradini	
II Congresso Brasileiro de Psicodrama	04/06 a 08/06/1980
Local: Canela/RS	
Presidência: José Theobaldo Diefenteller	
I Congresso Brasileiro de Psicodrama	24/05 a 28/05/1978
Local: Grande Hotel Pavani / Serra Negra/SP	
Presidência: Içami Tiba	